



A desinformação na pandemia

Pedro Fonseca

A desinformação na pandemia

Julho de 2020

Autor

Pedro Fonseca

Design Gráfico

Sara Dias

Fotografia de Capa

Javier Esteban/Unsplash

Produção

Conclusão das Letras

Versão online em TICtank.pt

Patrocínio





A desinformação na pandemia

Pedro Fonseca

01

A pandemia paralela

02

O pandemónio da pandemia

03

Os primeiros dias

04

A falta de “informação autoritária”

05

Informação muito pouco fiável

06

E em Portugal?

A pandemia paralela

Novo coronavírus, Covid-19 ou Sars-CoV-2 são a expressão científica da causa da actual pandemia e são também sinónimo de desinformação, uma cacofonia de falsidades que se aproveita de problemas contemporâneos.

Ela é bem conhecida nas questões políticas. Países como os EUA, China, Rússia, Turquia ou Irão usam eventos importantes para propagarem mensagens políticas falsas, procurando audiências internas ou internacionais.

O campo da saúde tem sido mais poupado mas tal resulta apenas da escassa atenção mediática no diminuto espaço de divulgação científica nos media tradicionais em Portugal.

Essa divulgação e a literacia da ciência não servem só para encher páginas de jornais com imagens bonitas de planetas a anos-luz ou vírus a uma escala microscópica. "A compreensão pública da ciência é importante porque influencia atitudes e comportamentos. Perceber que uma política pública é legítima aumenta a vontade de cumpri-la. Além disso, alguns grupos são mais vulneráveis do que

outros à desinformação", explica o projecto europeu Tresca. E esta não tende para a diminuição.

O ataque às vacinas e os defensores da não inoculação existem desde o final do século XX e são um dos principais focos de disseminação de falsidades na saúde em geral, pelo aproveitamento que fazem para transmitir a sua mensagem errónea. O Covid-19 não foi excepção.

A desinformação foi notada na crise pandémica por ser acelerada pela rapidez no seu aparecimento e pelo confinamento, com o consequente aumento no espaço mediático (tradicional e de redes sociais). Essa agilidade serviu-se de um re-aproveitamento e remistura de mensagens antigas e pelo repescar de "actores" internacionais antes apontados noutros esquemas.

Com uma audiência mundial garantida em praticamente todos os países, foi relativamente fácil minar as fontes credíveis de informação - tarefa também facilitada pelos erros cometidos por essas organizações.

As populações com escassos conheci-

mentos de ciência em geral e de virologia muito em particular, foram bombardeadas com mensagens contraditórias da comunidade científica pouco interessada em informar. Perante esta ocupação do palco mediático, seguiu-se o afastamento dos cientistas pelos políticos, como se a sua credibilidade pudesse ser re-estabelecida numa pandemia.

O que foi dito?

Num período tão obscuro, as teorias da conspiração triunfam facilmente. São como os vírus. Sem preocupações com as fronteiras, procuram um hospedeiro acolhedor, adaptam-se com mutações ou recombinações adequadas ao espaço onde se inserem.

Em espaços xenófobos ou racistas, o vigor das mensagens de ódio ou de desinformação reflecte esses sentimentos. Em Inglaterra, por exemplo, 19% das 2.500 pessoas inquiridas em Maio pela University of Oxford acreditava que os judeus criaram o vírus "para colapsar a economia e obterem ganhos financeiros" e 20% responsabilizava judeus ou muçulmanos por disseminarem o vírus. Seis em cada 10 adultos acreditava que o governo

enganava o público sobre a causa do vírus.

O objectivo destas estratégias é, para 40%, "uma tentativa deliberada de pessoas poderosas ganharem controlo". 20% é liminar: "o vírus é uma mentira".

Um sinal positivo neste ambiente foi que a desinformação nem sempre triunfou. As teorias da conspiração tendem a permear quem já está disposto a recebê-las mas investigadores de vários países, incluindo Portugal, registaram mudanças de atitude quando o vírus atingiu os países, com os locais a procurarem informação fiável em fontes credíveis, que só depois partilhavam.

Esta separação entre mentiras e fiabilidade não é uma tarefa fácil. A desinformação baseia-se normalmente num facto verdadeiro mas há casos duvidosos em só um amplo conhecimento científico ajuda a desmistificar.

Em 2003, no surto de SARS-CoV, turistas americanos ou japoneses viajaram para países onde esta síndrome respiratória aguda grave se espalhava.

"Havia mais turistas japoneses na China do que americanos e, no entanto, o Japão escapou à SARS - com zero casos oficialmente registados", revelou Sakae Inouye, da Otsuma Women's University.

A explicação dada por Inouye em Junho passado à revista *Vice* foi a de que a SARS se transmitia mais facilmente em falantes de mandarim ou de inglês "devido à quantidade de inspiração e expiração necessária para produzir os sons comuns desses idiomas".

A ideia ressurgiu agora com o SARS-CoV-2. Em Maio, circulou um vídeo da televisão japonesa a mostrar uma mulher dizendo: "Esta é uma caneta", primeiro em japonês e depois em inglês. Com um pano branco pendurado na frente do rosto, se ela fala inglês, o pano agita-se pelo "vento emitido da sua boca; quando fala japonês, ele fica quase totalmente parado".

O acto de "cantar já foi implicado na disseminação de doenças. Na década de 1960, os investigadores analisaram como o canto pode ajudar a espalhar a tuberculose. Eles descobriram que o

número de gotículas no ar produzidas pelo canto era seis vezes maior do que o número produzido pela fala e quase o mesmo que a tosse".

Neste caso, o que parece ser uma mentira pode ser estranho mas não é desinformação.

O que se procura?

O termo desinformação é usado quando o foco visa enganar alguém. Correctamente, o termo tem, pelo menos, dois sentidos na sua origem inglesa.

"Misinformation" é usado quando a informação é falsa ou errada e é enviada com o propósito (ou não) de enganar quem a recebe. "Disinformation" refere-se a falsidades ou mensagens enganosas distribuídas de forma organizada para iludir o receptor.

Para os investigadores das teorias da conspiração, este é um momento pioneiro, uma experiência sem paralelo. "É uma oportunidade para ver como todo o mundo dá atenção a um tópico", diz Renée diResta, do Stanford Internet Observatory.

Eles procuram entender como as mensagens são geradas, por quem, qual o objectivo dos criadores, como são disseminadas, como crescem nas redes sociais e "infectam" os utilizadores. Com esse conhecimento, talvez consigam uma preponderância de mensagens fiáveis nesse campo minado da conspiração.

Por agora, é uma segunda pandemia - ou "infodemia", segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Aproveita-se do "vácuo da incerteza" científica, sintetizou o biólogo Carl Bergstrom, da University of Washington. Neste vazio misturam-se temas e afrontas. Após a morte do norte-americano George Floyd, o movimento anti-vacinas infiltrou-se nas manifestações do Black Lives Matter para alegar que "vacinas são parte do racismo estrutural".

O racismo entra ainda nos fóruns anti-vacinas com ataques directos ao director-geral da OMS (o etíope Tedros Ghebreyesus) ou à organização, pelo hipotético apoio que terá dado à China no início da pandemia. Mas essa transferência de bits de desinformação e ódio co-existe com esquemas mais elaborados. Nos

EUA, entre Janeiro e Maio, foram registados mais de 68 mil domínios para sites Web usando termos relacionados com o coronavírus, contabilizou Joan Donovan. Esta socióloga na Harvard University analisou o problema para detectar os que vendiam falsos tratamentos ou recolhiam dados pessoais, referiu à revista Nature.

A nível europeu, o Council of European National Top-Level Domain Registries concluiu no início de Maio que, de uma amostra a 12 entidades de registo de domínios, foram detetados 6.164 relacionados com covid, corona ou virus, de um total de 751 mil. "A maioria deles foi registada durante a segunda metade de Março de 2020", referiu.

Nesse mesmo período, foram efectuados mais de 350 registos relacionados com Covid em Portugal. O mais antigo datava de 14 de Janeiro. A entidade nacional responsável pelos registos, a .PT, tinha "em observação" esse tipo de registos desde Janeiro, notando que não tiveram "um impacto significativo, representando apenas cerca de 1% do total de domínios registados em .pt".

Quais serão os efeitos científicos?

A infodemia não minou apenas a confiança nos políticos, justificada ou não, mas poderá fazer pior na comunidade científica, onde parece ser normal sair deste tipo de crises com a reputação mais abalada.

Nos EUA, 38% dos inquiridos em Junho pelo Pew Research Center considerou ser difícil identificar a mentira da verdade relativamente ao vírus, por comparação com o início da pandemia. A descrença será um dos efeitos mais devastadores para a literacia científica, ao "questionar o valor da investigação e do conhecimento científicos".

A exposição a epidemias anteriores teve esse impacto na confiança dos indivíduos perante a ciência e os cientistas, notou um estudo do Wellcome Trust a mais de 70 mil indivíduos em 160 países com informações sobre epidemias globais desde 1970.

O trabalho, publicado em Junho pelo European Bank for Reconstruction and Development, mostra como essa exposição "reduz significativamente a confiança nos cientistas e nos bene-

fícios do seu trabalho", embora não se saiba se a percepção da ciência sairá melhorada ou diminuída, ou sequer "se essas mudanças afectarão principalmente o esforço da ciência ou os cientistas como indivíduos".

Por essa análise histórica, "o vírus não terá um impacto na consideração com que a ciência é realizada, mas reduzirá a confiança nos cientistas individuais, piorará a percepção da sua honestidade e enfraquecerá a crença de que as suas actividades beneficiam o público".

Essa negatividade deverá afectar principalmente os jovens em "anos impressionáveis", quando as suas crenças estão em processo de formação.

Uma alternativa passa por os cientistas se mostrarem úteis e usarem as mesmas ferramentas técnicas da desinformação para atingir essas audiências. Perante a escassez de investigadores que usa os meios digitais onde estes jovens circulam, será eficaz expô-los a mensagens fiáveis que reflectam uma utilidade social dos cientistas.

Deixar essa tarefa para as redes sociais é uma fraca delegação. Estas, apesar do que foi dito sobre as suas boas intenções em criar um ambiente saudável anti-desinformação, tiveram uma quantidade de casos divulgados que demonstrou como o foco no lucro se mantém inalterado na crise pandémica.

Enquanto isso, na política...

Um inquérito do Reuters Institute sintetiza o impacto político sentido nos primeiros cinco meses da pandemia, quando 39% de ingleses considerou terem existido falsas alegações nas acções ou políticas das autoridades.

O problema está relacionado com as expectativas criadas por uma classe política que adoptou a metáfora da "guerra". Ao definir o ataque externo (o vírus) e as medidas internas para o combate, preparou a instalação de um estado de guerra dentro das suas fronteiras e as populações para uma escalada autoritária. Uns não gostaram dessa insinuação, outros queriam mais.

Ao nível da garantia das liberdades, as democracias não limitaram os

media, por exemplo. Eles eram livres de dizer o que queriam – mas a maior parte do assunto provinha de fontes oficiais que limitavam a informação consoante os seus interesses, incluindo a partilha com a comunidade científica.

Também não ocorreram limitações à liberdade de manifestação, como se viu nos EUA. Apenas se evoluiu da total liberdade de movimentos para o uso da polícia local, depois federal e ainda para milícias anti-motim de cara tapada, desconhecidas em geral e, nomeadamente, se tinham um enquadramento público ou privado.

Esta última vertente ajudou igualmente a minar as decisões dos governos, quando se assistiu a uma estranha pressa em aquisições sem qualquer escrutínio ou contraponto institucional.

Nesse sentido, certos governos decidiram financiar o uso de uma aplicação de rastreamento de contactos no smartphone - mostrando desconhecer as alternativas de fuga a essa estratégia -, sem justificarem porque não existiam equipas humanas suficientes no terreno a efectuarem esse reconhe-

cimento e acompanhamento nas zonas (potencialmente) infectadas.

Tal como sucede na ciência, a formação de crenças nos "anos impressionáveis" da juventude ocorre com uma geração de políticos indecisos.

A pandemia pelo Covid-19 é a terceira deste século, após os ataques terroristas aos EUA em 2001 e à salvação financeira desde 2008. Em termos sociais, as duas primeiras mostraram o que os políticos podiam fazer na sua esfera de acção e na finança. Esta terceira demonstra quão mal preparados estão no domínio da ciência.

Os EUA são um exemplo quando cada um dos três últimos presidentes teve de lidar com uma crise. A idade não ajudou? George W. Bush tinha 54 anos em Janeiro de 2001, quando tomou posse. Barack Obama tinha 47 em 2009. Em 2017, Trump tornou-se o presidente mais idoso a tomar posse, com 70 anos.

É difícil entender a causa para a impreparação política ou se há uma ignorância que até os deixa confortáveis na transferência de responsabilidades políticas para crianças, como

sucede na crise ambiental.

O que se sabe é da necessidade de alguém ter o controlo da narrativa e não são os jovens quem o fará. Os "guardiões da narrativa", como lhes chamava a revista UnHerd em Maio, são as "pessoas que avaliam histórias e eventos e pronunciam não apenas o que é certo e errado, mas o que é discutível e o que não é - que se permitem declarar o que é e não é proibido".

Media, políticos, investigadores universitários e grupos de reflexão podem desempenhar "um papel significativo" mas "o problema em assumir o papel de árbitro é que se deve ter 100% de precisão na escolha dos alvos".

Se isso não sucede, há o "perigo óbvio" de declarar que "algo é falso, ou afirmar que é uma 'teoria da conspiração', quando na verdade deveria ser simplesmente considerado 'teoria'". Essa "mancha" na verdade ocorreu de forma exagerada nesta pandemia.

Falou-se de muito mas não da vida. Falaram indivíduos e instituições

"que procuravam relevância por forma a assegurar financiamento". Alguns tornaram-se virologistas num tempo super-rápido, criticava ainda a UnHerd.

Tudo isso contribuiu para uma "erosão da verdade", um vácuo preenchido em várias ocasiões pela desinformação, e "todos sabemos o dano que pode ser causado pela disseminação de factos falsos. Mas devemos começar a considerar se um dano igual não é causado por aqueles que tentam impedir as pessoas de considerarem questões que não apenas podem ser analisadas, mas o devem ser".

A infodemia vive assim pela ocupação do espaço saudável por desinformação que pode matar com mensagens mentirosas e enganadoras. Elas são a tempestade perfeita, uma pandemia paralela no "vácuo da incerteza".

O pandemónio da pandemia

A "previsão mais provável sobre o futuro das doenças infecciosas é que será muito monótona", escreviam os microbiólogos Macfarlane Burnet e David White em 1972, apesar do risco de "algum aparecimento totalmente inesperado de uma nova e perigosa doença infecciosa, mas nada disso marcou os últimos 50 anos".

O "inesperado" ocorreu com "a doença de herpes e do legionário na década de 1970 até à SIDA, ao Ébola, à síndrome respiratória aguda grave (SARS) e agora com o Covid-19" - um coronavírus que "até pode ser novo mas já vimos algo semelhantes antes. Um novo patógeno surgiu na China? Não é surpresa: a China deu origem a muitas pandemias passadas. As pessoas demoraram a reconhecer a ameaça? Essa dinâmica foi o que Camus descreveu tão bem [no livro "A peste"]. Funcionários tentaram suprimir avisos precoces? Claro. Os governos reagiram com intervenções autoritárias? Costumam fazer isso - embora a escala das intervenções da China possa ser sem precedentes. Uma quarentena falhou na contenção do patógeno? Isso aconteceu com mais frequência do que nunca, espe-

cialmente com patógenos como o vírus influenza e o SARS-CoV-2 [causa do Covid-19] que tornam as pessoas contagiosas antes de serem sintomáticas"¹.

Estes agentes provocadores de doenças são os responsáveis pelo evento disruptivo em tão grande escala que estamos a acompanhar. O número de óbitos parece não estancar, tal como os infectados, os confinamentos ressurtem e a perspectiva económica, social e política não atravessa os seus melhores dias.

Estes cenários não são muito diferentes de surtos epidémicos anteriores, mas há algo que diferencia a pandemia actual dos momentos do passado em que se lutava para curar os doentes. É a enorme escala(da) da desinformação, presente nos principais dispositivos de comunicação, dos smartphones à televisão, que está a minar a crença na ciência e a reformatar um mundo factual para aceitar acriticamente qualquer mensagem.

As origens da desinformação na saúde

A descrença científica serviu para

descrever fenômenos inusitados ou novos, tantas vezes acompanhada pelo contraponto da "inspiração divina" ou da moralidade.

As principais teorias da transmissão de doenças no século XIX foram todas baseadas em "quatro grandes crenças", recordava a investigadora Sylvia Tesh, em 1982. Ela passava pelo contágio (obrigando a colocar em quarentena e a evitar os doentes, algo semelhante ao actual confinamento), era "contestada pelos defensores da teoria atmosférica (também conhecida como anti-contágio), que rejeitavam as quarentenas e o isolamento porque, como liberais clássicos, acreditavam no livre comércio e no progresso humano". Quem adoecia, merecia essa sorte devido às suas "escolhas de estilo de vida". Finalmente, a teoria do sobrenatural "representava um Deus punitivo e/ou um demónio atormentador".

"As pessoas estavam na raiz de cada uma dessas teorias" e "a xenofobia e o preconceito pareciam estar sempre à espreita nas histórias contadas sobre quem ou o que era culpado pela propagação da doença. Historicamente, eram os Outros: os pobres, imigran-

tes, refugiados, judeus, irlandeses". Agora, "são os chineses"².

Perante o conhecimento teórico para melhor elucidar sobre estes fenômenos de forma racional, dificilmente se impede um grupo de advogar certas crenças, sustentado num modelo que entendemos como sendo de ignorância, nomeadamente científica.

"O que torna a astrologia diferente da astronomia não é a irrefutabilidade da primeira, mas a tradição da investigação da outra e do seu papel na resolução dos enigmas da ciência normal". O astrónomo trabalha para verificar os dados, re-executa cálculos ou redesenha e melhora instrumentos mas "o astrólogo não tem essa tradição". Simplesmente, "a astrologia não é ciência, porque os astrólogos não fazem ciência"³.

A ciência é algo que a humanidade partilha: "os protões, as proteínas e o teorema de Pitágoras são iguais em todo o mundo". Mas a globalização pré-económica tem efeitos perversos: "as sociedades são cada vez mais dependentes da tecnologia avançada; a ciência permeia as nossas vidas mais do que nunca. O alegre optimis-

mo sobre a ciência desvaneceu-se" e alguns olham para "o impacto dos novos avanços com mais ambivalência do que entusiasmo"⁴.

Ciência e tecnologia melhoraram o mundo mas também se ergueram como base de novos perigos e dilemas éticos. Embora a ciência ofereça "enormes oportunidades", teme-se que "as gerações futuras estejam vulneráveis a riscos - nucleares, genéticos, algorítmicos - suficientemente poderosos para comprometer a sobrevivência da nossa civilização".

É também nestas circunstâncias que triunfam as teorias da conspiração ou a desinformação, que é criada normalmente com alguma base de verdade. O termo surgiu nos anos 50 e deriva da palavra soviética "dezinformatsiya", alegadamente criada por Estaline como a "disseminação (na imprensa, na rádio, etc.) de notícias falsas destinadas a enganar a opinião pública". A própria palavra é em si mesma uma prova de desinformação, "porque muitos acreditam que Estaline criou a palavra para parecer francesa. Dessa forma, ele podia reivindicar tratar-se uma invenção estrangeira"⁵.

Estava-se em plena época de Guerra Fria, com os poderes da União Soviética e dos EUA em confronto informacional, principalmente no plano político e militar.

Através do denominado Shelepin Plan, os soviéticos fizeram o ocidente crer que tinham menos mísseis balísticos do que a realidade veio a confirmar. O nome do plano deriva de Aleksandr Shelepin, responsável do KGB entre 1958 e 1961.

Perante uma audiência de responsáveis desta agência de segurança do Estado, em Maio de 1959, Shelepin terá explicado que "o recém-criado departamento de desinformação deve trabalhar em estreita interação com o aparelho do partido do Estado". Para isso, foi ampliado o departamento de contrainteligência com as responsabilidades de "'influência', desinformação e recrutamento de agentes em embaixadas estrangeiras, figuras públicas e culturais estrangeiras, cientistas, bem como da intelligentsia 'interna', incluindo científica e religiosa"⁶.

Foi criado um "muito misterioso departamento de desinformação", gerido directamente por Shelepin, e

que envolvia o Comité Estatal de Ciência e Tecnologia. Entre os seus objectivos constava o "roubar os segredos científicos e tecnológicos necessários", mas também saber que "desinformação era necessária para introduzir nos círculos científico e militar dos países ocidentais".

É neste enquadramento que surgem posteriormente campanhas de desinformação a acusar a Agência Central de Inteligência (CIA) pelo assassinato do ex-primeiro-ministro sueco Olof Palme ou de os EUA terem desenvolvido uma "bomba étnica" que não matava a população branca.

Num outro caso, falou-se da ligação da espionagem a bio-ataques, com a introdução da peste suína em Cuba, em 1971, alegadamente por elementos da CIA.

Notícias da alegada operação surgiram em Janeiro de 1977, quando a publicação *Newsday* revelou como "agentes ligados a terroristas anti-Castro" introduziram o vírus no país, que não era transmissível aos seres humanos. "Seis semanas depois, um surto da doença forçou o abate de 500 mil porcos para evitar uma epidemia

de animais em todo o país"⁷.

O surto foi reconhecido como "a primeira e única vez que a doença atingiu o Hemisfério Ocidental, foi considerado o 'evento mais alarmante' de 1971 pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação" (FAO), e levou a que "toda a produção de carne de porco, um alimento básico cubano, tenha parado por vários meses".

O aparecimento do vírus em Cuba foi "um mistério para os investigadores veterinários". Dennis Berend, porta-voz da CIA, não o esclareceu, ao afirmar: "Não comentamos informações de fontes não identificadas e, na melhor das hipóteses, obscuras". Numa declaração escrita posterior enviada ao Senado e citada pela *Newsday*, a CIA voltou a negar qualquer envolvimento.

Mas, neste âmbito histórico, a mais notória foi a Operação Denver⁸, atribuindo ao Pentágono experiências de guerra biológica que permitiram desenvolver a SIDA.

O primeiro artigo, publicado no semanário *Literaturnaya Gazeta* a 30

de Outubro de 1985, declarava como investigadores dos American Centers for Disease Control (CDC) e do exército dos EUA criaram o vírus HIV a partir de dois anteriores encontrados na África e na América Latina. O artigo baseava-se numa "suposta carta ao director do jornal indiano Patriot, publicada em Julho de 1983. (O director do Patriot afirmou posteriormente que tal carta nunca apareceu no jornal).

Nos anos seguintes, os jornais da União Soviética imprimiram inúmeras notícias reiterando e, em seguida, aprimorando as suas afirmações (os militares dos EUA, por exemplo, estavam supostamente muito infectados e, portanto, eram vectores para a disseminação do HIV no exterior)". Apenas entre Janeiro e Agosto de 1987, foram publicados 32 artigos na imprensa soviética sobre este tema.

Exclusivos e ovelhas

No ambiente da comunicação social impresso, era difícil atempadamente desmentir os factos publicados. Neste caso, os leitores soviéticos dificilmente iriam ler um jornal indiano para validar se a informação transmi-

tida por um jornal do seu país era a correcta. Era mais fácil disseminar crenças falsas pela dificuldade em aceder às fontes originais mas, actualmente, o excesso de fontes tem praticamente o mesmo efeito de silenciar a verdade. E esse excesso foi acompanhado pela ágil transmissão nas redes sociais.

O denominado "Pizzagate" tornou-se um evento clássico sobre o impacto da informação falsa no mundo real. Em Março de 2016, uma pizzeria em Washington, D.C., foi acusada de servir como centro de tráfico de crianças para responsáveis do Partido Democrata, incluindo Hillary Clinton. Decorria a campanha para as eleições presidenciais, ganhas por Donald Trump, e sabia-se há pouco da divulgação em massa dos emails de Clinton pelo Wikileaks.

Esta interligação colou um ponto de partida verdadeiro com o desenvolvimento falso, que durou anos, em que muitos acreditaram. Um indivíduo chegou a deslocar-se armado ao restaurante para descobrir as caves onde hipoteticamente se escondiam as crianças⁹.

Na realidade, "o que tornou o Pizzagate novo e incomum foi como parecia emergir das margens da Web, a uma distância segura da campanha de Trump"¹⁰, através de "canais populares de media social no Twitter e no YouTube, incluindo o Infowars" de Alex Jones.

Uma narrativa destas é normalmente difícil de desmontar junto de quem nela acredita, até porque há elementos "escondidos" que a confirmam - não encontrar as caves não invalida a sua existência...

Estas histórias usam circunstâncias passadas realizadas por pessoas cujo objectivo é manterem-se discretas em público, embora não escapem ao pequeno grupo de "iluminados" que desconfiam do que é divulgado pelos media tradicionais.

São narrativas com um ecossistema muito próprio, de emissores e audiências limitadas mas com interesses diversificados. A sua existência "pressupõe que nada acontece por acaso, que as coisas não são o que parecem ser e que tudo está ligado"¹¹, porque "um grupo de agentes do mal, os conspiradores, orchestra secreta-

mente tudo o que acontece".

Estas teorias "dividem radicalmente o mundo entre bem e mal, entre Nós e Eles, não deixando espaço para dúvidas e complexidade". Deve-se "olhar para lá das aparências para detectar as acções e intenções dos conspiradores", que tudo fazem para as dissimular ao nível histórico ou nos eventos actuais.

Elas são diferentes das "fake news", embora sejam fenómenos que se re-alimentam. Nem sempre vivem pela existência de uma sinistra conspiração mas são transmitidas (de forma fortuita ou intencional) para fomentar mentiras. E "a grande maioria" dos adeptos das teorias da conspiração acredita "sinceramente" nelas.

A própria teoria de que a expressão foi inventada pela CIA a propósito do assassinato de Kennedy está errada – ela foi usada inicialmente pelo filósofo Karl Popper logo após a II Guerra Mundial – mas prevalece.

Outra ideia é que vivem das redes sociais mas isso não é linear. Estas aumentaram a sua visibilidade, deram-lhes maior acessibilidade, ace-

leraram a sua circulação mas também ajudaram a mostrar os perigos.

É necessário temperar o pessimismo com algum realismo. Se as redes sociais facilitam a distribuição das teorias, esta ocorre pela atomização dos seus criadores. Um estudo de 2018 mostrou como na parte da Reddit dedicada a estas teorias, “cerca de 5% dos autores de publicações estavam na origem de dois terços de todos os comentários, [com] os autores mais activos a escreverem contribuições de tamanho” enorme.

São “pessoas que se sentem impotentes ou acham difícil aceitar a incerteza”, tendem a ser mais crentes consoante é menor o seu nível de educação, existem em todas as etnias e estilos de vida, sem diferenças significativas entre homens e mulheres. Além disso, têm algumas “peculiaridades psicológicas”, considera Joe Pierre, professor de psiquiatria na University of California, Los Angeles, como “a necessidade de exclusividade” - a “ideia de que as pessoas atraídas pelas teorias da conspiração se deparam frequentemente com alguma realidade secreta que o resto de nós, ovelhas, não conhece. Portanto, há um certo

sentimento de ser especial quando se está a par dessas informações”¹²

Persistência sem ciência

Qualquer tentativa para negar ou denegrir estas teorias enfrenta uma audiência que acredita estar a ser sujeita, nesse mesmo momento, a uma operação de desacreditação, salienta o COMPACT Education Group.

Por isso, deve-se alertar para estas teorias antes delas chegarem ao público, num processo de “inoculação” com um “aviso de ameaça iminente” e refutação dos argumentos sobre a ameaça. No caso das anti-vacinas, pode-se explicar que muita da investigação é realizada por cientistas independentes e financiados pelo Estado, e não por interesses obscuros à procura de lucros.

Em 2017, investigadores mostraram que as pessoas “inoculadas” eram mais difíceis de atingir pelas teorias anti-vacinas mas, se ocorresse o contrário, “o material anti-conspiração era menos eficaz”. Esta campanha, em particular, tem sido persistente e diversificada.

Actualmente, essa campanha está a ter reduzidos efeitos derivado da generalização dos avisos sobre o novo coronavírus. A consulta à base de dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da UNICEF revela disrupções nos números da vacinação, após um crescimento sustentado na última década.

Tem sido um trabalho difícil após o aparecimento do movimento anti-vacinação. Este surgiu com um estudo publicado na Lancet em 1998 por Andrew Wakefield e 12 co-autores, em que a reduzida análise a uma dúzia de pessoas levou a estabelecer uma suposta e especulativa ligação entre autismo e a vacina contra o sarampo, papeira e rubéola (MMR).

O artigo foi desacreditado, por fraude e violações éticas, e até alguns autores se afastaram posteriormente das conclusões, mas a revista científica apenas em 2010 o retractou¹³, num pequeno parágrafo que pouco fez perante a grande divulgação que o estudo já tinha obtido.

A revista científica que denunciou a fraude de Wakefield, o British Medical Journal, apontou como ele procu-

rou benefícios financeiros, o que o levou a perder a sua licença de médico. Mas o mal já estava feito, levando ao crescimento da não-vacinação em crianças em muitos países e correspondente aumento de doenças. Em oito anos, desde 2011, houve um crescimento sustentado de casos de sarampo no Reino Unido, com mais de meio milhão de crianças sem serem vacinadas.

O sarampo triplicou na Europa em 2018 para os 83 mil casos registados - eram 25 mil no ano anterior. A Ucrânia foi responsável por 54 mil desses casos, segundo dados oficiais. O problema com esta doença, que pode ser prevenida com a vacina, levou o país a agir. Ela foi causada, segundo a ministra da Saúde, Ulana Suprun, por "uma década de corrupção, guerra, falta de empenho político na vacinação e sentimento antivacinação"¹⁴.

A França ganhou o título de "país mais céptico do mundo": uma em três pessoas não confia nas vacinas, dissimulando esse facto desde há 30 anos para evitar que as famílias sejam ostracizadas e poderem radicalizar-se na defesa das suas crenças.

A não-vacinação tem alguns defensores agrupados na Association Liberté Information Santé (ALIS), organização que se esconde no termo legal da “liberdade médica”. No seu evento deste ano, o tópico foi a vacina do papilomavírus humano (PVH) dada a jovens para as prevenir do cancro do colo do útero.

Estas “virgens sacrificiais”¹⁵, como lhes chamou o organizador Robert Lidon, ficavam nas mãos da indústria farmacêutica se fossem vacinadas. Mas, num estudo a 66 milhões de jovens em 2019, a vacina mostrou ser eficaz mesmo para as que a não tomavam, ao reduzir a circulação do vírus. Desconhece-se qual o impacto de medidas de saúde pública como a da ministra francesa da Saúde, Agnès Buzyn, que em 2018 determinou que crianças não vacinadas não teriam acesso a escolas públicas. A medida seguia os passos do presidente Emmanuel Macron que, ano anterior, tornou obrigatórias 11 vacinas.

Macron foi vítima de outra desinformação sobre vacinas, quando se alegou ter dito que “qualquer país africano que não queira que a sua população utilize a vacina europeia

contra o Covid-19, essa população não poderá viajar para a Europa”¹⁶.

O ministro dos Negócios Estrangeiros considerou que esta invenção “não tinha fundamento” mas, apesar de não existir qualquer vacina e muito menos europeia, foi partilhada “dezenas de milhar” de vezes.

O recrudescimento da anti-vacinação tem o objectivo preventivo de influenciar as populações contra uma potencial vacina contra o Covid-19. Nos EUA, os adeptos estão normalmente presentes nos protestos anti-confinamento, aproveitando para passar a sua mensagem, e no Facebook têm tido publicidade paga pelas organizações Stop Mandatory Vaccination e Defense Child Health.

No início de Maio, um estudo “constatou que 23% dos americanos não estaria disposto a vacinar-se contra o Covid-19”. Noutro trabalho, “14% disseram que não seriam vacinados e outros 22% não tinham certeza”. Num terceiro inquérito, “apenas cerca da metade dos americanos afirma que receberia uma vacina Covid-19”. Num país com tantos casos de coronavírus, “uma recusa em massa pode

ter consequências perigosas”¹⁷.

O inconveniente não é apenas interno. A voz dos EUA faz-se ouvir em todo o lado, "é uma sociedade muito expressiva e tem acesso aos veículos da cultura em todo o mundo", lembra Saad Omer, epidemiologista da Yale University. "As discussões, mesmo as internas que acontecem nos EUA, são ouvidas em todo o mundo".

Mas como é que pais não aceitam vacinar as crianças? Quando "já se pensa que as vacinas são más, é provável que se procurem apenas informações que apoiem essa visão [...] É uma questão muito emotiva e afecta as preocupações de muitas pessoas", elabora Sophie Hodgetts, psicóloga na University of Sunderland.

Este problemático “processo selectivo de recolha de provas” desfavorece os médicos, que têm de contrariar o que os pacientes sabem normalmente pelas redes sociais.

O milagre das cloroquinas

Uma campanha semelhante à da MMR ocorreu com a gripe, alegando-se que a vacina causava um surto

mortal. Para reforçar a suposta credibilidade da mensagem, era citado um médico dos Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Após ser demonstrada a sua falsidade, a mensagem foi vista por 500 mil utilizadores no Facebook em Janeiro de 2018¹⁸.

Como no estudo de Wakefield, foi também nos anos 90 que surgiu o “milagre” do MMS - um "Miracle Mineral Supplement" ou "Miracle Mineral Solution" levado por Jim Humble para os EUA em 1996.

Principalmente vendido através da igreja mexicana Genesis II Church of Health and Healing, o arcebispo Humble garante como o MMS curou pacientes com quase 40 doenças, desde a inicial erradicação da malária à dor, autismo, Parkinson, HIV/AIDS e até cancro.

O principal ingrediente do MMS é o dióxido de cloro, usado na purificação da água ou em produtos desinfectantes. Em Janeiro, na fase inicial da epidemia com o coronavírus, ele foi anunciado como tratamento para a mesma¹⁹.

Em Abril, o produto teve um renascimento comercial quando Trump recomendou que as pessoas se injectassem com desinfetante, perante médicos “atónitos” e contra as recomendações da agência governamental Food and Drug Administration (FDA) de que o MMS tem "efeitos colaterais sérios e potencialmente fatais".

Jordan Sather aproveitou a boleia presidencial e escreveu aos seus mais de 150 mil seguidores no Twitter sobre os "poderes curativos" desta solução. Ela "podia limpar rapidamente" o coronavírus se os médicos soubessem, escreveu (as mensagens foram depois eliminadas²⁰).

Também o conhecido conspiracionista Alex Jones e o tele-evangelista Jim Bakker foram avisados pela FDA em Março para pararem de comercializar prata coloidal como tratamento para o vírus.

O interesse na hidroxicloroquina para tratamento do Covid-19 foi mais rebuscado. A desinformação impôs-se sem uma resolução eficaz das autoridades e da comunidade científica. Pelo contrário.

O medicamento é usado para o tratamento de várias doenças e instituições (como o Infarmed em Portugal) autorizam-no para uso terapêutico nessas doenças.

A sua eficácia no Covid-19 era nula mas Trump serviu-se das conferências de imprensa diárias para o elogiar, afirmando que o tomava. Instalada a confusão, as autoridades sanitárias tiveram dificuldades em desmontar o argumento da sua eficácia.

O governo francês foi acusado de banir em Janeiro a hidroxicloroquina "pouco antes da pandemia do coronavírus ganhar força"²¹ (chegando-se a comparar essa proibição com "genocídio"), quando a decisão ocorreu em Novembro passado e ainda não se falava deste coronavírus.

No início de Junho, um meta-estudo veio confirmar como esta substância não evitava que as pessoas em contacto com infectados desenvolvessem a doença²². Ou seja, não era eficaz sob qualquer aspecto no tratamento do Covid-19. Isso não impediu o crescimento das suas vendas.

O medicamento, também usado no

tratamento do lúpus ou da artrite reumatóide, desapareceu das farmácias nos EUA devido à procura contra o Covid-19. Os doentes que dependiam dele ficaram “em pânico”²³ e as farmácias não conseguiam antecipar quando estaria estabilizado o fornecimento do medicamento.

Perante uma tal referência em público, questionou-se se Trump teria interesses financeiros em fabricantes do medicamento mas apenas se descobriu uma pequena participação num fundo investidor de um fabricante. O mal para quem dele necessitava estava feito e o aproveitamento comercial prosseguiu - mesmo após se descobrir como a empresa Surgisphere manipulou informação no fornecimento de dados para estudos clínicos sobre a hidroxicloroquina, tentando demonstrar a sua eficácia.

A empresa não conseguiu demonstrar como obteve os dados ou a metodologia que a levou a publicar artigos em revistas científicas²⁴, com alguns entretanto refutados pelos co-autores. A Surgisphere referiu ter entregue dados de mais de 96 mil pacientes com o coronavírus de 671 hospitais em todo o mundo, para justificar que

a hidroxicloroquina não era eficaz para esses doentes infectados e, pelo contrário, aumentava o risco de problemas cardíacos ou mesmo a morte.

Os dados foram publicados na Lancet a 22 de Maio passado mas foram depois desacreditados²⁵. A Science Integrity Digest revelou que o fundador da empresa e co-autor dos artigos, Sapan Desai, manipulou imagens científicas no âmbito da sua pós-graduação há mais de 15 anos.

Todo este ambiente de suspeição levou a OMS a cancelar análises à eficácia da hidroxicloroquina no Covid-19 "por precaução". Três semanas depois, também a FDA revogou o seu uso em pacientes hospitalizados com o Covid-19.

Mas o fim da manipulação médica pela Surgisphere não tinha ainda chegado. Em meados de Junho, foi revelado²⁶ como a empresa tinha um estudo em que alegadamente governos da América Latina – incluindo o Brasil - recomendavam uma outra substância, o anti-parasita ivermectina.

Os médicos locais declararam que os

seus efeitos eram "extremamente prejudiciais" e a Pan American Health Organization, a entidade regional da OMS, alertou para se evitar o seu uso por os seus efeitos não terem sido testados neste âmbito.

Isso não impediu o semanário Sol de o elogiar como "o medicamento produzido em Portugal que trouxe uma nova esperança ao mundo"²⁷, poder "ser a luz ao fundo do túnel para a pandemia", porque "erradicou a Covid-19 em 48 horas, em testes de laboratório".

O director comercial da farmacêutica nacional foi mais cauteloso e apontou "que, por mais eficaz que o medicamento possa ser em humanos, o caminho até encontrar a dosagem certa para eliminar a covid-19 ainda é longo – pelo menos entre seis a nove meses".

Neste sentido mais comercial e falaciosos, a pandemia informacional afectou muitos países, que tentaram capitalizar as suas indústrias para anúncios de produtos milagrosos na cura do Covid-19.

Em Madagáscar, o presidente Andry

Rajoelina incentivou o uso da preparação de ervas Covid Organics. O chá usa um derivado da artemísia, planta conhecida no tratamento contra a malária, mas não foi validado em testes nem aprovado pela OMS.

A bebida foi lançada em Abril e dinamizada pelo próprio Rajoelina, nas rádios e televisão de que é proprietário. Ele avisou²⁸ os alunos que a recusa em a beber podia resultar na sua expulsão das escolas, e doou o produto a países africanos e das Caraíbas.

As principais críticas surgiram após o país querer adquirir, em plena crise, dois milhões de dólares em doces para os alunos poderem atenuar o sabor amargo do também denominado Tambavy CVO. O ministro da Educação, Rijasoa Andriamanana, foi demitido por Rajoelina, que posteriormente anunciou a comercialização do produto nas cápsulas CVO+.

Rajoelina respondeu às críticas das autoridades sanitárias afirmando que o país iria continuar a usar o produto. "Se não fosse Madagáscar, mas um país europeu a descobrir o remédio Covid-Organics, haveria tantas dúvi-

das? Penso que não", questionou em entrevista às emissoras francesas France24 e RFI.

À época, surgiram alegações de que o presidente russo Vladimir Putin teria adquirido um milhão de garrafas com o chá ou que a OMS tentou subornar Rajoelina para destruir o Covid Organics, ambas desmentidas pelo AFP Fact Check. Até porque Putin estava com a sua própria estratégia comercial para a venda do Arbidol.

O medicamento desenvolvido nos anos de 1970, é fabricado pela empresa russa OTCPharm como antigripal mas acrescentou recentemente uma alegada eficácia contra o coronavírus²⁹. O Arbidol não foi aprovado nos EUA ou na Europa e há mesmo médicos russos que o consideram "obsoleto" e desaconselham o seu uso. Noutro contexto, Putin promoveu-o publicamente há uma década.

Como desacreditar a ciência

O conjunto de exemplos descritos mostram como é de forma muito básica que as teorias da conspiração triunfam. Elas necessitam de um ecossistema próprio, de personalida-

des com alegados créditos, de ataques dirigidos à área cuja credibilidade se quer minar, de modelos simples para arrecadar ganhos financeiros e de meios de comunicação para, de forma eficaz, se revelar a mensagem.

As cinco tácticas³⁰ normalmente usadas pelos "negacionistas para semear a confusão" são a conspiração, a selectividade, especialistas falsos, expectativas impossíveis e falácias gerais da lógica.

É todo este ambiente que propicia o aparecimento da "informação fabricada que imita o conteúdo dos media na forma, mas não o processo ou a intenção organizacional. Os meios de comunicação falsos, por sua vez, carecem das normas editoriais e dos processos dos media para assegurar a precisão e credibilidade da informação. As notícias falsas sobrepõem-se a outros distúrbios da informação, como a desinformação (informações falsas ou enganosas [ou] informações falsas distribuídas propositadamente para enganar as pessoas)"³¹.

Os textos falsos "atraíram principalmente a atenção recente num contexto político, mas também foram docu-

mentadas em informações promulgadas sobre tópicos como vacinação, nutrição e valores accionistas. São particularmente perniciosos porque parasitam o padrão das agências de notícias, beneficiando simultaneamente de e minando a sua credibilidade".

Ao contrário do jornalismo tradicional, que fornece provas documentais ou testemunhos nomeados, esta informação não necessita de validação. O seu objectivo não passa pelo método da verdade mas por alegações, sem consubstanciar provas.

Bill Gates, um dos criadores da Microsoft e dos homens mais ricos do mundo, é exemplo disso. Ele é, há muito, um dos alvos privilegiados do movimento antivacina ("anti-vaxx"), que o acusa de financiar e/ou ganhar com a indústria farmacêutica, sem fornecer provas.

Agora, foi acusado de ter uma patente sobre o coronavírus (essa patente não existe), deter uma vacina para a doença ou ser parceiro de um laboratório em Wuhan, na China. O lucro com uma vacina é difícil de comprovar quando existem quase duas deze-

nas em testes e mais de uma centena em avaliação clínica. Além disso, a Bill & Melinda Gates Foundation está a financiar investigação para algumas vacinas, envolvendo laboratórios chineses, mas uma é para doar aos países mais pobres. Tudo isto é normalmente omitido ou alterado nas teorias da conspiração que o envolvem.

Uma outra versão de que Gates pretende usar as vacinas como ferramenta para introduzir microprocessadores na população mundial e garantir a sua vigilância também já foi desmentida várias vezes³².

Nesta pandemia, a base da desinformação sobre Gates decorre da sua fundação ter organizado, em Outubro passado, o Event 101 (conferência em que o cenário futurista de um surto epidémico foi analisado de diversos ângulos) com os co-organizadores Johns Hopkins Center for Health Security e World Economic Forum.

Curiosamente, a disseminação accidental ou não de notícias falsas foi referida por alguns dos oradores como uma necessidade a combater.

A gestão de uma pandemia era algo

que já antes preocupava vários países. Em 2007, os EUA falavam em como "mitigar uma pandemia exigirá cooperação e planeamento de todos os níveis do governo e do sector privado. Infelizmente, um relatório de 2005 sugere que os Estados Unidos não estão preparados para uma pandemia de gripe. Embora os governos federal, estatal e local dos Estados Unidos tenham começado a focar-se na preparação nos últimos anos, é justo dizer que o progresso tem sido lento, especialmente aos níveis locais de governo. Diferentes níveis do governo têm sido relativamente ineficazes em coordenar uma resposta a desastres no passado, enquanto instituições de caridade privadas e organizações voluntárias como a Cruz Vermelha Americana costumam ter um desempenho admirável e são as primeiras a dar respostas"³³.

Este vácuo é ocupado naturalmente pela desinformação, quando a comunidade científica tem um reduzido conhecimento sobre a doença e é cautelosa, diferenciando-se da mentira propagada por políticos ou até por celebridades, todos com um maior acesso aos media.

Se é perceptível o interesse destes actores, porque acreditam as pessoas na desinformação científica?

O uso dos rumores acentuou-se na II Guerra Mundial quando "o público americano entrou numa situação psicológica semelhante à da actual" pandemia³⁴, porque "não tinham certeza do que a guerra significaria para eles, quando terminaria ou quão devastadora poderia ser".

Sem informação fiável, "por causa da censura em tempo de guerra", ficaram "ansiosos, incertos e cautelosos com as informações que estavam a receber do governo e pelas notícias".

Neste ambiente doentio, foi fácil emergir o vírus da mentira. Para o controlar, os psicólogos Gordon Allport e Robert Knapp estabeleceram em 1942 a primeira "Clínica do Rumor" na Universidade de Harvard, com um texto publicado aos domingos no Boston Daily Herald, onde Allport e a sua equipa desmentiam os boatos enviados pelos leitores. O modelo "tornou-se popular" e em menos de um ano surgiram mais de 50 clínicas nos EUA. "As clínicas permaneceram activas até os boatos

da guerra se começarem a dissipar em 1943".

Agora, a informação fiável sobre a pandemia vive num "paradoxo", em que "essa disposição para mudar expõe a ciência à desconfiança. O público não está acostumado a este tipo de abertura profissional. Vivemos num mundo de 'sound bites'. Um clipe de 15 segundos não é suficiente para explicar adequadamente um assunto complicado e discutir todos os prós e contras. A ideia de que algo ainda está a ser desenvolvido, ou de que não há acordo unânime, é frequentemente vista como falta de fiabilidade, e não como honestidade", explica³⁵ o divulgador de ciência Karl Kruszelnicki.

Esta desonestidade mina a ciência porque "estudos falsos e com falhas estão tão difundidos que a autoridade presumida de um especialista ou investigador numa revista académica já não é o que costumava ser. Como muitas universidades se concentram na produção e no financiamento, e como empresas pouco escrupulosas podem explorar académicos cuja ambição supera a integridade, o processo tradicional de partilha do conheci-

mento foi corrompido. Longe dos olhos do público, cientistas e académicos estão a enfrentar uma crise de legitimidade, e eles são parcialmente culpados" da situação³⁶.

Em simultâneo, "a predisposição psicológica para rejeitar informações especializadas e autoritárias (negação), a tendência de ver grandes eventos sociais e políticos como um produto de conspirações (pensamento conspirativo) e motivações partidárias são os factores explicativos mais fortes por trás das crenças da conspiração com o Covid-19".

Sendo o pensamento conspirativo e a negação "fundados numa profunda desconfiança dos especialistas e das figuras de autoridade (por exemplo, cientistas, líderes políticos)"³⁷, emendar a desinformação e as teorias conspiratórias nestes indivíduos é difícil porque eles não nem sempre aceitam serem corrigidos por especialistas.

A negação triunfa usando "tácticas retóricas para dar a aparência de argumento ou debate legítimo, quando na realidade não existe nenhum. Esses falsos argumentos são usados quando alguém tem poucos ou nenhuns factos

para apoiar o seu ponto de vista contra um consenso científico ou contra provas esmagadoras do contrário".

Cientistas sem apoio político

A desinformação é perigosa num ambiente pandémico, atingindo cientistas com o objectivo de invalidar investigação que faça duvidar dessas teorias da conspiração.

Christian Drosten, conselheiro para a pandemia da chanceler alemão Angela Merkel, recebeu ameaças de morte e a sua reputação profissional foi posta em causa. Os ataques ocorreram porque "para muitos, eu sou o mau da fita que está a paralisar a economia"³⁸, quando "as pessoas vêem que os hospitais não estão sobrecarregados e não entendem porque é preciso fechar as lojas".

Algo semelhante ocorreu com Anthony Fauci, responsável do National Institute of Allergy and Infectious Diseases (NIAID), investigador epidemiológico há décadas e responsável pela pandemia na Casa Branca. Quando contrariou mensagens da desinformação, algumas propagadas

por Donald Trump, surgiram os ataques pessoais para o denegrir, como no documentário "Plandemic", gerando uma grave situação que o obrigou a ter segurança pessoal.

"Fauci emergiu como o alvo mais recente na vasta rede de teorias de conspiração relacionadas com o Covid-19 que circulam nos media sociais desde que os relatórios do coronavírus surgiram em Wuhan, na China, em Janeiro. Como outros vilões do coronavírus, do governo chinês a Bill Gates, Fauci foi acusado de uma série de actividades nefastas, todas implausíveis e algumas contraditórias"³⁹.

Nalgumas dessas especulações, "ele desempenhou um papel na criação do coronavírus e exagerou os riscos de uma pandemia 'falsa'", motivado por supostas relações com a "grande indústria farmacêutica", assim como "uma participação financeira numa futura vacina contra o coronavírus e envolvimento num plano de 'estado profundo' para destruir a economia e influenciar a eleição presidencial em Novembro".

No geral, os líderes políticos não

apoiaram ou suportaram a credibilidade dos cientistas. Trump, por exemplo, "mostrou frustração por Fauci ser aplaudido pelo público, enquanto a sua própria gestão" da crise era criticada.

Apesar do seu menor peso político, "a diferença entre os índices de aprovação [de Fauci] e os de Trump deve-se muito ao facto de ele ter advertido sobre os perigos do Covid-19, enquanto Trump os minimizou".

O facto de não se falarem durante semanas não contribuiu para diminuir as críticas, apesar da delegação desses poderes no vice-presidente Mike Pence para as reuniões da White House Coronavirus Task Force, cujos membros se queixaram igualmente da falta de comunicação com Trump⁴⁰.

Em Junho, muitos consideravam que as notícias sobre o Covid-19 estavam mais politizadas e se um grande número já tinham ouvido a falsa teoria de que este surto tinha sido planeado, um terço acreditava nela. No entanto, os quase 10 mil norte-americanos inquiridos pelo Pew Research Center⁴¹ davam nota positiva aos CDC mas não a Trump (64% contra

30%). Essa proporção altera-se nas respostas dos republicanos, com 54% a aplaudir a actuação positiva de Trump, enquanto isso só ocorre com 9% dos democratas.

No geral, estes valores não devem surpreender. Trump nunca foi fã da ciência. O seu desinteresse levou-o a negar o impacto das alterações climáticas ou a eficácia das vacinas mas foi mais longe com as declarações de que o Covid-19 desaparecia no calor de Abril, propôs o tratamento com injeções de desinfectante ou a toma de hidroxicloroquina.

"Levará anos a desfazer os danos. Este governo é honestamente uma ameaça à saúde pública", afirmou Chris Frey, professor de engenharia ambiental da NC State University. "Os últimos três anos prejudicaram a comunidade científica dos EUA de várias maneiras. Se isto continuar por mais três anos, não sei se é robusta o suficiente para aguentar"⁴².

Esta é uma das formas das teorias da conspiração minarem a autoridade científica de investigadores e responsáveis de saúde pública, quando "a confiança... é um dos factores mais

importantes para lidar com uma pandemia", nota Pia Lamberty, da alemã Johannes Gutenberg University Mainz.

A proliferação da desinformação "não é surpreendente" dado que as "teorias da conspiração surgem especialmente quando as pessoas sentem que não têm controlo", como ocorreu em epidemias anteriores.

A OMS alertou em Fevereiro como a cacofonia de vozes a expressar-se nos media sociais se sobrepunha às fontes legítimas. O crescimento teve uma tal amplitude que o Snopes, antigo serviço de validação de factos, revelou à Business Insider no final de Março passado como teve um crescimento de 50% no tráfego por pessoas que procuravam descobrir a verdade nas informações sobre o coronavírus que "inundavam" a Web.

O combate perdido na televisão

Fauci é taxativo e considera que o panorama actual no seu país é "frustrante" quando os americanos ignoram a ciência e a ignorância circula no media mais usado, a televisão.

Um estudo⁴³ com a Fox News, canal de televisão por cabo mais visto nos EUA, demonstrou o impacto das mensagens nas audiências de dois programas, o "Hannity" e o "Tucker Carlson Tonight".

Enquanto Carlson alertou o seu público mal soube do potencial problema com o coronavírus, no início de Fevereiro, Hannity só o fez no final desse mês. Ao contrário do que ocorreu com os de Carlson, os telespectadores de Hannity aderiram mais tarde à protecção e foi possível estabelecer um maior número de mortes nesta audiência.

Embora os resultados não permitam "falar sobre efeitos a longo prazo, indicam que o fornecimento de informações erradas nos estágios iniciais de uma pandemia pode ter consequências importantes para o modo como uma doença afecta a população".

Um outro estudo⁴⁴ parece confirmar esta teoria. Para lá do partido político dos entrevistados, e perante informações precisas sobre a doença nos jornais (como o New York Times), "o uso dos media conservadores (por exemplo, a NBC News) correlaciona-

va-se com as teorias da conspiração, incluindo acreditar que alguns membros dos CDC estavam a exagerar a seriedade do vírus para minar a presidência de Donald Trump".

Os autores recomendavam que, para se melhorar a compreensão do público sobre o SARS-CoV-2, era necessária uma "comunicação pró-activa sobre a prevenção", descobrir que desinformação é preciso desmentir, monitorizar as intervenções nos media sociais, propor intervenções nos media conservadores e abrir as "paywalls" na cobertura noticiosa do SARS-CoV-2 (embora neste caso se debata o modelo económico dos media).

Não é uma agenda fácil mas reconhece-se a necessidade de agir num preocupante conflito entre os conhecedores do tema científico e os interessados na desinformação, até porque o panorama mediático tem agora uma forte base para atingir vastas audiências usando as redes sociais.

Investigadores versus bots

Os desinformadores aproveitam-se de algo que os cientistas também reco-

nhecem: o uso das redes sociais está fora de controlo para eliminar ou contrariar eficazmente as mensagens com conteúdo malicioso.

Apesar de "demorar seis vezes mais uma verdade do que uma mentira a atingir 1.500 pessoas"⁴⁵, revelou um estudo ao Twitter, várias contas automatizadas (por bots) garantem constantemente a publicação de mensagens pouco fiáveis.

Os chamados bots, abreviatura de robô e que se "refere geralmente a uma entidade que opera num espaço digital controlado por software e não por humanos", podem automaticamente emitir mensagens, pesquisar utilizadores, tendências e palavras-chave, assumir uma personalidade e conversar ou responder a outros utilizadores.

Para disfarçarem o seu automatismo, podem "suspender a sua actividade para imitar os ciclos circadianos" dos seres humanos⁴⁶, escapando assim às restrições e potencial suspensão pelas redes sociais quando estas detectam uma actividade ininterrupta.

Esta "manipulação algorítmica"

mostra "uma imagem em que contas provavelmente automatizadas foram usadas de maneiras maliciosas", usando "o Covid-19 como vector para promover a visibilidade de 'hashtags' ideológicas que normalmente estão associadas à 'alt-right' nos Estados Unidos", e que um autor denominou de "máquinas da mentira".

Tratam-se de "mecanismos sociais e técnicos para colocar uma alegação falsa ao serviço da ideologia"⁴⁷. Vivem dos produtores de mentiras, dos distribuidores e dos profissionais de marketing, e evoluíram da política para o Covid-19.

O objectivo é "minar a confiança em instituições como a OMS, forçando uma narrativa em que cientistas e especialistas não são fiáveis". As implicações são "preocupantes para a saúde global" e o objectivo é "duvidar de instituições que tiveram um bom desempenho durante um longo tempo, como sistemas nacionais de saúde e agências de notícias profissionais", diz Philip Howard, autor de "Lie Machines: How to Save Democracy from Troll Armies, Deceitful Robots, Junk News Operations, and Political Operatives".

As mensagens transmitidas pelas políticas de direita são igualmente mais visíveis porque "os consultores políticos dos ultraconservadores preocupam-se muito menos com os nossos valores da privacidade ou, talvez, até em serem apanhados pela lei", o que os leva a "experimentar coisas novas". Segundo ele, "existe uma estranha tendência ideológica da extrema direita em fazer qualquer coisa para terem o seu candidato eleito, mesmo que isso signifique violar as normas de privacidade. Ou violar a lei".

Este transbordar da política para a saúde era uma estratégia política bem conhecida dos intervenientes. Por exemplo, em Outubro de 2017, um alerta do Facebook apontou como 126 milhões de norte-americanos terão contactado com conteúdos russos criados pela "quinta de 'trolls'" Internet Research Agency (IRA) entre Junho de 2015 e Agosto de 2017. Na altura, o Twitter apontou que 1,4 milhões dos seus utilizadores viram propaganda russa durante as eleições presidenciais, segundo revelou a Recode em Janeiro de 2018.

O valor podia ser uma pequena parte

da realidade⁴⁸ e correspondia ao dobro do que a rede social contabilizou antes para o mesmo período (mais de 670 mil), que terão tido acesso a cerca de 3.000 contas relacionadas com o IRA russo.

O uso do Twitter no contexto do Covid-19 foi analisado desde 21 de Janeiro passado (dia em que foi anunciado o primeiro caso nos EUA). Através do uso informático para detectar bots, cujo resultado foi depois avaliado em termos manuais, um estudo mostrou como "o conceito de media social infodémico"⁴⁹ não se fixava apenas no vírus mas também num modelo anti-chinês, num discurso de ódio cujo "foco está em culpar a China pela suposta responsabilidade de originar o vírus e pela incapacidade de contê-lo".

"A desinformação não defende uma única história de uma só vez. Na prática, várias informações erradas são partilhadas em simultâneo por várias contas diferentes. Se as informações não forem partilhadas, se os indivíduos não virem uma história falsa, os 'bots' páram de circular as notícias falsas".

Pelo contrário, se a audiência partilhar e aderir "a uma notícia falsa, os 'bots' vão garantir a transmissão o mais rápido possível num curto período de tempo para multiplicar o seu alcance".

As mensagens sobre política são particularmente visadas e disseminam-se três vezes mais rapidamente do que os tweets "sobre terrorismo, desastres naturais, ciência, lendas urbanas ou informações financeiras".

No entanto, vários países tendem a descobrir como as teorias da conspiração e da desinformação científica referente ao Covid-19 prevalecem e a culpa nem sempre é humana.

Foi o que detectaram investigadores da Carnegie Mellon University (CMU) ao analisar o tráfego no Twitter relativo à desinformação pandémica e da quarentena. Grande parte é disseminada por "convincentes 'bots'".

Os investigadores da CMU analisaram mais de 200 milhões de mensagens sobre o Covid-19 e descobriram que "dos 50 principais 'retweeters' influentes, 82% são 'bots'", baixando

para 62% nos 1.000 principais 'retweeters'".

"Vimos até duas vezes mais actividade de 'bots' do que tínhamos previsto com base em desastres naturais, crises e eleições anteriores", revelou uma das responsáveis pelo estudo, Kathleen Carley. Segundo ela, pessoas com mais tempo criaram elas próprias "bots", que se juntaram a empresas com esse objectivo. E porque se trata de um evento global, a pandemia "está a ser usada por vários países e grupos de interesse como uma oportunidade de agruparem agendas políticas".

A disseminação das teorias da conspiração "leva a opiniões mais extremas, que por sua vez podem levar a comportamentos mais extremos e a pensamentos menos racionais", refere a responsável⁵⁰. "O aumento da polarização terá várias consequências no mundo real e ocorrerá em comportamentos como votar e hostilidade em relação a grupos étnicos".

Isso é notório nos EUA, onde poucos adultos acham serem capazes de validar as notícias verdadeiras sobre o Covid-19. Quase um terço (28%) dos

10.139 adultos inquiridos entre 20 e 26 de Abril estava bastante confiante na sua capacidade de validar a fiabilidade das notícias, praticamente a mesma percentagem (22%) que afirmava não conseguir em parte ou de todo verificar a solidez da informação.

Estas percentagens são quase idênticas ao que sucede com as "fake news" em geral e a adesão partidária tem algum peso, com "os democratas a estarem um pouco mais confiantes do que os republicanos na sua capacidade de verificar a precisão das informações do Covid-19"⁵¹.

Mais a norte, num inquérito a 2.000 pessoas pela School of Journalism and Communication da Carleton University (Canadá), "quase metade (46%) acreditava em pelo menos um dos quatro mitos e teorias da conspiração sobre o Covid-19"⁵².

Dos inquiridos entre 5 e 8 de Maio passado, 26% acreditava que o coronavírus foi concebido "como bio-arma num laboratório chinês e libertado para a população em geral". 23% sustentava a alegação não comprovada de Trump em "como a hidroxiclоро-

quina é eficaz" no tratamento a pacientes com o Covid-19, enquanto 17% considerou verdadeiro o "mito de que lavar o nariz regularmente com uma solução salina pode proteger" do coronavírus. E 11% acreditava que o Covid-19 não "é uma doença grave, mas está a ser disseminada para encobrir os efeitos nocivos para a saúde associados à tecnologia sem fios do 5G".

Por fim, mais de metade dos inquiridos (57%) dizia "facilmente distinguir teorias da conspiração e desinformação das informações factuais sobre o Covid-19".

"Fiquei chocada com o excesso de confiança que os canadianos têm na sua própria capacidade de distinguir teorias da conspiração e desinformação", reflectiu Sarah Everts, uma das responsáveis pelo estudo. "Todos já fomos vítimas de desinformação nos media sociais. Quem pensa ser fácil distinguir as teorias da conspiração e a desinformação corre o risco de ser enganado". Curiosamente, as pessoas entre os 18 e os 29 anos "tinham uma probabilidade ligeiramente maior de acreditar nas teorias da conspiração do que os idosos".

São estes quem mais está exposto à pandemia. Em Abril, a Direcção-Geral da Saúde contabilizava a média de idades das mortes por Covid-19 em Portugal nos 81,4 anos. O país, segundo dados do INE para 2019, contava com cerca de 2,2 milhões de residentes com 65 ou mais anos.

Em geral, são os idosos quem mais partilha informação falsa - "mais de sete vezes do que os jovens" - mas não o fazem por qualquer "declínio cognitivo" ou para contrariar a solidão. Para entender as suas motivações, são necessárias aproximações diferenciadas⁵³, contrapõe a psicóloga Nadia Brashier, da Harvard University.

Por exemplo, as plataformas sociais podem entender como os seniores partilham a desinformação, "olhando mais de perto para as relações interpessoais e a literacia digital". Até porque eles conseguem detectar mais facilmente a veracidade de certas afirmações mas, paradoxalmente, recusam as classificadas como falsas pelos verificadores de factos.

Eles podem também ser "troianos" para inculcar mensagens verdadeiras

nas redes sociais, ao serem o segmento demográfico que mais acede às notícias. No pico da atenção noticiosa com o Covid-19, em Março passado, 92% dos norte-americanos estava atento às notícias⁵⁴ mas a atenção era maior nos idosos (69%) do que na população entre os 18 e os 29 anos (42%).

Desinformação não infecta só a política

As plataformas sociais são agnósticas quanto ao que transmitem. O seu objectivo é lucrar com a publicidade, em qualquer local. Aliás, o contraste entre a posição restritiva da Europa perante as práticas comerciais e o "laissez faire" generalizado nas redes é gritante.

Antes, o seu foco parecia estar na política para minar a democracia em diferentes países. Em resultado disso, “a desinformação desviou a atenção dos decisores políticos, fomentou a desconfiança nos governos e semeou a confusão entre o público”⁵⁵, além de ameaçar os “esforços de resposta” à crise e dinamizar sentimentos anti-chineses ou anti-estrangeiro em geral.

Há vários anos, o Conselho da Europa temeu um cenário semelhante no sector da saúde. Apesar do foco da desinformação nas suas “variedades políticas”, a “poluição da informação” médica foi sempre tida como “uma ameaça mundial”⁵⁶. Um estudo de 2009 apontava a informação como “vital para o funcionamento saudável das comunidades como o ar limpo, ruas seguras, boas escolas e a saúde pública”. Quando “não existem media fortes locais outras fontes preenchem esse vácuo”, alertava.

Há dois anos, também a Comissão Europeia alertou para um cenário dramático em que a desinformação não afectava apenas a política mas seria utilizada por "intervenientes internos e estrangeiros" para manipular questões de saúde, além de "contribuir para a diminuição da confiança na ciência e nos dados empíricos".

A desinformação era "informação comprovadamente falsa ou enganadora criada, apresentada e divulgada para obter vantagens económicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é suscetível de causar um prejuízo público", nomeadamente como ameaça à protecção da saúde

dos cidadãos⁵⁷. Após a potencial influência em eleições e na imigração, a falsidade na saúde era vista como preocupante pelos europeus.

Mas a Comissão não consegue triunfar perante as "vantagens económicas" das redes sociais. Em Maio, apelou às plataformas online para eliminarem milhões de anúncios enganosos de 268 sites. No total, dessas centenas de sites, a Google bloqueou ou removeu 80 milhões de anúncios relacionados com o coronavírus e o eBay fez o mesmo para 17 milhões.

O Facebook parecia querer fazer na desinformação com o Covid-19 aquilo que defendeu para as mensagens políticas, de "ajudar as pessoas a entender melhor quem está por trás das notícias que vêm no Facebook. [A 21 de Outubro de 2019], anunciámos o nosso plano de identificar meios de comunicação que estão total ou parcialmente sob o controlo editorial do seu governo e hoje estamos a começar a aplicar essa identificação aos meios de comunicação controlados pelo Estado. Estamos a colocar uma maior transparência nestes editores porque eles combinam a influên-

cia de uma organização de media com o apoio estratégico de um Estado, e acreditamos que as pessoas devem saber se as notícias que lêem são provenientes de uma publicação que pode estar sob influência de um governo"⁵⁸.

Na prática, as redes sociais prosseguiram no caminho do lucro. Em França, Google e Facebook aumentaram a facturação publicitária de 10 e 17% no primeiro trimestre deste ano, respectivamente, apesar da diminuição do número de anunciantes no Facebook (em 30%), YouTube (20%) e Google (15%). Esta situação levou à entrada de novos interessados "e nomeadamente das pequenas e médias empresas", registando-se que "436 marcas comunicaram pela primeira vez durante os meses de Maio e Abril" nas redes sociais.

Em sentido contrário, a comunicação social tradicional teve mais audiências mas menos publicidade paga. Ocorreu "em média uma regressão da sua facturação publicitária de 30 a 50% apenas em Março (...) e depois 50 a 70% em Abril"⁵⁹. Em termos homólogos, ocorreu uma perda de 12,6%.

A postura das redes sociais foi pouco responsável em plena crise. A Google colocou publicidade da One Medical ou da UNICEF em sites de informação falsa sobre o Covid-19 ou de anti-vacinas, "ajudando estes sites a monetizar o seu conteúdo - enquanto davam dinheiro a ganhar à Google", revelou uma análise conjunta do Tech Transparency Project (TTP) e do Global Disinformation Index (GDI).

Assim, contribuiu para "disseminar desinformação de saúde e lucrar ao mesmo tempo", referiu Daniel Stevens, director executivo do TTP. "Apesar dos seus compromissos públicos, a Google não vai desligar a mangueira dos dólares de publicidade que vão para os vendedores de banha da cobra promoverem informações erradas sobre o coronavírus".

A referida análise identificou 97 sites de informação falsa com anúncios da Google, enquanto o GDI detectou em Março 1.400 sites na Europa com desinformação sobre o Covid-19, cuja maioria usava ferramentas publicitárias da Google. Esta declarou que esses sites não violavam as suas regras. Mas a sua posição é dúbia, relativamente à publicidade anti-vaci-

nação⁶⁰. Ela não permite que esses conteúdos arrecadem receitas com anúncios no YouTube e também os suprime nas pesquisas.

Perante a procura pelo lucro, dificilmente as redes sociais vão assumir uma posição frontal contra a propagação de mensagens falsas. Em termos mais concretos, 59% dos textos classificados como falsos não são removidos do Twitter, baixando para 27% no YouTube e 24% no Facebook, segundo um estudo⁶¹ do Reuters Institute for the Study of Journalism.

Isto quando o Twitter tem 330 milhões de utilizadores activos, o YouTube chega aos 1,8 mil milhões e o Facebook aos 2,6 mil milhões, segundo a consultora Statista.

O principal ecossistema da desinformação vive dos "super-propagadores" no Twitter, como lhes chama a NewsGuard⁶². Uma mensagem espalhada por eles é garantia de chegar a uma vasta audiência.

Para serem integrados na lista de "super-propagadores", têm de ter mais de 100 mil seguidores, ter publicado ou partilhado conteúdos falsos sobre o

coronavírus e estarem activos a 5 de Maio, data em que ainda não tinham sido removidos pelo Twitter.

A lista era liderada por Femi Fani-Kayode, com 955.412 seguidores. A conta deste antigo político da Nigéria foi criada em 2012 e é conhecida por também partilhar mensagens contra as vacinas ou a tecnologia 5G.

Bill Mitchell (579.913 seguidores) é um comentador de rádio conservador, promotor da teoria de conspiração sobre os QAnon. Também apoiante desta teoria, segue-se a Deep State Exposed, de Jeremy Stone, com 330.218 seguidores.

O antigo jogador de futebol britânico David Icke partilha com os seus 311.064 seguidores várias teorias da conspiração, incluindo que o mundo é controlado por répteis alienígenas mutantes.

Na quinta posição, surge Joseph Mercola que engana 291.121 seguidores com mensagens anti-vacinação.

As aparências parecem desastrosas mas, na pandemia, as redes sociais tiveram de temperar a sua atitude. Segundo o Reuters Institute, a verifi-

cação de factos de mensagens em inglês aumentou 900% entre Janeiro e Março.

Assim se percebeu como quase 60% das mensagens falsas "envolveram várias formas de reconfiguração" - distorcidas, recontextualizadas ou retrabalhadas - com informações prévias e frequentemente verdadeiras.

Em resumo, o trabalho do Reuters Institute detectou em termos de "escala" um crescimento maciço de verificação de factos sobre o Covid-19, nos "formatos" a existência de pouca desinformação completamente fabricada, as "fontes" (figuras públicas importantes) a produzirem ou espalharem apenas 20% das falsidades mas a terem uma maior audiência, as reivindicações desinformativas relativamente às acções das autoridades públicas e, finalmente, no âmbito das "respostas", as plataformas sociais "responderam a grande parte, mas não a todas, das desinformações identificadas pelos verificadores de factos".

Vozes em excesso

O ataque à desinformação é um terre-

no pantanoso, onde facilmente se pode cair nos limites à liberdade de expressão. Nesta crise pandémica, juntou-se a imperiosa necessidade de ter fluxos eficazes e rápidos de informação sanitária para o público, Em termos políticos, não foi possível defender quaisquer restrições às redes sociais porque seria acrescentar mais um problema a tantos outros com que os governos lidavam.

Deixou-se circular a informação errónea e esperar que os media tradicionais fossem a voz da autoridade, política e sanitária. Mas poucos questionaram os alegados "factos" científicos, preferindo ecoar essas vozes acriticamente.

Como a pandemia, a desinformação propagou-se sem controlo, derivada do desconhecimento científico, da reduzida confiança no sistema mediático tradicional ou da confiança num governo da sua cor política, como nos EUA.

"O consumo de 'fake news' estava ligado a uma baixa confiança política mas apenas para os mais liberais. Para os moderados e conservadores, o consumo de 'fake news' antecipava uma

maior confiança nas instituições políticas", notou um estudo revelado no início de Junho (realizado no final de 2018).

A situação é mais complicada porque se confirmou que "as consequências das 'fake news' não podem ser examinadas isoladamente"⁶³ e devem-se "considerar os media e o ambiente político actuais" na sua análise.

Da política para o negócio da morte

Um estado de desinformação, mensagens erradas propagadas pelos media, políticos ignorantes a substituírem-se a cientistas, um foco demográfico diferenciado - esta pandemia tem quase tudo para ser uma infeliz tragédia.

O temor anti-científico e tecnológico surge naturalmente. Não se trata de ser ludita mas de percorrer um terreno fértil para os temores mais básicos da humanidade, num campo desconhecido onde a maioria das pessoas dificilmente descortina as mensagens falsas.

Os estranhos e inesperados contornos da pandemia revelam-se quando até o

termo "infodemia" - o excesso da informação - foi criado por uma organização de assuntos da saúde e não por uma entidade dos media.

A civilização conhecia o "excesso da informação". A sua definição por Bertram Gross em "The Managing of Organizations" (1964) visava explicar como "a sobrecarga de informações ocorre quando a quantidade de entrada num sistema excede a sua capacidade de processamento. Os decisores têm uma capacidade de processamento cognitivo bastante limitada. Em consequência, quando ocorre a sobrecarga de informações, é provável que ocorra uma redução na qualidade da decisão"⁶⁴. A expressão foi depois generalizada pelo futurista Alvin Toffler em "Future Shock" (1970).

A Organização Mundial de Saúde (OMS ou WHO na sigla em inglês) alertou para a "infodemia" no seu relatório de 2 de Fevereiro, quando estavam confirmados 14.557 casos a nível global.

A infodemia é "um excesso de informações - algumas precisas e outras não -, o que dificulta que as pessoas encontrem fontes e orientações fiá-

veis quando precisam". A procura por esta informação levou a OMS a "rastrear e responder a mitos e rumores", alertando para os "mais prevalentes que podem potencialmente prejudicar a saúde pública, como medidas ou curas de prevenção. Esses mitos são refutados com informações baseadas em evidências".

No caso do Covid-19, a informação online fiável até existia mas era de difícil acesso ao ser mostrada de forma confusa e diferenciada pelos motores de busca. Numa análise a meia dúzia (Baidu, Bing, DuckDuckGo, Google, Yandex e Yahoo), os autores identificaram 10 tipos de informação em inglês, russo e mandarim: media alternativos, como blogs anónimos; comercial; governamental; de fontes sanitárias; "infotainment"; de media tradicionais; de organizações não-governamentais; de referência, como a Wikipedia; media social e de "think tanks". A hierarquização dos resultados chegava a ser aleatória num mesmo motor de busca⁶⁵.

Perante o conjunto desmesurado de fontes, a OMS incluiu sistematicamente nos seus boletins diários sobre

a pandemia o objectivo estratégico de "combater a desinformação". Havia fortes razões para isso quando se sucediam campanhas que desmotivavam os próprios médicos.

O cardiologista Hadi Halazun nos EUA contou em Maio como, ao aceder ao seu Facebook, encontrava mensagens a apontar as mortes e a existência do coronavírus como "fake news", engendradas pelos media.

Após explicar a sua vivência diária no combate à pandemia, era atacado por questões pessoais, chegando-se a dizer que ele nem sequer era médico. "Saía do trabalho e sentia-me desanimado", afirmou⁶⁶.

Estas campanhas afectavam outros médicos que lidavam com doentes em fase terminal porque se recusaram a admitir ser uma pandemia real, considerando-a uma teoria da conspiração. Um exemplo dramático ocorreu quando o presidente Trump afirmou em público como a ingestão de produtos desinfetantes podia ter efeitos positivos. Duncan Maru, médico em Nova Iorque, teve de tratar um jovem com problemas intestinais que ingeriu um produto líquido de limpeza. Este

caos "apenas salienta o facto de que não conseguimos proteger o público da desinformação", diz.

Na realidade, é uma tarefa difícil controlar a partilha de campanhas organizadas nas redes sociais. "Temos de perceber que são organizações criminosas que não param perante nada para disseminar a desinformação", aponta Rajeev Fernando, especialista em doenças infecciosas num hospital em Nova Iorque. O objectivo é claro: lucrar com a desgraça dos outros.

"Grupos diferentes com motivos diversos estão a explorar a pandemia do Covid-19 de maneiras diferentes" no "terreno ciber-social", onde se encontram "comunidades online de tópicos de saúde, grupos políticos e grupos de identidade social que incentivam a desinformação no Covid-19: televangelistas agressivos, QAnon, MAGA do Twitter, "anti-vaxxers", políticos e milionários conservadores e anti-Partido Comunista Chinês e partidos anti-imigração de França e Itália.

Esses grupos estruturam e deturpam a questão para a ajustarem às suas metas ideológicas"⁶⁷.

Este conjunto de actores com estratégias para agilizar a eficácia na distribuição da informação errónea cria uma “mistura sócio-técnica de design de plataformas, algoritmos, factores humanos e incentivos políticos e comerciais”⁶⁸.

Enquanto as redes sociais ganham em audiências e publicidade com a circulação de falsidades políticas, ninguém morre. Mas, com o Covid-19 elas estão envolvidas directamente no negócio da morte, ao publicitarem ou estimularem a venda de produtos tóxicos. E essa intervenção ocorre também no espaço urbano.

Quando o governo dos EUA impôs o confinamento a 14 de Abril, o Facebook disse querer remover conteúdos anti-quarentena e colocar avisos para as pessoas que contactassem com mensagens falsas sobre o Covid-19.

Nesse mês, mais de uma centena de páginas foi criada no Facebook para protestar contra o confinamento – muitas delas a servirem para organizar eventos nas ruas. No total, agregaram mais de 900 mil membros e "estavam referenciados como distribuidores activos da desinformação sobre

o coronavírus, muitos dos quais coordenados"⁶⁹, com mensagens semelhantes partilhadas no Twitter e Reddit.

O que se descobriu foi como o seu sistema de moderação de comentários é insuficiente e errático, com muita desinformação sem ser removida e sabendo-se então como esses movimentos anti-confinamento estavam infiltrados por extremistas.

Josh Ellis, líder de um dos "mais proeminentes grupos" desse protesto, o American Revolution 2.0 (AR2), revelou ao seu grupo no Facebook como tinha "falado com os irmãos Dorr"⁷⁰, activistas de extrema-direita cujos interesses apoiam as causas armamentistas da NRA ou grupos anti-aborto.

O movimento anti-confinamento serviu ainda para fazer emergir o "boogaloo"⁷¹, termo da extrema-direita para antecipar uma nova guerra civil nos EUA, devido à "crescente repressão do governo" aos direitos civis na imposição do confinamento.

O Facebook albergava 125 destes grupos, com 60% deles criados desde

Janeiro. "O facto de o Facebook deixar esta actividade proliferar, apesar das ameaças explícitas de violência às autoridades governamentais, é outro sinal da incapacidade da empresa em gerir conteúdo nocivo na sua plataforma - mesmo com grupos que não escondem as suas intenções".

A dificuldade pode estar no aparente apoio do presidente Trump ao movimento. Ele sempre acarinhou os membros das redes sociais que o defendem em público. Em Maio passado, chegou a elogiar os seus "grandes guerreiros do teclado"⁷². Num dia, a mensagem obteve mais de 150 mil "retweets".

Uma análise a esta problemática detectou que só o Facebook necessita de mais 30 mil moderadores de conteúdos e mais bem pagos. Actualmente, são metade desse número e a maior parte temporários com contratos precários.

As redes sociais deviam ter um supervisor de topo "para as políticas e execução da moderação de conteúdo", ao mesmo tempo que essa moderação deve ser alargada para países "em risco" com pessoas que conhecem as

línguas e culturas locais, assim como uma expansão "significativa da verificação de factos para desmascarar a desinformação" porque a actual forma de desmontar as "teorias da conspiração, embustes e desinformação politicamente motivada é uma tarefa nobre mas que está a ser feita numa escala muito pequena"⁷³.

Este supervisor ajudaria a perceber como é a tomada de decisões em casos de fronteira. Por exemplo, no início de Junho passado, o Twitter assinalou mensagens de Trump como racistas (mas não eliminou a sua conta), enquanto o Facebook apagou a conta SuspendThePres que duplicava os textos de Trump - mas não tocou na conta do presidente⁷⁴. Soube-se depois que a SuspendThePress foi criada para mostrar como a rede social age de modo diferenciado perante um presidente e um utilizador desconhecido.

Noutro episódio, o Facebook anunciou ter removido a 19 de Maio as páginas de um dos maiores responsáveis por desinformação. A Natural News utilizava "quintas de conteúdos" produzidos na Macedónia do Norte e nas Filipinas, amplificados

noutros sites como o NewsTarget ou o Brighteon. A plataforma social não removeu as páginas pelo seu conteúdo mas pelo “comportamento abusivo” e enganador dos autores.

A Natural News é gerida por Mike Adams, também conhecido por "The Health Ranger", um vendedor de suplementos dietéticos e um dos piores distribuidores online de informação falsa de saúde com 25 anos de actividade⁷⁵. É também um promotor de ataques violentos a médicos e investigadores.

Os seus conteúdos tiveram mais visualizações "do que os da OMS e dos CDC combinados no último ano" e foi um dos maiores dinamizadores das campanhas de teorias da conspiração, incluindo a promoção do vídeo "Plandemic", cujo objectivo é divulgar o mito de que o coronavírus é uma manipulação do governo ou que o uso de máscara tem por objectivo infectar o seu portador.

Adams é a prova de como alguns dos distribuidores de desinformação são conhecidos das autoridades ou das redes sociais, e pouco é feito para os retirar do palco da desinformação.

O mesmo sucede com um dos responsáveis pelos ataques ao Covid-19 e a Bill Gates, um personagem saliente no grupo de direita radical QAnon, Jordan Sather. Ele já era activo nas mensagens da campanha anti-vacinação e rapidamente saltou para a informação falsa sobre o coronavírus. Após acusar Gates por alegadamente ter patenteado uma vacina, colocou à venda o líquido "Miracle Mineral Solution" (MMS), um “milagre” que curava o coronavírus.

Para onde vai a desinformação?

Sabendo-se o que estas pessoas fazem e como são perniciosos para a saúde pública, como é que agregam tantos interessados e são deixados à solta online?

Parte da resposta é dada pelo uso muito eficaz das ferramentas online, quando as campanhas de desinformação descobrem novas formas de contornar as imposições das redes sociais ou dos verificadores de factos.

No caso da pandemia, revelou-se como estavam "a usar a Wayback Machine [WM] para promover 'conteúdo zombie' que evitava os moderadores

de conteúdos ou os 'fact-checkers'"⁷⁶. A WM permite encontrar páginas antigas de sites, alguns já desaparecidos.

Investigadores da Harvard Kennedy School no Shorenstein Center detectaram que páginas recentes com desinformação não eram populares no Facebook, ao contrário do que sucedia com as armazenadas na WM. Assim, uma página no site News NT a afirmar que a China tinha 21 milhões de óbitos por Covid-19 apenas conseguia 649 mil interações e 118 mil partilhas no Facebook. O mesmo conteúdo na WM obtinha 520 interações e 100 partilhas naquela rede social.

Além da WM, os mentores da desinformação usaram o Google Drive⁷⁷ para esconderem os seus conteúdos⁷⁸. A hiperligação para um endereço deste serviço de partilha ocorreu poucos dias após o vídeo "Plandemic" ter sido removido das plataformas sociais. Os criadores desta alternativa apenas seguiram opções já antes feitas pela indústria pornográfica para esconder conteúdos ilícitos. Outra vertente foi dada pelas ferramentas informáticas das redes sociais. Os algoritmos do Facebook

“exploram a atracção do cérebro humano pela divisão”, explicava um documento interno de 2018.

Em "64% de todos os grupos extremistas que se juntam, isso deve-se às nossas ferramentas de recomendação"⁷⁹, como as dos "Grupos a que se deve unir" ou "Descobrir". Além disso, a rede social recompensa os utilizadores mais activos e que partilham mais conteúdos, pelo que o objectivo do lucro é claro para muitos destes sujeitos.

Apesar das empresas tecnológicas usarem ferramentas algorítmicas para detectar a informação não fiável, não será a tecnologia que vai triunfar na sua remoção imediata. Os algoritmos não são fiáveis a classificar ou a remover conteúdos de desinformação, sendo mais uma ferramenta antecipatória para remeter a decisão final para os humanos.

Percebe-se o problema de acreditar nos critérios cegos de uma máquina. Num memorando de 5 de Junho passado, Mark Zuckerberg avançou aos funcionários do Facebook como "há uma boa hipótese de que haja medo e confusão sem precedentes em torno

da eleição em Novembro, e alguns provavelmente tentarão capitalizar essa confusão. Por exemplo, quando os políticos debatem quais devem ser as políticas de voto por correio em diferentes estados, qual é a linha entre um debate legítimo sobre as políticas de votação e as tentativas de confundir ou suprimir indivíduos sobre como, quando ou onde votar? Se um jornal publica artigos alegando que ir votar é perigoso, devido ao Covid, como devemos determinar se é informação sobre saúde ou supressão de eleitores?"

A estas dúvidas junta-se a postura diferenciada entre continentes relativamente à liberdade de expressão e à consequente auto-regulação das plataformas. Essa liberdade é quase absoluta nos EUA mas é difícil na Europa forçar as empresas a adoptar o seu modelo sem censurar conteúdos.

Em Junho, a Comissão Europeia pediu ao Facebook, Google e Twitter para lhe entregarem um relatório mensal sobre a desinformação com o coronavírus, no âmbito de um código de conduta estabelecido desde 2018 e que antecede o uso dessa informação para estabelecer uma regulação a ser

aprovada até final do ano.

"Assistimos a uma onda de informações falsas e enganosas, fraudes e teorias da conspiração, bem como operações de influência por actores estrangeiros", notou o vice-presidente da Comissão, Josep Borrell⁸⁰. Alguns "tentam minar as nossas democracias, a credibilidade da UE e das autoridades nacionais. Além disso, esta informação em tempos de coronavírus pode matar".

"A intensificação dos conflitos sociais, polarização política e antagonismo é fértil" para a emergência da desinformação num mercado mediático em franca desagregação, com um modelo governamental de difícil eficácia perante plataformas do agrado público e ágeis para disseminar propaganda que interessa a políticos.

Mas "esta crise é diferente das outras porque ilustra a nossa profunda ignorância das ciências. Os vírus caem do céu todos os dias. Teremos sempre de enfrentar novos vírus, vírus que se modificam. É inevitável! Vamos parar a economia de cada vez? Não há nada de mais seguro - todos os anos, 400 milhões de pessoas são infecta-

das pela dengue e 800 mil pessoas morrem por complicações com o vírus da SIDA", recorda o economista Gunter Pauli⁸¹. "A outra diferença é o medo suscitado pelos media e media social, que colocaram a responsabilidade política nas mãos de alguns virologistas e epidemiologistas. A economia deve ser gerida por virologistas?"

E as redes sociais, quem as deve gerir? A entrega das decisões a algoritmos é um "desafio às sociedades democráticas". Eles foram cruciais na "guerra da informação" entre a Rússia e a Ucrânia em 2014, na crise migratória na Europa no ano seguinte e no Brexit e presidenciais nos EUA em 2016, sucedendo algo semelhante no ano seguinte nas eleições de França e da Alemanha.

Os actores envolvidos nestas questões podem ser as plataformas, utilizadores humanos ou informáticos (bots), instituições públicas ou jornalistas. Alguns dos mais activos na desinformação podem simplesmente ser utilizadores que, de forma inadvertida, redistribuem mensagens falsas sobre assuntos do seu interesse ou pretendem ajudar outros.

Um outro patamar são as grandes campanhas de desinformação orquestradas, com a enorme dimensão de contas profissionais dedicadas à desinformação.

Em Junho passado, o Stanford Internet Observatory analisou⁸² conjuntos de textos publicados no Twitter e ligados à China, Rússia e Turquia.

No primeiro país, estabeleceu-se que 23.750 contas que "postaram" quase 350 mil vezes estavam ligadas a entidades do país. A desinformação com o Covid-19 começou em Janeiro e teve o seu pico em Março. As mensagens confrontavam o país com o que era feito nos EUA ou em Taiwan, e atacavam os activistas de Hong Kong.

Os outros dois conjuntos de dados tinham uma enorme dimensão mas visavam mais a política externa e interna, respectivamente.

Na Rússia, 1.152 contas publicaram quase 3,5 milhões de "tweets", alegadamente coordenados pelo Current Policy, "um grupo de contas de media social que se dedicam principalmente à publicação de conteúdo pró-Kremlin, anti-oposição e anti-Oci-

dente", antes de ter sido apagado em Novembro do ano passado. A Turquia, com 7.340 contas, publicou 36,9 milhões de vezes. Segundo o Twitter, a operação terá partido do Justice and Development Party (AKP) e visava os cidadãos turcos.

A Rússia e a China são bons exemplos de actores influentes na criação de campanhas online para seu benefício político ou económico, através de um modelo de geo-amizade que não colida com os seus interesses. Estes podem passar pelo apoio ao Partido Republicano se este for mais "amigo" no poder (uma aliança China-Rússia é exemplo disso) ou por lançar campanhas contra a nova geração de telemóveis 5G (EUA e Rússia) se as entenderem como prejudiciais à economia dos seus fabricantes.

Para consumo interno, China ou Rússia têm interesse em aproveitar a pandemia para mostrar como os sistemas democráticos estão a falhar, ao contrário das suas alegadamente eficazes medidas.

Há várias leituras para o confronto comercial entre a China e os EUA, uma situação inovadora desde 1972,

quando os presidentes norte-americanos Richard Nixon e chinês Zhou Enlai se encontraram pela primeira vez.

A China posicionou-se como "superpotência global em desinformação", nomeadamente em termos linguísticos, promovendo conteúdos em inglês. "Eles estavam prontos para o Covid" e para contrariar a denominação de Trump sobre o "vírus de Wuhan". A China não desejava essa ligação e "estava preparada para iniciar uma operação que incluía os media apoiados pelo estado, 'trolls' pagos, contas automatizadas e várias plataformas de media sociais".

Queria "garantir que o mundo não culpa a China. Ou que não ache que um governo autoritário chinês piorou o problema. É esse o interesse da China em politizar a desinformação".

É um interesse notório, revelou uma análise a uma campanha ligada ao governo de Pequim com informação tóxica "para influenciar percepções em questões-chave". Em mais de 30 mil tweets sobre Covid-19 e coronavírus, termos como Wuhan, controlo e China tinham conotações mais posi-

tivas do que Estados Unidos, media e mundo.

Para atacar Taiwan, uma mensagem afirmava que a "resposta da China na luta à epidemia foi a melhor do mundo", sendo que a resposta de Taiwan copiava a da China, enquanto a estratégia chinesa tinha falhado em Hong Kong devido aos manifestantes. A campanha apontava ainda falhas dos países ocidentais na resposta sanitária à Covid-19.

"Os protestos de Hong Kong e a pandemia de Covid-19 criaram uma combinação de crises que o estado do partido único teve de conter para manter a estabilidade doméstica e a posição internacional da China", refere o estudo. Além disso, a pandemia obrigou-o a "experimentar e refinar a operacionalização da propaganda e desinformação estratégica num ambiente com o qual não estava familiarizado"⁸³.

Antes da pandemia, o relacionamento entre a China e os EUA não era o melhor. Apenas 26% dos americanos tinham uma visão favorável daquele país, a menor percentagem desde 2005. "Parece que a única coisa em

que os americanos podem concordar é que a China é uma ameaça" económica⁸⁴ mas também na desinformação, como ocorre com a Rússia.

"Os meios de desinformação pró-Kremlin não estão a tentar 'vender uma ideia' mas a confundir o público", espalhando falsidades, revelou em Março a East STRATCOM Task Force do European External Action Service. O objectivo passa por "diminuir a confiança nos esforços do sistema de saúde, autoridades, instituições nacionais e internacionais".

O autor de "Lie Machines" crê que a Rússia está interessada em "promover a desconfiança nas democracias. E nas organizações internacionais". Acusa a OMS de se "intrometer nos assuntos internacionais" perante um país como a Rússia que "está a liderar na ciência".

Ao contrário do que sucedia à época da Operação Denver⁸⁵, as actuais teorias da conspiração "são mais difusas e menos coerentes do que a desinformação propagada pela KGB e pela [agência de espionagem da Alemanha Oriental] Stasi na década de 1980, mas os dois períodos apresentam

semelhanças distintas".

O Kremlin dinamizou "uma ampla gama de teorias conspiratórias" em países com governos hostis aos EUA, como China, Irão e Venezuela. Em paralelo, "os regimes autoritários exploraram o medo e a confusão generalizados do público para gerar suspeitas sobre os motivos dos EUA, alimentar a hostilidade em relação aos Estados Unidos e desacreditar a sinceridade do governo dos EUA no combate à pandemia global".

A estratégia com objectivos internos pretende esconder as falhas no seu sistema de saúde. O país defrontava-se em Maio com a escassez de equipamentos, centenas de médicos e pessoal do sistema de saúde mortos e milhares infectados.

"No final de Março, as autoridades regionais russas soaram os alarmes sobre uma drástica oferta insuficiente de equipamentos de protecção e uma confusão generalizada sobre como se deveria combater o vírus.

Esses problemas ainda não foram totalmente resolvidos", quando "até os médicos dos principais hospitais

de Moscovo relatam níveis quase impressionantes de infecção entre os seus colegas".

Acresce a este problema a falta de autonomia decisória. "As pessoas em cargos administrativos geralmente não sabem tomar decisões - sabem executar ordens", explicou um médico⁸⁶. "E elas continuam a receber ordens contraditórias".

Quanto às campanhas de desinformação no exterior até podem ter diminuído porque "o Kremlin já não precisa de fazer notícias falsas", nota Clint Watts, ex-agente especial do FBI e especialista em guerra de informação. "É tudo feito por americanos".

Os russos terão concluído ser "mais fácil identificar o conteúdo divisivo de americanos reais e ajudá-lo a espalhar-se através de redes discretas de contas de media social". Com esta descrição, cria personas online com menos seguidores mas "posts" mais refinados de um americano típico. E assim influenciam uma "cultura de media social cada vez mais impregnada de paranóia e desconfiança do governo e da

comunidade científica", não necessitando de "criar as suas próprias teorias da conspiração"⁸⁷, disse Cindy Otis, ex-analista da CIA para a desinformação.

Recentemente, a empresa de segurança Symantec revelou uma análise a 10 milhões de textos em 3.900 contas suspensas pelo Twitter e divulgadas pela rede social em Outubro de 2018.

Uma das constatações mais estranhas foi o tempo entre a criação de contas ligadas a "trolls" russos e os 177 dias até publicarem o primeiro "tweet". "A grande diferença entre a criação de uma conta e o 'tweet' inicial indica muita preparação paciente", escreve a Politico⁸⁸.

A propaganda russa online está bem estabelecida - aliás, como a chinesa ou a iraniana. "Os produtores e disseminadores incluem uma força substancial de 'trolls' pagos na Internet, que também frequentemente atacam ou prejudicam visões ou informações contrárias aos temas russos, em 'chat rooms' online, fóruns de discussão e secções de comentários em jornais e noutros sites"⁸⁹.

Segundo um ex-"troll" russo, estes "estão de serviço 24 horas por dia, em períodos de 12 horas, e cada um tem uma quota diária de 135 comentários de pelo menos 200 caracteres".

Com este vazio da informação fiável a ser preenchido por mitos, rumores e desinformação "a curadoria do conhecimento é tão importante quanto a moderação de conteúdo. As empresas de media social devem achatar a curva da desinformação" .

A pandemia tem mostrado "como a relutância das empresas de tecnologia em agir de forma recursiva piora o nosso mundo". Moderar conteúdos após algo ter corrido mal "é tarde demais", há que "prevenir a desinformação".

-
1. History in a Crisis - Lessons for Covid-19. New England Journal of Medicine (2020, 30 de Abril)
 2. Blaming People for Getting Sick Has a Long History. JSTOR Daily (2020, 15 de Junho)
 3. How science fails. Aeon (2020, 5 de Maio)
 4. The good scientist. Aeon (2020, 26 de Maio)
 5. Confronting Disinformation. Elizabeth Schermond (2018)
 6. Disinformation/Dezinformatsiya. Global Security (2018, 7 de Setembro)
 7. CIA Link to Cuban Pig Virus Reported. San Francisco Chronicle (1977, 10 de Janeiro)

8. Dezinformatsiya and the Cold War. Future Force (2020, 17 de Março)
9. An automated pipeline for the discovery of conspiracy and conspiracy theory narrative frameworks: Bridgegate, Pizzagate and storytelling on the web. PLOS ONE (2020, 16 de Junho)
10. How conspiracy theories spread online – it's not just down to algorithms. The Conversation (2020, 7 de Abril)
11. Guide des théories du complot. COMPACT Education Group (2020, Março)
12. US anti-vaxxers aim to spread fear over future coronavirus vaccine. The Guardian (2020, 29 de Maio)
13. The MMR vaccine and autism: Sensation, refutation, retraction, and fraud. Indian Journal of Psychiatry (2011, Abril/Junho)
14. Measles cases have tripled in Europe, fueled by Ukrainian outbreak. Science (2019, 12 de Fevereiro)
15. Inside the anti-vaccine campaign that targets young women. Coda (2020, 3 de Junho)
16. Emmanuel Macron et l'obligation de vaccination: désinformation. RFI (2020, 12 de Julho)
17. US anti-vaxxers aim to spread fear over future coronavirus vaccine. The Guardian (2020, 29 de Maio)
18. The effect of 'fake news' on the medical industry. Open Access Government (2020, 23 de Fevereiro)
19. QAnon YouTubers Are Telling People to Drink Bleach to Ward Off Coronavirus. Rolling Stone (2020, 29 de Janeiro)
20. A fringe movement that claims bleach is a miracle cure is jubilant after Trump floated injecting disinfectant as a treatment for Covid-19. Business Insider (2020, 24 de Abril)
21. Coronavirus: Agnès Buzyn a-t-elle interdit la vente libre de chloroquine en pleine épidémie? Le Monde (2020, 25 de Março)
22. Hydroxychloroquine does not prevent Covid-19 infection if exposed, study says. Stat (2020, 3 de Junho)
23. Drug for autoimmune disorders in short supply because of diversion to Covid-19 cases, where it's unproven to help. The Press Democrat (2020, 10 de Abril)
24. Surgisphere: governments and WHO changed Covid-19 policy based on suspect data from tiny US company. The Guardian (2020, 3 de Junho)
25. Scientists Are Questioning Past Research By The Founder of Surgisphere. BuzzFeed News (2020, 6 de Junho)
26. Surgisphere Sows Confusion About Another Unproven Covid-19 Drug. The Scientist (2020, 16 de Junho)
27. O medicamento produzido em Portugal que trouxe uma nova esperança ao mundo. Sol (2020, 7 de Abril)
28. Madagascar pupils expelled for refusing herbal covid-19 remedy distributed by president. The Telegraph (2020, 23 de Abril)
29. The campaign to promote a mysterious Soviet-era drug as a coronavirus miracle cure. Coda (2020, 2 de Abril)
30. Hello Scienceblogs. Science Blog Denialism (2007, 30 de Abril)
31. The science of fake news. Science (2018, 8 de Março)
32. Are Bill Gates and the ID2020 Coalition Using Covid-19 To Build Global Surveillance State? Snopes (2020, 22 de Abril)
33. Economic Effects of the 1918 Influenza Pandemic Implications for a Modern-day Pandemic. Federal Reserve Bank of St. Louis (2007, Novembro)
34. Loose Lips: The Psychology of Rumor During Crisis. Behavioral Scientist (2020, 6 de Abril)
35. Reaching out. Nature Reviews Physics (2020, 18 de Maio)
36. The Rise of Junk Science. The Walrus (2019, 27 de Maio)
37. Why do people believe Covid-19 conspiracy theories? Misinformation Review (2020, 28 de Abril)
38. Germany's Covid-19 expert: 'For many, I'm the evil guy crippling the economy'. The Guardian (2020, 26 de Abril)
39. Coronavirus conspiracy theories make Fauci the villain, because someone has to be. Yahoo News

(2020, 28 de Abril)

40. The White House has pushed Fauci into a little box on the side. NBC News (2020, 24 de Junho)

41. Three Months In, Many Americans See Exaggeration, Conspiracy Theories and Partisanship in Covid-19 News. Pew Research Center (2020, 29 de Junho)

42. Scientists alarmed as Trump embraces fringe views and extreme theories amid pandemic. The Guardian (2020, 3 de Junho)

43. "Misinformation During a Pandemic". Becker Friedman Institute (2020, 19 de Abril)

44. The relation between media consumption and misinformation at the outset of the SARS-CoV-2 pandemic in the US. Misinformation Review (2020, 20 de Abril)

45. The spread of true and false news online. Science (2018, 9 de Março)

46. What types of Covid-19 conspiracies are populated by Twitter bots? First Monday (2020, 1 de Junho)

47. 'Lie Machines': How Governments Are Using Tech to Spread Misinformation About Covid-19. Medium (2020, 13 de Maio)

48. Facebook estimates 126 million people were served content from Russia-linked pages. CNN (2017, 31 de Outubro)

49. What types of Covid-19 conspiracies are populated by Twitter bots? First Monday (2020, 1 de Junho)

50. Nearly Half Of The Twitter Accounts Discussing 'Reopening America' May Be Bots. Carnegie Mellon University (2020, 20 de Maio)

51. Around three-in-ten Americans are very confident they could fact-check news about Covid-19. Pew Research Center (2020, 28 de Maio)

52. New Carleton Study Finds Covid—19 Conspiracies and Misinformation Spreading Online. Carleton University (2020, 20 de Maio)

53. Older users share more misinformation. Your guess why might be wrong. MIT Technology Review (2020, 26 de Maio)

54. Older Americans continue to follow Covid-19 news more closely than younger adults. Pew Research Center (2020, 22 de Abril)

55. Viral Lies: Misinformation and the Coronavirus. Article 19 (2020, Março)

56. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe (2017, 27 de Setembro)

57. Comunicação COM(2018) 236 final: "Combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia". Comissão Europeia (2018, 26 de Abril)

58. Labeling State-Controlled Media On Facebook. Facebook (2020, 4 de Junho)

59. La crise publicitaire et économique va-t-elle renforcer le duopole? mind Media (2020, 4 de Junho)

60. Google is placing ads next to Covid-19 misinformation on conspiracy sites. Fast Company (2020, 11 de Junho)

61. Types, sources, and claims of Covid-19 misinformation. Reuters Institute for the Study of Journalism (2020, 7 de Abril)

62. Tracking Twitter's COVID-19 Misinformation 'Super-spreaders'. NewsGuard (2020, 15 de Junho)

63. Misinformation in action: Fake news exposure is linked to lower trust in media, higher trust in government when your side is in power. Misinformation Review (2020, 2 de Junho)

64. Information Overload, Why it Matters and How to Combat It. Interaction Design Foundation (2020)

65. How search engines disseminate information about Covid-19 and why they should do better. Misinformation Review (2020, 11 de Maio)

66. 'What are we doing this for?': Doctors are fed up with conspiracies ravaging ERs. NBC News (2020, 11 de Maio)

67. Who Benefits from Health Misinformation? Data & Society (2020, 30 de Março)

68. Combating Disinformation on Social Media: Multilevel Governance and Distributed Accountability in Europe. Digital Journalism (2020, 27 de Maio)

69. Getting to the Source of Infodemics: It's the Business Model. Open Technology Institute (2020, 27 de Maio)

70. Revealed: major anti-lockdown group's links to America's far right. The Guardian (2020, 8 de Maio)

71. Extremists Are Using Facebook to Organize for Civil War Amid Coronavirus. Tech Transparency Project (2020, 22 de Abril)
72. Donald Trump Thanks 'My Keyboard Warriors' as His Army of Trolls and Meme Makers Prepare for Battle in 2020 Election. Newsweek (2020, 15 de Maio)
73. Who Moderates the Social Media Giants? A Call to End Outsourcing. Center for Business and Human Rights (2020, Junho)
74. Facebook Censored an Account Copying Trump's Words for Inciting Violence. Vice (2020, 11 de Junho)
75. Troll farms from North Macedonia and the Philippines pushed coronavirus disinformation on Facebook. NBC News (2020, 29 de Maio)
76. Covid hoaxes are using a loophole to stay alive—even after being deleted. MIT Technology Review (2020, 30 de Abril)
77. Misinformation about coronavirus finds new avenues on unexpected sites. The Washington Post (2020, 20 de Maio)
78. Facebook Knows It's Engineered to “Exploit the Human Brain's Attraction to Divisiveness”. GQ (2020, 27 de Maio)
79. EU wants monthly audits from Facebook, Google and Twitter on coronavirus misinformation. CNN (2020, 10 de Junho)
80. Pour le "Steve Jobs du développement durable", ce sont nos usages qui changeront l'économie, plus que les entreprises. L'ADN (2020, 12 de Maio)
81. Analysis of June 2020 Twitter takedowns linked to China, Russia, and Turkey. Stanford Internet Observatory (2020, 11 de Junho)
82. Retweeting through the Great Firewall. Australian Strategic Policy Institute (2020, 12 de Junho)
83. The Death of Engagement. The Wire China (2020, 7 de Junho)
84. Lessons From Operation "Denver," the KGB's Massive AIDS Disinformation Campaign. The MIT Press Reader (2020, 26 de Maio)
85. As Coronavirus Overruns Russia, Doctors Are Dying on the Front Lines. The New York Times (2020, 14 de Maio)
86. A Conspiracy Made in America May Have Been Spread by Russia. The New York Times (2020, 15 de Junho)
87. Russia's manipulation of Twitter was far vaster than believed. Politico (2020, 5 de Junho)
88. The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model. RAND Corporation (2016)
89. Social-media companies must flatten the curve of misinformation. Nature (2020, 14 de Abril).

Os primeiros dias

Uma pandemia conduz uma sociedade aos seus limites, revela o melhor e o pior dela, o que é realmente desejado e valorizado pelas pessoas. Pode ser uma oportunidade porque altera "fundamentalmente a ordem do tempo. O presente move-se mais rapidamente, o passado parece mais distante e o futuro parece completamente imprevisível. O tempo homogêneo quotidiano divide-se em lógicas temporais diferentes e muitas vezes contraditórias. O tempo do vírus, o tempo do capitalismo e o tempo das decisões políticas competem, desafiam e colidem, impactando a vida humana de maneiras diferentes"¹.

Perante esta oportunidade, o que aconteceu realmente no tempo que vivemos com a pandemia do coronavírus?

A grande mentira da China

A OMS e a China são os dois intervenientes cruciais na campanha de informação duvidosa que marcou o aparecimento e a propagação do Covid-19.

A organização foi criticada por apoiar o atraso da China na divulgação de

informações úteis sobre o aparecimento da doença. Isso não ocorreu em público mas a organização usou canais diplomáticos mais discretos para obter a informação, revelou² no início de Junho a Associated Press (AP).

O país viu a sua reputação científica afectada por alegadamente ter mentido no processo mas a OMS também viu afectada a sua imagem de alguma credibilidade.

Não se consegue estabelecer com clareza onde e como surgiu o vírus. Um estudo aponta para Wuhan, em Agosto de 2019, ao observar as imagens de satélite do exterior de grandes hospitais locais e se cruzam com pesquisas em motores de busca. O ministério dos Negócios Estrangeiros considerou o estudo "extremamente absurdo".

Ao analisar as imagens captadas entre Janeiro de 2018 e Abril de 2020, os investigadores detectaram um "aumento acentuado"³ de veículos em Agosto de 2019, que prosseguiu nos meses seguintes até se registar um pico em Dezembro.

Este aumento de veículos coincidiu com pesquisas no maior motor de busca chinês, o Baidu, dos termos tosse e diarreia (este termo é menos genérico em estados gripais do que o anterior mas é um sintoma registado para o Covid-19).

Outras notícias sugerem que o primeiro sinal do surto ocorreu a 17 de Novembro de 2019⁴, com documentos governamentais a sugerir que o primeiro doente era residente em Hubei, tinha 55 anos mas não era o “paciente zero”.

Um outro jornal aponta⁵ 10 de Dezembro como a data em que se iniciou a epidemia na China, quando Wei Guixian, vendedor no mercado de marisco de Wuhan, se sentiu doente e com sintomas de gripe. Deslocou-se a uma clínica local e regressou a casa mas, uma semana mais tarde, estava quase inconsciente no hospital.

O conhecimento destas situações não contribuiu para confiar na partilha pela China do que sabia sobre o vírus. A OMS elogiou o país em Janeiro pela rápida resposta no combate ao coronavírus mas estava de forma diplomática a tentar que as autorida-

des do país revelassem informação vital sobre o aparecimento da doença.

A situação mereceu críticas norte-americanas pela alegada “amizade” entre a OMS e a China e levou à posterior suspensão de financiamento à organização pelos EUA. A situação levou Trump a escrever no Twitter, a 7 de Abril, como “a OMS realmente estragou tudo. Por alguma razão, financiada em grande parte pelos Estados Unidos, mas muito centrada na China. Vamos olhar bem para isso. Felizmente, rejeitei o seu conselho de manter abertas as nossas fronteiras para a China desde o início. Porque nos deram uma recomendação tão falhada”?

Trump não estava isolado nas críticas à OMS. A própria entidade de governança, a World Health Assembly, aprovou em Maio uma resolução⁶ para “iniciar, o mais rapidamente possível, e em consulta com os Estados Membros, um processo gradual de avaliação imparcial, independente e abrangente” no âmbito da sua acção durante a pandemia.

A posição da China foi demorada. Levou semanas a partilhar o “mapa

genético” (genoma) do vírus e só o fez após três laboratórios locais terem acedido a essa informação.

Muito do genoma estava sequenciado a 27 de Dezembro mas as autoridades chinesas só alertaram três dias depois para uma “estranha pneumonia”. A 31 de Dezembro, a OMS soube do caso e no dia seguinte pediu mais informação.

Foi nesse dia que se ouviu falar pela primeira vez num sítio Web chinês ligado ao governo, de uma "pneumonia de causa desconhecida"⁷ perto da cidade de Wuhan. No dia seguinte, o mercado local de marisco foi encerrado, recolhidas amostras das superfícies e encerradas em sacos selados.

Peter Daszak, presidente da EcoHealth Alliance, agrega uma "comunidade profissional que tentava impedir a propagação de doenças entre os mundos animal e humano. Mas, à medida que o ano novo se aproximava, os seus colegas na China ficaram de repente loucos", e "todos diziam 'desculpe, não consigo falar. Estamos muito ocupados. Falaremos consigo em breve. Não responderam, mesmo a mensagem de 'Feliz Ano Novo'. Isso

não era normal", recordou Daszak⁸. "É quando se sabe, você sabe, que algo sério está a acontecer". (Daszak é defensor de que a análise à origem do SARS-CoV-2 deve ser alargada às fronteiras da China, para países como o Laos, Vietnam e Myanmar).

Começaram a circular mensagens de alerta nas redes sociais locais como "Lavar as mãos. Máscaras. Luvas". Oito pessoas foram presas em Wuhan por disseminarem "rumores" sobre a doença e as mensagens sobre a mesma foram censuradas nas redes sociais.

As autoridades em Taiwan, Singapura e Hong Kong monitorizaram os estrangeiros a entrarem nas suas fronteiras.

Decisões internas com impacto exterior

A 2 de Janeiro, o genoma estava totalmente descodificado e foi emitida uma “nota confidencial” para a eliminação do vírus pelos laboratórios ou o seu envio para alguns institutos designados pelas autoridades. A 5 de Janeiro, um terceiro laboratório descodificou o genoma.

As queixas da OMS iniciaram-se a 6 de Janeiro, acusando a China de só lhe ceder os dados “15 minutos antes” de os revelar na China Global Television Network (CGTV).

Qualquer informação sobre o assunto só era divulgada após autorização governamental e, durante duas semanas, não foram registados novos casos.

Os investigadores chineses queriam ser os primeiros a publicar dados da investigação mas uma notícia sobre o assunto no dia 8, publicada no Wall Street Journal, “embaraçou” os responsáveis chineses e a OMS.

A 9 de Janeiro, um idoso com 61 anos faleceu em Wuhan, e foi registado como a primeira morte pelo coronavírus, "a primeira vítima conhecida". O óbito foi divulgado dois dias depois, quando a China cedeu o mapa do genoma à OMS, após um virologista chinês o ter publicado online.

Ainda nesse dia, o novo coronavírus é identificado e assumido o desconhecimento da sua proveniência. Como os seus antecessores SARS e MERS, era mortal. A OMS comunicou que

"não recomendava quaisquer medidas específicas para os viajantes" e desaconselhava mesmo "a aplicação de quaisquer restrições de viagem ou comércio na China, com base nas informações actualmente disponíveis".

Os Centers for Disease Control and Prevention (CDC) e o Department of Homeland Security anunciam⁹ que vão impor análises a viajantes de Wuhan para os aeroportos de São Francisco, Nova Iorque e Los Angeles a partir de 17 de Janeiro.

Antes, a 12 de Janeiro, um noticiário da BBC reportou a morte de um homem na China, com uma doença "misteriosa" e que as autoridades locais reportaram ter agido rapidamente e terem contido o vírus.

A 13 de Janeiro - e quatro dias sem casos reportados na China -, a Tailândia regista o primeiro caso, enquanto um grupo de especialistas do Newly Emerging Respiratory Virus Advisory Group (Nervtag) declara que o perigo para o Reino Unido é "muito baixo, mas a merecer investigação e teste".

O governo chinês admite não saber se

existe transmissão entre humanos, no que é secundado pela OMS, "reconfortada com a qualidade da resposta do governo chinês". Enquanto se espera que o surto termine rapidamente, os hospitais de Wuhan lidam com um número crescente de pacientes, nem todos relacionados com os contaminados no mercado local.

A 14 de Janeiro, a Direcção-Geral de Saúde (DGS) emite para Portugal o primeiro comunicado sobre um "Surto de doença respiratória na Cidade de Wuhan - China". Nele refere-se como "entre 31 de Dezembro de 2019 e 11 de Janeiro de 2020 foram reportados 59 casos de pneumonia associados à frequência de um mercado em Wuhan, na China. Foi identificado um novo coronavírus como agente etiológico da doença, tendo sido obtidos resultados positivos em 41 daqueles casos, incluindo um óbito".

A DGS confirma estar "alinhada com as organizações internacionais, em particular com a OMS", e assume a posição de que "os dados preliminares não revelam evidência de transmissão pessoa-a-pessoa". Em paralelo, aconselha algumas medidas a via-

jantes para aquela região da China.

Dois dias depois, a 16 de Fevereiro, aos jornalistas que a questionam sobre a gravidade do surto, Devi Sri-dhar, professora de saúde pública na Universidade de Edimburgo, responde: "leve-a a sério devido à propagação transfronteiriça (aviões significam que os bichos viajam para longe e rápido), provavelmente com transmissão humano-a-humano e surtos anteriores ensinaram que uma resposta excessiva é melhor do que adiar a acção".

Os CDC registam¹⁰ a ocorrência de dois óbitos e a ocorrência de três casos fora da China (dois na Tailândia e um no Japão), todos provenientes de Wuhan.

A 20 de Janeiro, o coronavírus espalha-se pelo país e atinge o Japão, a Coreia do Sul e os EUA. Trump, presente no fórum económico em Davos, responde à primeira questão sobre se está preocupado com o potencial pandémico. "De modo nenhum", responde, "temo-lo perfeitamente sob controlo".

A 22 de Janeiro, a OMS quer declarar

a doença mas acaba a conceder que não é um perigo para a saúde humana. O alerta de “emergência global” é adiado para uma data posterior ao encontro entre os presidentes da OMS (Tedros Adhanom Ghebreyesus) e da China (Xi Jinping) a 28 de Janeiro.

Antes, a 24 de Janeiro, a doença chega à Europa. No dia seguinte, a DGS actualiza a informação sobre o "surto de pneumonia por novo Coronavírus (2019-nCoV) na China" e revela que "está a ser avaliado o primeiro caso suspeito de infecção", de um doente regressado de Wuhan. No dia seguinte, revela-se que este caso deu negativo.

A origem do vírus era necessária para prosseguir a investigação. A hipótese de ter sido desenvolvido por humanos e removido de um laboratório de virologia em Wuhan, onde se teria iniciado a epidemia, foi negada, nem sempre pelas autoridades chinesas.

A 29 de Janeiro, confirma-se¹¹ a transmissão do coronavírus entre humanos, a partir da análise a 425 casos de "infectados com a pneumonia pelo novo coronavírus" na China.

As autoridades chinesas referem-se então a uma "primeira vaga da epidemia". Esta imagem da vaga, da onda, em epidemias é antiga. Arthur Ransome, médico de Manchester, escreveu em 1882 como "o curso de uma doença epidémica através de um país pode ser adequadamente comparado a uma vaga, subindo e descendo gradualmente, com mais ou menos regularidade, novamente a subir após um período que varia de facto, mas que, na mesma doença, é suficientemente regular para poder compará-la com 'uma vaga no mar encrespado'"¹². No final de Janeiro, com o feriado do novo ano lunar e as viagens para rever a família, Wuhan ficou em quarentena após registar 800 casos e 25 mortes.

Até essa altura, a desinformação sobre a epidemia tinha sido dominada pela descoberta de "vacinas milagrosas" e pela patente do vírus registada anos antes, seguindo-se "dados falsos sobre a origem" da mesma e oferta de diversas protecções até que, numa terceira vaga, surgiram as teorias da conspiração, como comprovaram 48 organizações de verificadores de factos em 30 países, agrupados na International Fact-Checking Network¹³.

Numa delas, captada do Facebook, era usada uma imagem de uma pessoa, supostamente gravada da CNN, com a legenda "Raúl Rodolfo Abhduz Khan, engenheiro bioquímico dos Karmalah Laboratories, é o criador do coronavírus". A CNN era alheia à mensagem e a foto era de Raúl Álvarez, um "youtuber" espanhol conhecido por Auronplay.

Em Portugal, a 30 de Janeiro, um novo "caso suspeito" e também de um doente que "regressou da China no dia 22 de janeiro, onde teve contacto com um cidadão com provável infecção pelo 2019-nCoV". Foi enviado para o Centro Hospitalar Universitário de S. João no Porto e, mais tarde, deu negativo.

Foi nesse dia que o estado de emergência foi declarado, já o vírus alastrava por vários países, e com elogios da organização à "transparência" chinesa no processo.

“É óbvio que se podiam ter salvo muitas vidas e evitado, muitas, muitas mortes se a China e a OMS tivessem agido mais rapidamente”, considera Ali Mokdad, professor do Institute for Health Metrics and Evaluation na

University of Washington.

A 31 de Janeiro, o ministro da saúde italiano, Roberto Speranza, declara que "a situação é grave, mas não há necessidade de alarme, tudo está totalmente sob controlo".

Não era assim na China, com 258 mortos e mais de 11 mil infecções. Os EUA interditaram a entrada a estrangeiros vindos daquele país.

A 1 de Fevereiro, o Vietname regista seis casos mas assume uma "epidemia nacional", pára os voos com a China e as autorizações de entrada a chineses. Com mais de 20 mil infectados e 425 mortes, a China vê a primeira morte fora das suas fronteiras. Um residente em Wuhan falece em Manila (Filipinas) e este país interdita a entrada a chineses.

Trump continua optimista e declara que "em Abril, em teoria, quando fica um pouco mais quente, [o vírus] milagrosamente desaparece".

Estamos a 5 de Fevereiro e, em Portugal, são registados o terceiro e quarto casos suspeitos. 20 dias depois, a nível global, estão detectados mais de

80 mil. Os EUA têm apenas 14 casos e Trump vangloria-se de que "o coronavírus está sob controlo nos EUA. O mercado de acções começa a parecer muito bom para mim!"

A 11 de Março, a OMS escala o Covid-19 para o estado de pandemia mas qual é a diferença entre epidemia e pandemia?

A primeira é "um surto de doença que se espalha rapidamente e afecta muitos indivíduos ao mesmo tempo". Uma pandemia é uma "epidemia mundial ou numa área muito ampla e geralmente afectando um grande número de pessoas"¹⁴.

Apesar da dificuldade nas definições, a OMS mudou-a quando já estavam registadas mais de 118 mil infecções em 114 países e 4.291 óbitos.

O termo pandemia "não é uma palavra para ser usada de maneira leve ou descuidada", alertava a OMS¹⁵, porque, "se mal utilizada, pode causar medo irracional ou aceitação injustificada de que a luta acabou, levando a sofrimento e morte desnecessários". Os EUA já contavam um milhar de infectados e Trump anuncia "o esfor-

ço mais agressivo e abrangente para enfrentar um vírus estrangeiro na história moderna".

Em Portugal, no dia seguinte, a DGS alerta para uma "corrente no WhatsApp [que] garante que já morreram duas pessoas. É falso".

A DGS "lamenta e condena este tipo de atitudes que em nada contribuem para o combate a este novo surto". Com 78 casos confirmados e 4.923 em vigilância, os ministérios da Administração Interna e da Saúde declaram o estado de alerta em todo o País, colocando os meios de proteção civil e as forças e serviços de segurança em prontidão, enquanto o Conselho de Ministros apresenta um conjunto de "medidas extraordinárias de contenção e mitigação do coronavírus".

A fronteira com Espanha é encerrada a 15 de Março. No dia seguinte, a ministra da Saúde confirma a primeira morte em Portugal. A directora-geral da Saúde, Graça Freitas, considera ser "expectável que o número de mortes aumente, mas que os serviços de saúde irão fazer de tudo para que isso não aconteça".

A 18 de Março, com cerca de 600 casos registados e dois óbitos, Portugal declara-se num estado de emergência - a primeira vez desde o 25 de Abril de 1974. Duas semanas depois e até 2 de Maio, está em estado de calamidade.

No início de Abril, a Johns Hopkins University conta mais de 50 mil mortes e mais de um milhão de casos confirmados com Covid-19.

No dia 8, a China não regista mortes e inicia o desconfinamento. Na Europa, Boris Johnson é internado em Inglaterra. Pode-se “imaginar o choque e a decepção que Johnson deve ter sentido quando lhe ocorreu que o seu mandato enquanto primeiro-ministro não seria recordado pelo Brexit”¹⁶ mas pela gestão da pandemia.

Entre 9 e 13 de Abril, o período pascal português é marcado por viagens dentro do próprio concelho de residência, excepto por razões imperiosas ou laborais.

Portugal comemora um reduzido 25 de Abril no Parlamento, antecipa o 1º de Maio sindical com algum distanciamento social na Alameda, em

Lisboa, e uma Fátima vazia a 13 de Maio. Cinco dias depois, a OMS anuncia a abertura de um inquérito à epidemia na China.

No último dia de Maio - e cinco meses após a China ter revelado a "pneumonia de causa desconhecida" -, o ministério da Saúde em Portugal regista 325 mil casos suspeitos, 32.500 casos confirmados, 19.409 recuperados e 1.410 óbitos. Será de números e de épocas estivais, de férias e de festivais, e de uma hipotética e imprecisa segunda vaga, que se irá falar nas semanas seguintes.

No início de Junho um ex-responsável da espionagem inglesa MI6 afirma que o aparecimento do coronavírus ocorreu “por acidente”¹⁷. Richard Dearlove viu um “importante” relatório a confirmar o desenvolvimento do vírus por humanos, em laboratório, contrariando a teoria generalizada de transmissão aos humanos por um animal (morcego ou pangolim).

O referido relatório fala de uma sequência genética com alguns elementos “inseridos” artificialmente, sem ter ocorrido evolução natural.

O estudo referido por Dearlove foi publicado dias depois na *Quarterly Review of Biophysics (QBR)*¹⁸. Dois investigadores noruegueses e um britânico, liderados por Birger Sørensen, alegam que o SARS-CoV-2 não é natural na sua origem e confirmam as afirmações do ex-responsável do MI6: o coronavírus “contém sequências que parecem ter sido inseridas artificialmente” e não sofre mutações, o que sugere estar “totalmente adaptado aos humanos”¹⁹.

Os resultados do estudo foram criticados e apontada a ligação dos investigadores ao desenvolvimento de uma vacina para o coronavírus. Eles assumem essa postura, derivada do seu trabalho anterior de testes com vacinas para o HIV.

Vírus de destruição maciça

Nos EUA, alguns investigadores descartam a potencial disseminação no exterior do SARS-CoV-2. Com dois laboratórios de virologia na cidade chinesa, o Wuhan Center for Disease Control and Prevention (WHCDC) e o Wuhan Institute of Virology (WIV), “ambos tiveram grandes projectos sobre novos vírus de morcego e man-

tiveram grandes colecções de investigação de novos vírus de morcego, e pelo menos o WIV possuía o vírus mais intimamente relacionado com o vírus do surto”²⁰.

O genoma foi isolado em 2013 e divulgado em Janeiro deste ano. Podia ter passado do morcego para um outro animal e, depois, para um trabalhador. As fracas condições de segurança nos estabelecimentos e das normas de biossegurança facilitavam a cadeia accidental de eventos.

Ela é justificada pelo “reconhecimento oficial do governo chinês no início do surto de insuficiência na biossegurança da SARS-CoV-2 nas instalações de alta contenção da China. Em Fevereiro de 2020, várias semanas após o surto em Wuhan, o presidente da China, Xi Jinping, enfatizou a necessidade de garantir ‘a biossegurança do país’”. Essa declaração “foi seguida de imediato pelo Ministério de Ciência e Tecnologia da China com novas directrizes para laboratórios, especialmente no manuseio de vírus”, e de um artigo no jornal chinês pró-governamental *Global Times* abordar os “problemas crónicos de gestão inadequada em laboratórios,

incluindo problemas de resíduos biológicos”.

O sigilo do governo terá igualmente ocorrido em relatórios oficiais sobre os níveis de mortalidade. As suspeitas apontam que “os números revelados podem ser tão pequenos quanto um por cento dos totais actuais. Na última semana de Abril, a Caixin, uma das publicações mais fiáveis da China, relatou como um estudo sorológico foi realizado em Wuhan a 11 mil habitantes. Extrapolando os resultados, que mostraram como cinco a seis por cento da amostra de 11 mil pessoas tinha anticorpos para SARS-CoV-2, a Caixin estimou que 500 mil pessoas na cidade tinham sido infectadas, ou 10 vezes mais o nível dos relatórios oficiais do governo chinês. A publicação foi rapidamente excluída pelos censores” governamentais.

A ocultação de dados também terá ocorrido com a origem da pandemia, usando mentiras como terem sido os EUA a introduzir o vírus em Wuhan. À afirmação feita a 13 de Março pelo porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros, Zhao Lijian, seguiu-se um mês depois a sugestão de tratar-se do resultado de bioguerra a partir da

Rússia. Em Maio, a mesma informação foi divulgada na CGTN e nas redes sociais Weibo, Facebook e Twitter.

Apesar desta politização e desmentidos, um estudo²¹ do Pew do início de Abril mostrava como 6% dos norte-americanos inquiridos acreditava que o vírus foi criado acidentalmente em laboratório, enquanto 23% achava que isso tinha ocorrido intencionalmente. Para 43%, surgiu naturalmente.

Estas "narrativas conflitantes" demonstram a necessidade de ter melhores formas de reportar, em segurança e de forma fiável, por onde andam os vírus criados ou permitidos pelos seres humanos. E que, antes de lançar conjecturas e politizar as questões, se faça uma avaliação científica.

Como refere Xiao Qiang, investigador da School of Information na University of California, Berkeley, sobre o aparecimento e disseminação do vírus, "não considero que seja uma teoria da conspiração. Acho que é uma pergunta legítima que precisa de ser investigada e respondida. Entender exactamente como isto começou é

um conhecimento crítico para impedir que aconteça no futuro”.

A teoria do vírus libertado de Wuhan foi sustentada com um relatório que circulou nas comunidades militar, de espionagem e política norte-americanas mas "algumas das suas provas mais aparentemente persuasivas são falsas - comprovadamente falsas"²².

O documento foi elaborado pela Multi-Agency Collaboration Environment (MACE), uma entidade normalmente contratada pelo Departamento de Defesa norte-americana, que afirma que o vírus terá saído do laboratório em Outubro de 2019. "É um evento que permitiu que o Covid-19 escapasse. É uma teoria que ganhou força na direita política e nos níveis superiores do governo Trump".

Mas "este é um guia ilustrado sobre como não fazer análise de código aberto", disse Jeffrey Lewis, director do Center for Nonproliferation Studies, que analisou o documento. "Está cheio com comparações de maçãs com laranjas, raciocínio motivado e uma recusa completa em considerar explicações mundanas ou colocar os dados em qualquer tipo de contexto".

A "teoria" suporta a posição de Trump que, em Abril e Maio, alegou por várias vezes que o vírus foi libertado do WIN porque "alguém foi estúpido", mas nunca apresentou qualquer prova a validar essa declaração.

A mesma posição já tinha sido assumida pela administração Trump e desmentida por virologistas. Uma dezena de cientistas garantiu²³ que "uma libertação acidental exigiria uma série notável de coincidências e de desvios em relação a protocolos experimentais bem estabelecidos". Segundo eles, o vírus terá sido transmitido entre animais e humanos, como sucedeu antes como o Ébola ou com os coronavírus do SARS e do MERS.

Na revista científica Nature, a 17 de Março, um grupo de investigadores norte-americano, inglês e australiano foi claro: "as nossas análises mostram claramente que o SARS-CoV-2 não é um constructo laboratorial ou um vírus propositadamente manipulado". Um outro grupo condenou na Lancet "as teorias da conspiração a sugerir que o Covid-19 não teve uma origem natural".

Isto não impediu o aparecimento da teoria de que o vírus escapou do WIT na China. Mas ela foi tida como "as armas de destruição maciça da administração Trump"²⁴, aproveitada por entidades e media de extrema-direita.

"Ao colocar notícias falsas sobre acções ilegais chinesas através de autoridades americanas anónimas e documentos desonestos, a Casa Branca parece esperar que um conflito escalado no exterior oculte as suas falhas em casa". Neste sentido, "recorda as campanhas de desinformação bem-sucedidas que os neoconservadores do governo George W. Bush promoveram quando colocaram uma revelação aparentemente explosiva sobre as armas iraquianas de destruição em massa no New York Times".

Desta vez, o transmissor foi o Washington Times, num artigo²⁵ em Janeiro sobre a fuga do vírus de um laboratório chinês. Dois meses depois, o jornal clarifica que, desde a publicação da notícia, "cientistas fora da China puderam estudar o vírus SARS-CoV-2. Eles concluíram que não mostra sinais de ter sido fabricado ou manipulado propositadamente em laboratório, embora a origem

exacta permaneça obscura e os especialistas debatam se terá sido libertado de um laboratório chinês que o estava a estudar".

Em meados de Abril, o Washington Post prosseguiu com a teoria do vírus desenvolvido em laboratório, seguido pela Fox News a 15 de Abril.

Cinco dias depois, a The Grayzone questiona as origens da "conspiração" e das suas motivações, recordando como o artigo do Washington Post declara que "não sabemos se o novo coronavírus teve origem no laboratório de Wuhan".

A base deste mito parece ser uma (falsa) declaração de Tasuku Honjo, prémio Nobel da Medicina em 2018. Além dos EUA, ele também foi disseminado na Alemanha, Espanha e França, onde circulou uma variação de que teria sido desenvolvido no Institut Pasteur.

A resposta às alegações norte-americanas foi tripartida. China, Rússia e Irão uniram-se em Maio para apontar o financiamento dos EUA a laboratórios biológicos perto da Rússia e a sua eventual ligação ao Covid-19.

O porta-voz do ministério chinês dos Negócios Estrangeiros, Geng Shuang, clarificou que "os Estados Unidos criaram muitos laboratórios no território da antiga União Soviética, o que evoca sérias preocupações públicas nos países vizinhos em questão".

A declaração prosseguia a linha da porta-voz do ministério russo dos Negócios Estrangeiros, Maria Zakharova, que afirmou a 17 de Abril: "não podemos ignorar o facto de que essa infra-estrutura com um potencial biológico perigoso é construída pelos americanos na proximidade directa das fronteiras russas". As declarações foram transmitidas pela agência noticiosa Tasnim, do Irão.

A resposta a várias das alegações preencheu o confronto verbal da China com os EUA, evidente ao longo dos últimos meses.

Em Março, um diplomata chinês em Paris recordou²⁶ que, "embora a China seja rotulada como uma 'ditadura', quando a epidemia começou a espalhar-se, foi à China que o mundo inteiro pediu ajuda, não aos Estados Unidos, 'farol da democracia'. Foi a

China que estendeu a mão a mais de 80 países. Não foram os Estados Unidos".

Também o embaixador chinês nos EUA, Cui Tiankai, reiterou que espalhar teorias da conspiração seria "louco" e "muito prejudicial", referindo-se, "ainda que indirectamente, a alegações de que o coronavírus que causa o Covid-19 foi desenvolvido num laboratório militar".

Uma outra leitura das declarações oficiais da China considera²⁷ que "os observadores se deveriam focar no núcleo consistente de mensagens vindas de todos os canais oficiais e de propaganda de Pequim, incluindo Cui: que a questão da fonte do vírus é uma questão científica que requer ouvir opiniões científicas e de especialistas - não os EUA ou outras autoridades estrangeiras".

A postura da China foi acompanhada por uma vasta campanha nos media sociais. Em quase um ano, só o Twitter registou "um aumento de mais de 300% nas contas associadas a embaixadas, embaixadores e oficiais do governo da China desde Abril de 2019". Usando tácticas russas²⁸,

"essas contas, com a ajuda de meios de comunicação controlados pelo Estado, promoveram várias e, por vezes, conflitantes teorias da conspiração, afirmando a responsabilidade dos EUA pela pandemia.

O Irão e a Rússia uniram-se num esforço conjunto para elevar as conspirações dos media sociais chineses a novos patamares. Os EUA encontram-se agora numa guerra nos media sociais com múltiplas frentes contra uma tríade de desinformação que se estende de Moscovo a Teerão e a Pequim", garante a Alliance for Securing Democracy.

"Ao reforçar de modo oportunista os esforços de manipulação das informações entre todos, a soma acumulada dos seus esforços é maior do que as suas partes individuais. Também permite que cada país se concentre nas suas vantagens comparativas. A tremenda capacidade da Rússia para a produção e programação de conteúdo em vários idiomas oferece uma economia de custos e alcance à China e ao Irão. Os ataques no Twitter da China aos Estados Unidos fornecem ao Kremlin um 'proxy' para a guerra da informação. As alegações arrogantes

e agressivas anti-americanas do Irão permitem à Rússia e China avançar narrativas que preferem não apresentar em seu próprio nome".

Nesta união de esforços contra os EUA, os diferentes países souberam aproveitar essa "convergência narrativa autoritária" para fins internos. "A China, fonte da pandemia global, continuou a divulgar o seu alcance global, enfatizando os esforços de ajuda a outros países afectados pelo vírus e citando a guerra comercial como uma barreira para combater a pandemia. A Rússia prosseguiu a sua abordagem normalizada de medidas activas, incitando temores à lei marcial, guerra de classes e aquisições governamentais, enquanto simultaneamente alegava que a histeria com o coronavírus representa mais uma tentativa de afrontar os media pelo presidente Trump.

O Irão ofereceu a afirmação consistente de que as sanções dos EUA são culpadas pela sua resposta inadequada ao coronavírus, e ao mesmo tempo sugere como a parceria Israel-EUA pode ter criado o vírus".

A China foi ainda mais clara quando,

em Maio e perante acusações sobre as suas hipotéticas campanhas de desinformação, decidiu responder a 24 alegações que considerava falsas.

O país negou que o Covid-19 fosse um "vírus chinês" ou que tivesse surgido em Wuhan ou sido desenvolvido e libertado acidentalmente no Wuhan Institute of Virology. Afirmou ainda que não espalhou o vírus, que os morcegos não fazem parte da sua alimentação, que foi transparente e não demorou demasiado tempo a revelar informação sobre a transmissão do vírus entre humanos.

Relativamente a disseminar falsidades sobre o Covid-19, o comunicado oficial²⁹ é taxativo: "A China sempre foi aberta e transparente na divulgação de informações. Pelo contrário, alguns políticos, académicos e meios de comunicação norte-americanos hostis à China continuam a caluniar e a atacar a China. A China é uma vítima da desinformação".

1. Epidemic Times. Somatosphere (2020, 2 de Abril)

2. China delayed releasing coronavirus info, frustrating WHO. Associated Press (2020, 3 de Junho)
3. Analysis of hospital traffic and search engine data in Wuhan China indicates early disease activity in the Fall of 2019. Harvard's DASH (2020, Junho)
4. Coronavirus: China's first confirmed Covid-19 case traced back to November 17. South China Morning Post (2020, 13 de Março)
5. How It All Started: China's Early Coronavirus Missteps. Wall Street Journal (2020, 6 de Março)
6. COVID-19 response. World Health Assembly (2020, 18 de Maio)
7. 100 days that changed the world. The Guardian (2020, 8 de Abril)
8. Impeachment. Primaries. Kobe. Coronavirus rushed in while our focus was elsewhere. LA Times (2020, 12 de Abril)
9. Wuhan pneumonia outbreak: What we know and don't know. Vox (2020, 9 de Janeiro)
10. Transcript of 2019 Novel Coronavirus Response Telebriefing. CDC (2020, 17 de Janeiro)
11. Early Transmission Dynamics in Wuhan, China, of Novel Coronavirus-Infected Pneumonia. New England Journal of Medicine (2020, 29 de Janeiro)
12. On the Form of the Epidemic Wave and Some of Its Probable Causes. Transactions. Epidemiological Society of London (1882, 7 de Junho)
13. Fact-checkers from 30 countries are fighting 3 waves of misinformation. Poynter (2020, 28 de Janeiro)
14. The classical definition of a pandemic is not elusive. WHO (2011)
15. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19. WHO (2020, 11 de Março)
16. The Great British Battle: how the fight against coronavirus spread a new nationalism. The Guardian (2020, 16 de Maio)
17. Exclusive: Coronavirus began 'as an accident' in Chinese lab, says former MI6 boss. The Telegraph (2020, 3 de Junho)
18. Biovacc-19: A Candidate Vaccine for Covid-19 (SARS-CoV-2) Developed from Analysis of its

General Method of Action for Infectivity. QRB Discovery (2020, Junho)

19. Norway Scientist Claims Report Proves Coronavirus Was Lab-Made. Forbes (2020, 7 de Junho)

20. Did the SARS-CoV-2 virus arise from a bat coronavirus research program in a Chinese laboratory? Very possibly. Bulletin of the Atomic Scientists (2020, 4 de Junho)

21. Nearly three-in-ten Americans believe Covid-19 was made in a lab. Pew Research Center (2020, 8 de Abril)

22. Busted: Pentagon Contractors' Report on 'Wuhan Lab' Origins of Virus Is Bogus. Daily Beast (2020, 20 de Maio)

23. Virus Researchers Cast Doubt On Theory Of Coronavirus Lab Accident. NPR (2020, 23 de Abril)

24. How a Trump media dump mainstreamed Chinese lab coronavirus conspiracy theory. The Grayzone (2020, 20 de Abril)

25. Coronavirus may have originated in lab linked to China's biowarfare program. Washington Times (2020, 26 de Janeiro)

26. Systèmes politiques et lutte contre l'épidémie: le grand dilemme. Ambassade de la République Populaire de Chine en République Française (2020, 28 de Março)

27. China Will Do Anything to Deflect Coronavirus Blame. Foreign Policy (2020, 30 de Março)

28. Triad of Disinformation: How Russia, Iran, & China Ally in a Messaging War against America. Alliance for Securing Democracy (2020, 15 de Maio)

29. Reality Check of US Allegations Against China on COVID-19. Ministry of Foreign Affairs, the People's Republic of China (2020, 9 de Maio)

A falta de “informação autoritária”

A pandemia gerou um efeito anacrónico, com as entidades que deviam supostamente fornecer informação fiável a baralharem-se entre si ou a misturar e a divulgar ao longo do tempo informações contraditórias, quando não a escondiam do público.

Esta inesperada desinformação teve origem em entidades tão responsáveis como a OMS, os governos ou as respectivas autoridades de saúde, como a DGS em Portugal. Agarrados às mensagens, os media participaram como simples transmissores, sem questionar o que lhes era oferecido. Ser céptico não ficava bem, tanto mais quando não se queria assumir o reduzido conhecimento sobre o que se estava a noticiar.

Foi neste cenário que falharam os quatro principais intervenientes: instituições de saúde internacionais, governos, entidades sanitárias nacionais e comunicação social. É de aceitar que foi fácil a confusão triunfar quando falharam as três linhas de intervenção necessárias para acalmar a população portuguesa: clareza, transparência e coerência.

A clareza não transpareceu das men-

sagens, focadas principalmente na análise numérica de casos e óbitos, que prosseguiram durante mais de um semestre. Mas não precisava de ser assim, como o demonstrou o pedagógico, útil e bem informado grupo no Facebook "COVID19 dúvidas respondidas por profissionais de saúde".

A (falta de) transparência foi tão criticada que a DGS se viu obrigada a ceder os valores requeridos pelos investigadores da pandemia, após semanas de resguardo desta informação pública sem qualquer justificação plausível, potenciando a versão de como a DGS podia estar a faltar à verdade com os números da pandemia.

No seu blogue Nos Cornos da Covid, o investigador Pedro Vieira recorda como "o presidente Marcelo Rebelo de Sousa garantiu-nos que ninguém iria mentir. Não prometeu, é certo, que ninguém iria esconder informação. Nem a omissão é, para os puristas, uma mentira.

Isto a pretexto do obscurantismo da Direcção-Geral da Saúde (DGS) em redor dos dados da Covid-19"¹.

O conjunto destes dados devia ser

"acessível a qualquer cidadão" mas, relatou o investigador, apesar da lei garantir a disponibilização "'à comunidade científica e tecnológica portuguesa' dos microdados anonimizados do Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica", a DGS obrigou-o a apresentar "um documento do ISCTE sobre o estudo que iria fazer e ainda um parecer da Comissão de Ética da universidade" - quando nada na lei exige tais documentos.

A sua conclusão é taxativa: "está na massa do sangue da Administração Pública a opacidade, a procrastinação, o medo de ver os cidadãos a olharem e pensarem com seus olhos e seus cérebros a realidade".

Quanto à falta de coerência, e apesar de muitas das mensagens serem veiculadas pela OMS, assistiu-se a diferentes posições entre responsáveis e entre estes e outras entidades sanitárias.

Política na ciência

Perante a escassez dos dados fiáveis, ocorreu uma enorme disseminação de falsidades. No geral, a crença nas fontes de informação supostamente

fiável foi completamente abalada.

França e a sua tradição centralista foi um exemplo de como não fazer. No início de Maio, o governo lançou o site Desinfox Coronavirus com informação (também dos media) sobre o Covid-19 que o Syndicat National des Journalistes (SNJ) rapidamente classificou de "fake news" e de se tratar de uma "clara interferência na liberdade de imprensa"².

O Desinfox acabou por ser eliminado após o SNJ se ter queixado ao Conseil d'État por o sítio Web não promover "os princípios do pluralismo na expressão de opiniões e na neutralidade das autoridades públicas".

Ao fazer uma selecção da informação fiável de alguma comunicação social, o sítio rapidamente foi acusado de promover as "fake news" e estabelecer uma "confusão" na ligação entre jornalistas e poder político.

O governo considerou que a página alojada no seu site visava evitar a proliferação da desinformação sobre o Covid-19, mas o director do diário Libération clarificou como "a comunicação do governo é uma coisa, o

trabalho das redacções é outra. Esta publicação, sem qualquer outra forma de explicação, corre o risco de causar confusão na mente dos leitores, principalmente porque a sua promoção foi feita por Sibeth Ndiaye, que ocupa o cargo político de porta-voz do governo³.

Em Espanha, outro político dava a cara pelos rumores e desinformação, "os grandes aliados" do Covid-19. Fernando Marlaska, ministro do Interior, considerava⁴ que "não é liberdade de expressão, são actos deploráveis que colocam em risco a saúde de todos, e que provocaram os mortos que todos conhecemos".

Ele defendeu uma "vigilância centrada na Internet, redes sociais e na 'dark Web'", após se terem detectado "274 eventos de desinformação e bloqueado 45.733 domínios pelo seu potencial perigo" - bem como multado 630 mil pessoas por não cumprirem o confinamento.

"Não falamos de opiniões pessoais e críticas ao Executivo", clarificou, mas isso não impediu o PP de recordar que apontar esta desinformação tinha servido para "minimizar o clima

contrário à gestão da crise por parte do Governo".

Para o Ciudadanos, era necessário "abrir as portas. Sejam transparentes e dêem os dados reais", pediu ao Governo. Mas esta é uma situação que nem sempre ocorre no país, pelo que requerer ao Governo o fornecimento de dados oficiais pode não ser eficaz.

"As fontes oficiais ou quem as representa também podem mentir e ocultar informação de interesse público"⁵, lembrava o jornal El País.

Uma dessas dúvidas nesta pandemia é a mortalidade, com discrepâncias em Madrid onde "os dados dos funerais apontam que as mortes pelo coronavírus podem ser 3.000 mais do que nas estatísticas oficiais". Por questões técnicas, como as mortes ocorridas sem ter havido testes ou darem entrada num hospital, elas não são contabilizadas nas estatísticas.

Em termos históricos, um conjunto de mentiras também não ajuda a firmar a credibilidade oficial no que respeita à confluência entre política e ciência. Por exemplo, em Novembro de 2002, quando o petroleiro Prestige se partiu

e provocou "a pior catástrofe ambiental de Espanha", o investigador José García Fierro do Centro Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), assegurou que o afundamento do navio era bom para evitar uma maré negra, ao solidificar o crude.

Este discurso foi repetido por Mariano Rajoy, porta-voz do Governo de José María Aznar, enquanto a maré negra chegava à costa galega, norte de Portugal e França. A fuga do crude no Prestige prosseguiu até Agosto de 2003.

Ao nível internacional, a própria OMS não estava imune a críticas relativamente ao seu passado. Em 2009, descobriu-se que a organização encobriu como os seus especialistas da gripe A recebiam pagamentos das empresas Roche e Glaxo.

A polémica iniciou-se a 11 de Junho de 2009 com uma declaração formal da instituição de que "o mundo está agora no início da pandemia de influenza de 2009". O alerta derivou na aquisição de milhões de dólares do oseltamivir (comercializado sob a marca Tamiflu) e zanamivir (Relenza), que não foram utilizados. Espa-

nha, por exemplo, adquiriu 13 milhões de doses mas só usou dois milhões.

A OMS recomendou a aquisição dos antivirais das duas farmacêuticas aos países afectados pela doença e considerou as dúvidas no assunto como "teorias da conspiração". Os conflitos de interesse no negócio só foram detectados pela investigação da publicação científica The BMJ⁶ e do Bureau of Investigative Journalism.

Mensagens ambíguas estimulam o medo

Num momento em que todos precisavam de melhor informação, as principais autoridades que supostamente teriam os melhores dados encarregaram-se de demonstrar alguma ignorância, que não ajudou as populações.

“Precisamos de entender melhor como as comunidades estão a responder a este vírus, o que está a funcionar em termos de comunicação de riscos, o que está a assustar as pessoas em termos de desinformação. Precisamos também de uma vacina contra a desinformação e, nesse sentido, precisamos de uma vacina de comunica-

ção; precisamos de ser capazes de comunicar de uma maneira muito mais eficaz”⁷, notava Mike Ryan, director-executivo do programa de emergências médicas da OMS.

Num relatório divulgado em Abril passado, investigadores da UNESCO afirmam que “a desinformação sobre o Covid-19 cria confusão sobre a ciência médica, com impacto imediato em todas as pessoas no planeta e nas sociedades. É mais tóxica e mais mortal do que a desinformação sobre outros assuntos”. O trabalho sugere que podem existir consequências “fatais” quando “os cidadãos estão a ser enganados, deixando-os incapazes de entender e implementar medidas preventivas fundamentadas cientificamente”, com as pessoas a morrer em “resultado da complacência ou por recorrerem a falsas ‘curas’”, muitas vezes propostas inocentemente por “pessoas vulgares” que partilham desinformação julgando estar a ajudar quem precisa.

No Reino Unido, o estado de espírito público no final de Fevereiro era de quase apoio total (96%) às medidas tomadas pelo governo de Boris Johnson e “uma razão pela qual os eleito-

res apoiaram o confinamento foi que eles entenderam o que isso significava: mais de quatro em cada cinco eleitores pensaram que as regras eram claras”⁸.

Na segunda semana de Maio, apenas 44% as aprovava e 43% estava contra as mesmas, com apenas 30% a considerar claras as novas regras de “fique alerta, controle o vírus, salve vidas”. As anteriores “fique em casa, proteja o SNS, salve vidas” tiveram o apoio de 91%.

Estas mensagens confusas a múltiplas vozes foram atenuadas pela presença dos investigadores que ajudaram os políticos a entender a doença e a definir estratégias sociais e de saúde. Depois, a ciência perdeu preponderância e cedeu o lugar à política e à economia. Esta mudança de responsabilidades alterou a percepção de confiança nos governos como fonte de informação fiável.

Em meados de Abril, 67% confiava no governo do conservador Boris Johnson, percentagem que baixou para 48% no final de Maio⁹. O posicionamento político teve influência: caiu 10% nos eleitores de direita,

19% ao centro e 24% à esquerda. Por comparação, a confiança nos media caiu de 57% para 46%.

A fraca narrativa mediática

Os media servem “para permitir as vozes da conformidade e da resistência, mantendo o sistema social geral mais ou menos intacto”¹⁰. Assim pode-se “argumentar que desinformação e 'notícias falsas' são uma contrapartida inevitável (e talvez até necessária, embora não igual) às vozes autorizadas de especialistas e sistemas especializados” que imperam no jornalismo tradicional.

Esta visão do investigador de media Mark Deuze parece perigosa mas baseia-se num interessante modelo de contraponto aos poderes instalados, também eles com erros propagados pelos media tradicionais, no que se poderia chamar de “desinformação ‘oficial’”.

Na crise pandémica, no entanto, a influência da comunicação social foi diminuta perante um evento para o qual não estavam minimamente preparados. Incapazes de questionar o discurso oficial ou de analisar a infor-

mação científica, eram mal vistos e atacados sem conseguirem dar uma resposta válida.

"Os media neste país não têm vergonha. Durante dois meses, aumentaram o medo e a histeria em relação ao Covid-19. Previram o apocalipse. Relataram o número de mortos diariamente como ceifadores alegres e sombrios. Disseram que os hospitais ficariam sobrelotados. Entrevistaram médico após médico e enfermeiro após enfermeiro que nos disseram em lágrimas que o serviço de saúde estava num ponto de ruptura. Pintaram o retrato de uma nação a desmorronar-se", escreveu¹¹ a revista britânica *spiked* em Maio relativamente à relação entre a comunicação social e a pandemia no país.

"Após bombardearem a desgraça de 24 horas durante semanas a fio, têm a ousadia de perguntar por que tantas pessoas estão com tanto medo de visitar um hospital durante a pandemia. (...) 'Como pôde isso acontecer?', choram.

Ao que a nossa resposta deve ser: por vossa causa".

A crítica aos media prosseguiu, ainda em Inglaterra, quando numa conferência de imprensa do governo se abordou a criação de "cercas sanitárias" para lares de terceira idade. Com isto, "os hospitais do NHS tentavam proteger-se a eles próprios de ficarem 'sobrecarregados', pelo simples expediente de despejar milhares de pacientes vulneráveis no sector da assistência, espalhando a infecção a milhares de outras pessoas menos capazes de se defenderem"¹². Verdade ou não, os media nada disseram, incluindo alguns que sabiam da estratégia.

Na Índia, seis horas antes de impor o confinamento a 24 de Março, o primeiro-ministro Narendra Modi "pediu pessoalmente a mais de 20 proprietários e a directores de jornais para publicarem notícias positivas sobre a pandemia", para assim se evitar "a disseminação do pessimismo, negatividade e rumores"¹³. Mais tarde, o confinamento imposto por Modi foi criticado pelo seu fraco planeamento e por deixar pessoas sem comida mas os media locais não reportaram os problemas.

As redes sociais acrescentaram mais

som ao ruído. Perante a desinformação, "os incentivos para as plataformas agirem eram reduzidos e os riscos políticos podiam ser maiores". A solução passou por entregar a responsabilidade a entidades oficiais e relevantes.

Por exemplo, o Google mostrava a informação da OMS e dos Centers for Disease Control (CDC) na lista de pesquisas sobre a pandemia, o Facebook lançou um "Coronavirus Information Center" também com informação dessas fontes oficiais, enquanto o Twitter marcou as fontes ou os peritos no assunto; Nos EUA, o YouTube colocou uma hiperligação para a página dos CDC junto aos vídeos relacionados com o Covid-19 - embora se saiba que poucas pessoas vêem vídeos desse tipo de entidades oficiais.

Durante anos, as plataformas sociais "diziam haver limites técnicos para moderar o conteúdo online" mas, no ambiente pandémico, notou-se que isso não é totalmente verdadeiro. O que transpareceu e pareceu escassear foi uma "vontade de actuar" em algo que "empresas como Facebook, Google e Amazon percebem ser difi-

cil de retroceder". Até porque esta decisão pode ter consequências para essas empresas ao nível da regulação, porque assim dão "a arma perfeita"¹⁴ aos reguladores para agir sobre elas como media e não como plataforma tecnológica.

Ao cederem a informação fiável aos utilizadores, essas plataformas evoluíram de moderadores para mediadores. "Enquanto o momento actual certamente se prestou a amplas teorias da conspiração, fraudes e rumores a espalharem-se rapidamente pelos media sociais, o problema da informação que enfrentamos agora é menos de moderação (de identificar e remover conteúdo que é comprovadamente falso e/ou prejudicial) e mais de mediação (identificar quais informações são credíveis, quando e como comunicar essas mudanças)"¹⁵.

A "deterioração da verdade"

À desinformação sobre o Covid-19 juntou-se uma outra enorme quantidade de mensagens nas redes sociais relacionadas com a morte de George Floyd pela polícia de Minneapolis, a 25 de Maio. As mentiras online sobrepueram-se num país afectado pela

pandemia, principalmente na comunidade negra, como as que apontavam o uso da "hashtag" #DCBlackout para declarar que os telemóveis estavam a ser bloqueados para a polícia agir de forma violenta. Algumas pessoas consideraram a #DCBlackout como "o trabalho de uma 'muito bem financiada' e organizada campanha na Internet, e bem sucedida"¹⁶ graças ao "seu nível de sofisticação digital".

A conjugação dos eventos teve consequências indesejadas: aumentou o número de utilizadores das redes sociais, ocorreu um crescimento das mensagens de desinformação e contaminaram-se ambos os grupos de interessados com mensagens de teor falso.

Isto quando a situação pré-Floyd não era fácil. "É pior, muito pior em termos de quantidade" relativamente às eleições de 2016, constatou o ex-jornalista Steven Brill e actual CEO da NewsGuard, um programa de análise da qualidade da informação online. Em Abril, registou 36 sites com desinformação sobre o coronavírus mas, "um mês depois, essa lista aumentou para mais de 200".

O uso de programas informáticos, os denominados "bots" que agem de forma automatizada em várias contas nas redes sociais para parecerem humanos, está relacionado com este crescimento. Um estudo da Carnegie Mellon University constatava que "quase metade das contas do Twitter a espalhar mensagens sobre a pandemia do coronavírus são muito provavelmente bots".

"O mesmo acontecerá na esfera política. Não há dúvida disso", diz Brill. "O melhor da Internet é que todos podem ser um editor. O pior da Internet é que todos podem ser um editor"¹⁷.

O cenário era favorável à generalização da informação falsa.

A incerteza acumulada abriu as portas à desconfiança generalizada sobre como as fontes oficiais, do poder político ao sanitário, estavam a lidar com a crise.

Os utilizadores ainda mais baralhados ficaram quando as redes sociais cometeram erros para apoiar a "linha oficial" de entidades respeitáveis. Por exemplo, quando o YouTube elimi-

nou¹⁸ o vídeo do epidemiologista Knut Wittkowski por este não defender medidas de confinamento. Ou quando, em Maio, removeu um vídeo de médicos a argumentarem como o coronavírus não era tão letal quanto outras doenças.

O problema dos "factos" nas redes sociais é que tendem a variar consoante quem os profere. Em Março, Twitter, Facebook e YouTube removeram mensagens do presidente brasileiro Jair Bolsonaro a promover a hidroxicloroquina como tratamento para o coronavírus, bem como uma semelhante de Rudy Giuliani, o advogado de Trump. No entanto, este já tinha publicado mensagens semelhantes sem ter sofrido qualquer retaliação.

"Se responsáveis governamentais e políticos estão a alterar até os elementos mais básicos da pandemia - como a contagem oficial de mortes (um número que Trump e os seus aliados tentam questionar) -, então as plataformas não podem procurar no governo orientação como seu principal guia"¹⁹.

Este argumento, por mais poderoso

que possa ser, cria um vazio informacional, sem uma maioria de fontes fiáveis, e abre espaço à avalanche de mensagens de desinformação nas redes sociais. Mesmo que não acreditem nelas, os utilizadores não deixam de as ver, numa exposição sem filtros.

Isso foi sintomático quando o meio mais visto como a televisão foi afastado pelo cansaço mediático. Para Inglaterra, o Reuters Institute detectou como da enorme procura inicial por notícias - ajudada pelo confinamento - se passou depois a evitá-las.

Em Inglaterra, "em geral, quanto mais velhos os inquiridos, mais diminuiu a sua confiança nas diferentes fontes de informação, ao passo que os mais jovens ganharam confiança", escrevia-se em Maio no Bournbrook Magazine.

O declínio da confiança nos media não é recente e deve-se muito à confusão entre factos e opinião. Nos EUA, um estudo²⁰ da Rand denominou o crescente desacordo relativo a factos objectivos de "deterioração da verdade".

Os americanos preferem as notícias

na televisão tradicional, por cabo e, em terceiro, nos media sociais (embora neste caso tendam a consultar outras fontes de informação).

Quanto à fiabilidade, 44% dos 2.500 inquiridos no estudo considera que ela se mantém mas quase tantos (41%) diz que são menos fiáveis. Nesta resposta, as notícias online ocupam o terceiro lugar, enquanto os media sociais estão em sexto.

Um terço dos entrevistados declarou usar fontes de notícias sabendo não serem credíveis. "Se as pessoas estão a escolher conscientemente plataformas de notícias que não consideram particularmente fiáveis, isso aumenta o desafio de lidar com a deterioração da verdade", diz um dos responsáveis do estudo.

Esta deterioração ocorre ainda por um outro forte motivo, o denominado "deserto das notícias"²¹ (exacerbado pela pandemia após a recente crise financeira) que descreve as comunidades sem acesso ou com acesso limitado a "notícias credíveis e compreensivas e informação que alimenta a democracia".

São regiões permeáveis à desinformação, sem acesso a um conjunto de notícias credíveis, muitas vezes sem Internet ou com custos proibitivos para o tipo de população.

“Sabemos que todos os surtos são acompanhados por um tipo de tsunami de informação, mas também dentro dessa informação tem-se sempre desinformação, boatos, etc. Sabemos que mesmo na Idade Média havia este fenómeno”, lembrou Sylvie Briand, responsável do combate ao risco infodémico na OMS. “Mas a diferença agora com os media sociais é que esse fenómeno é amplificado, é cada vez mais rápido, como os vírus que viajam com as pessoas e são cada vez mais rápidos”.

Numa pandemia, não se trata apenas de assegurar “informação para garantir que as pessoas estão informadas; é também garantir que as pessoas estejam informadas para agir de maneira apropriada”²².

Para entender o fenómeno, a OMS organizou entre Junho e Julho a 1st WHO Infodemiology Conference, definindo “infodemiologia” como “a ciência da gestão de infodemias”,

para conhecer as melhores e mais efectivas práticas e necessidades de investigação em saúde pública neste novo campo de investigação.

Desinformação pela ignorância

A infodemia numa tal escala é algo de novo na sociedade actual, nomeadamente numa Inglaterra que ainda há poucas décadas passou por uma devastadora guerra. A indignação é taxativa²³: “Parlamentos, julgamentos, tribunais estão suspensos, governa-se por decreto. A polícia determina se a nossa presença numa rua, num parque, é legítima. Os media garantem um estado de medo. A vigilância é rotineira. O protesto, se houver, é virtual. Como descreve a história essa sociedade?”

São “ditaduras” ou “estados totalitários” e, apesar de “ser demasiado afirmar que as forças actualmente em acção são sinistras e tirânicas”, são na realidade “o sonho de um demagogo”, escreveu o jornalista John Pilger no Twitter.

O deputado conservador Steve Baker considerou que as leis aprovadas no país estavam a impor “uma sociedade

distópica. Alguns chamam-lhe totalitária. Não acho isso justo, mas é pelo menos distópica".

É deste "estado de medo primordial" que emergem naturalmente "leis e invasões da privacidade que, em circunstâncias 'normais', [se]considerariam impensáveis". O medo "subverte o nosso pensamento crítico" e leva-nos para "um estado de terror animal, onde o nosso único objectivo é a sobrevivência" - numa "rendição voluntária da liberdade" a que o autor Aldous Huxley chamou de "A Revolução Suprema", recorda a *Bourbrook Magazine*.

Escreveu Huxley: "Nas ditaduras mais eficientes de amanhã provavelmente haverá muito menos violência do que sob Hitler ou Estaline. Os assuntos do futuro ditador serão regidos sem dor por um corpo de Engenheiros Sociais altamente treinados". Mas quem vigiará esses engenheiros sociais?

Na infodemia, podiam ser os jornalistas mas estes alinharam e auto-elogiaram-se num trabalho feito em estado de "capitulação que é quase sempre precedido de histeria em massa e de

medo", em que a liberdade não é retirada à força mas cedida em troca da protecção contra "uma ameaça real mas normalmente exagerada".

Neste ambiente mediático, é fácil surgirem as teorias da conspiração, sem vigoroso contraponto, ou as mensagens da propaganda oficial, com lacunas científicas. "Esta pandemia deve ensinar-nos que é fundamental cuidar e promover a cultura e o pensamento científico, começando por entender como funciona o método científico", sintetizaram investigadores no *El País*²⁴.

O problema é que o método científico acelerou a desinformação. O "fluxo" para publicar rapidamente ocorreu com investigadores a colocarem os seus artigos nos chamados "preprint servers", repositórios online de textos que não passam pelo processo tradicional e mais fiável de revisão pelos pares ("peer review").

Estes depósitos de "papers" nasceram em 1991 com o arXiv, a que se seguiu a Social Sciences Research Network (SSRN), em 1994, o bioRxiv em 2013 e, seis anos depois, o medRxiv²⁵. No geral, na última década, sur-

giram cerca de duas dezenas destes "servidores".

A pandemia acelerou a publicação científica, por oportunismo ou desejo de partilha de conhecimento. A rapidez não validada levou à emergência de rumores e polémicas de difícil negação. Um exemplo disso foi o caso dos investigadores do Indian Institute of Technology de Delhi que, em Janeiro, publicaram como o vírus era uma "biomáquina desenvolvida em laboratório", estabelecendo ligações de semelhança com o HIV. O "paper" foi mais tarde retirado.

Noutro campo, surgiu a teoria da criação do vírus desenvolvido por investigadores chineses na pesquisa de uma vacina contra o HIV. O aval foi dado em Abril por Luc Montagnier, prémio Nobel de Medicina em 2008 pela descoberta da SIDA.

Ele defendeu esta posição assegurando que "as primeiras pessoas infectadas não estavam no mercado" de Wuhan mas "próximas de um laboratório não muito afastado".

Como os investigadores chineses estudam os coronavírus em animais,

"os morcegos seriam transmissores sãos" e eficazes para testar como poderiam infectar o ser humano.

Perante a polémica, Montagnier defendeu²⁶: "é interessante saber a sua origem porque se pode derivar para testes terapêuticos novos e saber o que se vai passar no futuro". Isso não acontecerá em breve porque "temos tantos mortos que ninguém quer ter esse peso" e um dos laboratórios está bem financiado pelos EUA, o que "é também um factor para explicar que ninguém queira obter a verdade", refere Montagnier.

A quantidade de informação inserida neste pequeno parágrafo é de tal magnitude que nem sequer foi avaliada por alguém que "queira obter a verdade".

Quem gere a "informação autoritária"?

A falta de autoridade no discurso dos líderes políticos foi dramática para as populações. No caso de Trump, ele junta táticas usadas nas eleições anteriores a um desespero de ver essas mesmas táticas desmontadas sucessivamente.

"O uso demagógico das redes sociais por Trump tem sido um flagelo para a democracia americana há anos"²⁷ mas quando se aproximam as eleições, estando atrás nas intenções de voto e com a necessidade de "superar a percepção popular de que lidou mal com a pandemia", ele terá de "re-escrever a história, criar diversões e difamar os seus opositores e críticos políticos".

Trump irá pedir aos cidadãos que ignorem o que os olhos lhes mostram "e acreditem em histórias inventadas", distribuídas pelos media sociais. Mas a população não será enganada na amplitude anterior porque a crise pandémica demonstrou a sua falta de liderança e, "numa crise de saúde, a definição de 'informação autoritária' é mais clara e menos sujeita a disputas partidárias (embora com excepções). Em resultado disso, é mais fácil para as plataformas [sociais] decidir quais informações relevar e quais diminuir"²⁸.

Apesar de se poder afirmar que "o entendimento científico muda com o tempo" - e isso sucedeu com o coronavírus -, o problema coloca-se numa esfera mais política, quando informações erradas são provenientes de

"fontes autorizadas" e oficiais de governos como os dos EUA ou Brasil.

A info-intoxicação por Trump, Bolsonaro ou fontes próximas oficiais foram um péssimo exemplo que acabou por desautorizar os responsáveis médicos, despedir quem sabia do assunto ou ridicularizar quem os podia afectar em termos científicos.

Vários episódios foram caricatos, como a acusação de Bolsonaro de que a OMS forçava as crianças a masturbarem-se e a serem homossexuais²⁹. O presidente brasileiro questionou em público se devia seguir as directrizes da OMS e, em caso afirmativo, devemos então seguir também as suas directrizes para as políticas educacionais?", escreveu, listando nessas "políticas" a masturbação para crianças a partir dos quatro anos.

A especulação tem como base uma táctica usada por Putin desde 2011, para atacar as comunidades LGBTQ, referindo que as crianças na Europa eram obrigadas a masturbar-se desde os quatro anos por indicação de um manual da OMS publicado no ano anterior sobre educação sexual infantil.

O manual é verdadeiro mas a recomendação não. A desinformação tem por base um documento real, validado por uma instituição oficial, mas o seu aproveitamento é deturpado. O resultado é implacável: em quem acreditar?

E em quem acreditar quando se lida com uma infodemia? A falta de resposta à questão foi dramática a vários níveis.

Perante novos dados científicos, as autoridades nacionais procuravam o "porto seguro" da OMS para os replicar, mesmo que tal contrariasse injustificadamente informação difundida antes.

As diferenças entre países eram tão notórias que baralhavam as audiências. Uns entravam em confinamento e tinham menos infecções, noutros o distanciamento social era diferente do proposto pela OMS.

Os media estavam assoberbados: "se temos um governo que diz ao público 'não se preocupem' e temos médicos e enfermeiras a dizer que nos devemos preocupar, o nosso trabalho é participar no debate e fornecer

alguma realidade"³⁰, constatou o jornalista de saúde Shaun Lintern, que se queixou de "gastar muito do meu tempo a verificar rumores".

A situação não era fácil de controlar, devido à publicação veloz de informação nova – estatística, científica e falsa. Para o controlo sanitário, a OMS emitia boletins com informações a serem seguidas pelas autoridades sanitárias mas a própria história do aparecimento do coronavírus afectou a credibilidade da organização - dinamizada nos EUA pelos apoiantes do crítico Donald Trump.

Como dizia o Washington Examiner, "à medida que o coronavírus se espalhou pelo mundo, poucas instituições se distinguiram tanto quanto a OMS. Quando o público precisou de informações médicas fiáveis, ela fracassou repetidamente.

Quando houve uma chance de conter o vírus desde o início, a OMS desempenhou um papel fundamental no apoio aos esforços do governo chinês para encobrir o perigo da doença".

A organização continuou a minar a sua credibilidade com erros subse-

quentes. Em Junho, por exemplo, considerou "muito rara" a transmissão do vírus por uma pessoa assintomática. As declarações de Maria Van Kerkhove, responsável técnica pelo Covid-19, foram corrigidas no dia seguinte.

"Se isto fosse verdade", explicava um jornal norte-americano, "indicaria que confinámos a economia durante três meses sem uma boa razão. Afinal, era a ideia de que as pessoas que não mostravam sinais de doença poderiam infectar outras pessoas que foi usada para justificar o encerramento generalizado de empresas e de escolas e as severas limitações à actividade social"³¹.

Assim, o que transpareceu foi uma organização a baixar o seu nível qualitativo e que, "quando os seus funcionários falam, cria uma nova confusão". Se ficavam em silêncio, a confiança na organização também era minada, como ocorrera meses antes no diálogo inicial sobre o coronavírus com a China.

Todo este caos informacional não contribuiu para acalmar as populações. Um inquérito realizado no final

de Maio a 2.250 residentes no Reino Unido com idades entre os 16 e os 75 anos revelou como a maioria das pessoas que acredita nas teorias da conspiração tende a obter informação sobre o Covid-19 nas redes sociais e a violar as regras de confinamento.

Entre as "proporções significativas da população [que] acreditam em conspirações ou estão confusas com o vírus", um terço acreditava ele foi "provavelmente criado em laboratório", "que a maioria das pessoas no Reino Unido já teve coronavírus sem perceber" ou acredita que o número de mortos "está a ser deliberadamente reduzido ou oculto pelas autoridades".

Uma em cada oito pessoas afirmou que a pandemia "faz parte de um esforço global para forçar todos a serem vacinados" e uma em cada 20 que não há provas concretas da sua existência ou que os sintomas do Covid-19 se devem à radiação das redes móveis 5G³².

Casos duvidosos

Como se esta confusão não fosse suficiente, sucederam-se exemplos de

informação divulgada ao público que minou a autoridade de governos ou das organizações sanitárias.

A "curva do achatamento" foi um episódio que marcou o início da pandemia. Tão depressa apareceu como desapareceu sem qualquer justificação.

Na realidade, o gráfico mostrava duas curvas e foi usado pelos CDC num relatório³³, em Fevereiro de 2007, para demonstrar os objectivos da mitigação comunitária de uma epidemia.

Estes passam por "atrasar o aumento exponencial nos casos de incidentes e mudar a curva da epidemia para a direita, a fim de 'ganhar tempo' para a produção e distribuição de uma vacina contra uma estirpe pandémica bem definida, diminuir o pico da epidemia e reduzir o número total de casos de incidentes e, portanto, reduzir a morbidade e a mortalidade na comunidade".

A sua origem decorre de um evento com mais de um século, e visava demonstrar as diferenças suscitadas pelo distanciamento social.

Em 1918, quando da pandemia da pneumonia espanhola (ou pneumónica) nos EUA, Filadélfia e St. Louis tiveram aproximações diferentes. Em Filadélfia, o primeiro caso foi registado a 17 de Setembro mas um enorme evento público foi autorizado para dia 28. Dezenas de milhar de pessoas puderam encontrar-se e transmitir o vírus, calculando-se que tenham perecido 16 mil pessoas na região. O isolamento social só ocorreu a 3 de Outubro.

Em St. Louis, o primeiro registo data de 5 de Outubro e o distanciamento iniciou-se dois dias depois. As autoridades fecharam locais públicos, permitiram um número reduzido de viagens e incentivaram os cuidados higiénicos. Morreram 2.000 pessoas³⁴.

Os resultados mostram 257 mortos por 100 mil habitantes em Filadélfia, perante 31 em 100 mil para St. Louis³⁵.

A generalização actual do gráfico mostrava os dois eixos sem quaisquer valores ou expressões. Os dois picos não explicavam qualquer linha temporal, não identificavam valores ou correspondências, não registavam se

era para camas ou mortes. E rapidamente desapareceu quando foi mais necessário no alerta para a imposição do afastamento social.

Distanciamento social

Um outro motivo de confusão ocorreu com a distância que as pessoas deviam manter entre si em público.

As métricas impostas baralhavam qualquer pessoa em Portugal. As orientações oficiais indicavam que trabalhadores em estabelecimentos deviam garantir um afastamento mínimo de três metros entre postos de trabalho. No caso do comércio a retalho ou de serviços deviam assegurar uma distância mínima de dois metros. A partir de Junho, o distanciamento físico nas zonas balneares devia ser de 1,5 metros entre grupos diferenciados e três metros entre chapéus de sol.

Noutros países, a confusão era maior do que o distanciamento. Países como a China, Dinamarca, França, Hong Kong, Lituânia ou Singapura propunham um afastamento de um metro, enquanto a Coreia do Sul ia aos 1,4 metros. A Alemanha, Austrália, Bélgica, Grécia, Holanda ou a Itália

defendiam os 1,5 metros, alargado nos EUA até aos 1,8 metros.

O Canadá, a Espanha ou o Reino Unido defendiam os dois metros mas só o último começou a debater em meados de Junho a sua redução (para potenciar a economia, permitindo pessoas mais juntas no pequeno comércio ou em "pubs"), apesar das críticas científicas a essa decisão. O secretário para a Escócia considerou segura a redução para um metro e que ia dinamizar o turismo e a restauração.

As lojas pequenas são mais afectadas por esta medida, ao obrigar as pessoas a fazer fila na rua, onde se podem misturar as filas entre lojas. Após as recomendações de cientistas, o próprio Boris Johnson questionou a distância de dois metros.

O objectivo naturalmente económico foi sintetizado em Maio no título de um jornal inglês: “Pela saúde da nossa economia, é preciso acabar com a regra absurda dos dois metros”³⁶ de distanciamento, alegando que “não há base científica óbvia para o ‘novo normal’ destrutivo”.

Exemplo disso foi o meta-estudo publicado na revista *Lancet*³⁷, que re-avaliou mais de 200 trabalhos em 16 países para declarar que quanto maior for a distância, menor será a probabilidade de contágio pelo vírus. O afastamento abaixo de um metro aumentava a possibilidade de contágio em 13%, enquanto acima diminuía para 3%.

O estudo foi financiado pela OMS e surgiu pouco antes de o director para a Europa da organização se mostrar contra a decisão britânica. Hans Kluge alertou que o Reino Unido estava numa "fase muito activa da pandemia"³⁸.

Mas, nestas contas e posições internacionais, o que propunha a OMS? Um metro.

Outra polémica com a OMS teve por base o tempo que o vírus se podia manter e ser transmissível numa superfície. Em Maio, foi categórica ao afirmar que mesmo estando em superfícies, não era transmissível³⁹ (isso ocorria principalmente pelos contactos físicos) mas continuou a recomendar a sua desinfeção.

A precaução surgiu nos anos 1930, quando "os cientistas descobriram que gotas de líquido libertadas ao tossir ou espirrar se evaporavam rapidamente no ar ou caíam no chão". Mas "a maioria dessas gotículas chegaria aos 1-2 metros", pelo que "os maiores riscos advêm de tossir com o vírus a curta distância ou do contacto com uma superfície" infectada⁴⁰. A solução parecia ser o uso de uma máscara.

Desmascarar o vírus

A pandemia de 1918 foi, segundo alguns artigos do *Influenza Archive*, semelhante à actualidade no que respeita ao uso de máscaras.

Apesar do encerramento de empresas e escolas, da quarentena e de algum distanciamento social, a obrigatoriedade de uso da protecção facial não foi muito bem acolhida pelas populações nos EUA - apesar das recomendações (e multas, nalguns casos) da responsabilidade social pelas autoridades sanitárias, nacionais e federais, ou da Cruz Vermelha. Esta afirmava num anúncio que "o homem, a mulher ou a criança que não usar máscara agora é um preguiçoso perigoso".

Algumas lojas não impediam a clientela de entrar sem máscaras, ao contrário do que sucedia em transportes públicos.

Em São Francisco, a obrigatoriedade do uso ocorreu a 17 de Janeiro de 1919 e, apesar da lista publicada no San Francisco Examiner a 26 de Janeiro de 1919 demonstrar efeitos na diminuição de casos e de óbitos, ocorreram manifestações da Anti-Mask League para revogar essa imposição.

Em Denver, a ordem para uso de máscara "foi quase totalmente ignorada pelo povo", escreveu o Rocky Mountain News a 26 de Novembro de 1918, para gáudio da população local.

"Se a história é um indicador, as tentativas de restabelecer as medidas de distanciamento social para achatar uma segunda potencial vaga do vírus podem enfrentar mais oposição do que os confinamentos iniciais. O vasto encerramento dos negócios e as determinações legais para uso das máscaras implementados na pandemia de gripe de 1918 não foram especialmente populares. No entanto, uma segunda vaga de restrições para conter uma segunda onda da gripe foi

tão odiada que os dissidentes em São Francisco formaram uma Anti-Mask League com 2.000 pessoas e alguns prefeitos violaram abertamente as ordens de saúde pública. Da mesma forma, não é difícil imaginar o retorno de vigorosos protestos contra os confinamentos se as autoridades os volatarem a aplicar quando a contagem de casos de Covid-19 começar a aumentar novamente"⁴¹.

O historiador Alex Navarro analisou o impacto do distanciamento social em 1918 e concluiu que ele tinha sido eficaz. Uma razão em especial parece ter funcionado para essa conjuntura, relacionada com o patriotismo da guerra, misturado com a propaganda da mensagem "Salve uma vida. Use uma máscara. Faça a sua parte" (muito semelhante à adoptada pelos britânicos recentemente de "Fique em casa. Proteja o SNS. Salve vidas").

Tal como agora, os "homens de negócios" em cidades como Atlanta incentivaram os políticos a abrir o comércio, o que sucedeu com uma acção colateral: desconhece-se o número posterior de infecções porque a cidade deixou de as registar. Como agora, também circulou o que se

chamou de notícias falseadas (e perigosas). "Algumas pessoas defendiam cortar uma cebola ao meio e esfregá-la no peito que isso a iria proteger. Existia alguma razão nisso: se cheira a cebola crua, as pessoas provavelmente vão afastar-se de si. Outros recomendaram tomar um banho de creosoto - um produto químico tóxico e muito perigoso - e ingerir grandes quantidades de açúcar mascavado".

Outro perigo ocorreu "quando as cidades removeram essas ordens de distanciamento social e de confinamento, nas cidades que enfrentaram outro pico nos casos em que a epidemia ainda não havia terminado, foi quase impossível re-implementar as ordens de confinamento pela segunda vez, porque a comunidade empresarial em particular e os residentes em geral as recusaram".

Em sentido contrário, o Japão iniciou o seu uso pelas mesmas razões epidémicas⁴². "Cobrir o rosto com lenços, véus e máscaras tornou-se um meio predominante (se não eficaz) de afastar a doença em muitas partes do mundo, até que a epidemia finalmente desapareceu no final de 1919".

A realidade demonstrou como as máscaras "fornecem uma protecção mínima contra os vírus ambientais", embora "os cirurgiões as usem para proteger os pacientes dos germes transmitidos pela boca, e não o contrário".

Elas voltaram a ser muito utilizadas pela população no Japão, aquando do terramoto de Kanto (em 1923). O "enorme inferno que consumiu quase 600 mil casas na parte mais populosa do país", instalou um "céu cheio de fumo e cinzas durante semanas e a qualidade do ar sofreu durante meses". Neste ambiente, as máscaras "tornaram-se num acessório típico nas ruas de Tóquio e de Yokohama". Uma outra epidemia global de gripe em 1934 "cimentou" o uso da máscara facial, "principalmente devido à obsessão do Japão pela cortesia social, para vítimas da tosse e da constipação evitarem transmitir os germes a outros".

O seu uso na Ásia deve-se também a questões filosóficas, ao taoísmo "e pelos preceitos de saúde da medicina tradicional chinesa, nos quais respirar e a respiração são vistas como um elemento central da boa saúde".

Na II Guerra Mundial, também a Inglaterra assumiu que "todos os médicos estavam acostumados à ideia de máscaras e não se importavam com o insignificante desconforto, mas a população nos abrigos, por outro lado, talvez não goste muito delas". No entanto, "o princípio do uso de máscaras para protecção contra a infecção por gotículas foi aceite e capaz de aplicação prática", escrevia-se nos Proceedings of the Royal Society of Medicine, a 20 de Dezembro de 1940.

Na década seguinte, com a industrialização do Japão e a consequente poluição do ar, a máscara passou de uso sazonal para hábito anual, sendo vista como um elemento da moda. Posteriormente, os jovens japoneses adoptaram-nas como "firewalls" sociais "para sinalizar a falta de desejo de comunicar com os que os rodeiam", particularmente "as jovens que procuram evitar o assédio nos transportes públicos".

O encobrimento facial foi naturalmente desvalorizado nos países ocidentais, onde apenas triunfou pelas questões pandémicas.

Mesmo assim, muitos norte-americanos ou brasileiros não usaram máscara durante demasiadas semanas, assumindo a mesma postura dos seus presidentes de não imporem o seu uso público ou até pela desinformação que referia a redução durante o seu uso.

No início de Maio, o Facebook anunciou que iria remover quaisquer conteúdos que minassem a eficácia das máscaras mas, no final de Junho, um responsável federal do Ohio, Nino Vitale, escreveu um texto a apontar para essa redução de oxigénio com o uso da máscara, que se manteve durante vários dias a ser partilhado.

Os enganos ocorreram também vindos de fontes oficiais de saúde. A OMS considerou a 6 de Abril que o seu uso não era eficaz para o público em geral e devia ser resguardado para o pessoal de saúde, pessoas com Covid-19 e os seus cuidadores.

"As pessoas não devem usar máscaras ao fazer exercício, pois podem reduzir a capacidade de respirar confortavelmente", apontou a OMS⁴³. "O suor pode molhar a máscara mais rapidamente, dificultando a respiração e

promovendo o crescimento de microrganismos. A medida preventiva importante durante o exercício é manter a distância física de pelo menos um metro".

A 25 de Maio, a polémica do uso foi agravada com as manifestações pela morte de George Floyd, nos EUA, sem cumprirem as regras de distanciamento social ou o uso da protecção facial.

Já estavam as máscaras generalizadas em Portugal ou aconselhadas pelos CDC norte-americanos para as pessoas em geral quando a OMS fez o mesmo para o seu uso em locais públicos, a 5 de Junho.

O alerta era tardio, como demonstrou uma análise a 198 países publicada nesse mês. Nos países que escaparam à devastação, o uso de protecção facial foi essencial para baixar o número de mortes e do surto. Em síntese⁴⁴, "as normas sociais e políticas governamentais de apoio ao uso de máscaras pelo público, bem como os controlos internacionais de viagens, estão independentemente associados à menor mortalidade per capita do Covid-19. (...) O uso de máscaras em

público é uma medida de saúde pública importante e facilmente modificável".

Mas até esta questão de bom senso foi criticada. No Reino Unido, quando se anunciou ser obrigatório o seu uso em transportes públicos a partir de 15 de Junho, o investigador biomédico David Crowe apontou falhas em estudos sobre esta matéria⁴⁵. "As provas são amplamente contra o uso de máscaras pelo público em geral", disse les. "É geralmente visto como ineficaz, pode desviar a atenção de outras medidas de protecção, reduzir o fornecimento de máscaras aos profissionais de saúde e causar danos quando usadas por longos períodos de tempo".

A "hipocrisia" da medida também foi visível em Portugal, quando responsáveis políticos do Estado foram vistos em espectáculos públicos sem se entender como foram autorizados ou porque não se cumpriram as regras do distanciamento social – ao contrário do que sucedia para outras situações de diversão nocturna ou eventos desportivos.

Nos EUA, 65% dos adultos já tinha

usado esta protecção sempre ou no último mês, enquanto 9% afirmou que dificilmente o faria, com 7% a recusar liminarmente o seu uso, segundo um inquérito do Pew Research Center.

Ainda em Junho, valores revelados pela Axios apontavam que o uso da máscara é uma questão partidária. A percentagem de 49% que a usavam entre 10 de Abril e 4 de Maio subiu para 65% entre 8 de Maio e 22 de Junho. No lado republicano, aumentou apenas de 29% para 35%.

Na mesma altura, um outro estudo da Morning Consult apontava que cerca de 25% de norte-americanos considerava que as máscaras não protegiam do coronavírus.

No entanto, dados preliminares do Institute for Health Metrics and Evaluation da University of Washington parecem desmentir esta convicção⁴⁶. Eles estimam 179 mil mortes (mais tarde re-avaliadas em 200 mil) até Outubro, número que pode baixar para 146 mil fatalidades se 95% das pessoas usarem máscara.

Para Portugal, projecções da Health-

data.org apontam 2.407 mortes relacionadas com o Covid-19 no início de Novembro, um valor que diminuiu para 2.021 com o uso universal de máscara.

Como mostrar a morte sem ferir sensibilidades?

Na impossibilidade de mostrar imagens da morte, o vazio pictórico da pandemia alimentava a fácil disseminação de fotografias ou vídeos falsos, dificultando desmentir o que se via. As máscaras serviram para "ilustrar" uma doença mortal, da qual não era fácil captar registos vídeo ou fotográficos.

Com a SIDA, havia marcas corporais. Numa guerra, há mortos. "Na ausência de marcas físicas no corpo, a máscara é a única marca visual que temos de que a doença existe"⁴⁷.

O seu uso pretende "retardar a propagação da doença, e todos são aconselhados a usar uma na rua (não apenas os que testaram positivo ou foram expostos)".

Apesar do melindre, argumentou-se a necessidade de ter esse registo visual

"para entender a devastação que o Covid-19 provocou". Sem uma visualização, era difícil a "capacidade de simpatizar ou até entender completamente o que estamos a enfrentar", de "lidar com o indizível" ou sequer de "humanizar as estatísticas clínicas, para torná-las compreensíveis".

Uma tentativa nesse sentido, sem qualquer pendor sensacionalista, ocorreu com a primeira página de 24 de Maio do New York Times, preenchida com as faces de mortos pelo coronavírus, apesar de serem "apenas um por cento do total" de óbitos no país.

Sem as imagens da morte, a pandemia era marcada visualmente pelas ruas vazias ou pelas máscaras mas a controvérsia instalou-se "precisamente por causa do suposto estigma que transmitem", originando protestos da extrema-direita motivados, entre outras razões, pelo "medo de que usar uma máscara é ter o corpo marcado pela doença".

Desta forma, recusavam "admitir que estão assustados com esse novo inimigo invisível" para negar a realidade e evitar o caminho para um "novo

normal", como referia a Real Life. "Se a máscara é o marcador mais próximo que temos de uma presença objectiva e inegável do Covid-19, recusar esse identificador único é recusar completamente a praga".

A recusa da máscara foi acompanhada por dificuldades práticas: se foi sempre aconselhado às pessoas não tocarem com as mãos na cara, como é que se coloca uma máscara sem o fazer? Quantas vezes se devem lavar as mãos e elas devem ser lavadas antes de tocar nas máscaras? Se os CDC aconselham a que a máscara seja lavada após cada uso, quantas vezes poderá a máscara ser usada?

Estas e outras confusões práticas podem ser explicadas por considerações sobre ciência comportamental, avaliadas pelo "grupo de sábios" inglês para a pandemia, numa reunião em Março⁴⁸.

Algumas das medidas passam pelo senso comum mas, salientam, "a ciência do comportamento aponta explicitamente para explicar ao público onde estão os maiores riscos e o que as pessoas podem fazer para reduzir os seus próprios riscos, mesmo que isso

ocorra antes das medidas anunciadas pelo governo".

Esta "maior transparência ajudará as pessoas a entenderem os riscos pessoais", assim como "a criar confiança pública. Os cidadãos devem ser tratados como actores racionais, capazes de tomar decisões por si mesmos e a gerir riscos pessoais".

A ideia de uma autonomia pessoal inteligente em tempos de crise pandémica não é totalmente possível, como demonstraram algumas experiências de invasão do espaço público em época de confinamento.

Como surgiu a ideia do confinamento?

Os países raramente accionaram medidas de confinamento perante as ameaças sanitárias.

Os EUA não o fizeram nas epidemias de gripe de 1968/69 (H3N2) ou de 1957 (H2N2) e na de poliomelite entre 1949 e 1952. Mesmo em 1918 o confinamento não foi generalizado.

Este ano, essa posição alterou-se e um artigo⁴⁹ na AIER afirma que isso se

deveu também a uma tentativa de proteger a capacidade dos hospitais durante dois a três meses - mesmo que essa decisão originasse desemprego e caos económico e queixas de violação de liberdades e direitos fundamentais.

O lado irónico da decisão é que o confinamento não teve por base qualquer decisão da comunidade epidemiológica ou médica, que se lhe opôs, mas por uma simulação informática.

O referido artigo cita um texto do New York Times de Fevereiro de 2006, a propósito da gripe aviária (H5N1), em que o distanciamento social era visto como "a nova forma politicamente correcta de dizer 'quarentena'".

O então presidente George W. Bush pediu ajuda a alguns médicos para lidar com o problema no futuro, nomeadamente a Richard Hatchett e Carter Mecher, que propunham a permanência em casa numa próxima epidemia.

A proposta "foi recebida com cepticismo e ridículo por autoridades séniores que, como outras pessoas

nos Estados Unidos, se tinham acostumado a confiar na indústria farmacêutica, com a sua crescente variedade de novos tratamentos, para enfrentar os crescentes desafios na saúde".

É então que surge Laura M. Glass. Segundo o *Albuquerque Journal*, concorreu à *Intel International Science and Engineering Fair* em Indianapolis, com um plano para "diminuir a disseminação da pandemia", que passava por encerrar as escolas e colocar as crianças em casa.

A jovem desenvolveu uma simulação informática da interacção entre as pessoas e concluiu que os alunos, ao contactarem cerca de 140 pessoas diariamente, eram o maior foco potencial de transmissão de doenças.

A descoberta originou um texto científico publicado⁵⁰ em Novembro de 2006, em que surge como co-autora com o pai Robert Glass e mais dois investigadores.

Apesar de prosseguirem as críticas ao modelo proposto, Bush adoptou-o. Ele seria "a base do planeamento do governo e amplamente utilizado em simulações usadas para se preparar

para pandemias", como ocorreu de forma limitada na gripe suína (H1N1) de 2009. Com o novo coronavírus "o plano foi colocado em prática em todo o país pela primeira vez".

No entanto, a "quarentena é uma violação dos direitos individuais e, portanto, suscita preocupações éticas e requer uma justificação convincente para ser usada", defenderam investigadores em Maio.

As pessoas "são confinadas sem serem condenadas por um crime ou cometido qualquer erro, de uma maneira que frequentemente falha em alcançar uma meta substantiva de saúde pública"⁵¹. No contexto da actual pandemia, "elas podem estar confinadas porque a falta de vontade política para enfrentar de forma agressiva e pró-activa a pandemia deixou poucas outras opções".

Um exemplo lapidar disso ocorreu em Inglaterra. Um documento dos conselheiros científicos para o governo (*Scientific Advisory Group on Emergencies* ou *SAGE*) foi emendado numa extensão que os seus autores consideraram um acto de censura. Eles estavam preocupados que a

introdução de medidas mais coercivas pudesse ser contraproducente relativamente à adesão ao confinamento.

A eliminação de partes do documento críticas para as políticas do governo levou um dos membros do SAGE a afirmar: "pessoalmente, estou mais confuso do que furioso"⁵², disse Stephen Reicher, da University of St Andrews. "O maior património que temos nesta crise é a confiança e a adesão do público. Quer confiança? Precisa de ser aberto com as pessoas. Isso não é abertura. É uma reminiscência da Rússia stalinista. Não parece bem".

A decisão do governo britânico serviu para recordar os dias iniciais da II Guerra, quando "o confinamento total foi imposto sem compromisso, graduação ou provisão para o devotado pedestre. As consequências podem muito bem tornar-se um exemplo clássico dos paradoxos surpreendentes que resultam da mistura das boas intenções com pânico. As mortes por violência nas estradas aumentaram no primeiro mês da guerra, de 500 para 1.100. Assim, sentada silenciosamente em casa, a força aérea de Hitler conseguiu matar 600 cidadãos britâ-

nicos a um custo de exactamente nada", conta Theodore Dalrymple no seu livro "Mass Listeria: The Meaning of Health Scares" (1988).

As taxas actuais de infecção neste país "estavam a decrescer antes do confinamento, o que sugere que ele não atrasou as infecções". Segundo o site InProportion2, "se o confinamento, com os seus enormes custos para a saúde pública e a economia, foi eficaz e proporcional, é uma grande questão".

Este país foi particularmente radical nas suas posições anti-confinamento. O cepticismo britânico é "um desporto de minorias" mas agregador de tendências, desde os "generosos doadores conservadores" que pedem a re-abertura económica (porque o encerramento dos "'pubs' é uma privação de liberdade comparável ao totalitarismo comunista"⁵³), a Toby Young, o secretário-geral da Free Speech Union que defende a propaganda de "Mantenha-se céptico. Fim do confinamento. Salve vidas".

Os limites foram impostos pelo investidor Simon Dolan, que processou o governo de Boris Johnson no início

de Maio, considerando o confinamento como um conjunto de acções "ilegais e desproporcionadas".

Numa estratégia de demonstrar o exagero das medidas perante os potenciais danos, Dolan listou 24 epidemias dos últimos dois séculos para mostrar a pouca importância do Covid-19, que ocupa a 23ª posição como pior catástrofe em mortes relativamente à percentagem da população.

Nesse âmbito, a actual pandemia seria "comparável em termos de mortalidade geral" às epidemias de gripe de 1957, 1968 ou no final dos anos 90, quando tanto "Estados Unidos e Reino Unido não só não confinaram por nenhuma dessas epidemias, como elas receberam pouca atenção fora do sistema de saúde"⁵⁴.

No caso dos EUA, a "boa intenção" seria uma imposição "sem considerar as suas consequências além das decorrentes da pandemia". Esta decisão criou uma perturbação económica global e "consequências não económicas devastadoras que totalizarão milhões de anos acumulados de vida perdidos"⁵⁵. Este impacto será medido em vidas perdidas por falta de

rendimentos, cuidados de saúde atrasados ou até abandonados.

A crise pandémica "aprofundou as divisões de classe, étnica, de género e de divisão geracional", com os jovens - "o grupo demográfico menos provável de ser infectado" - a serem particularmente afectados pelo confinamento⁵⁶. "O custo do encerramento das escolas para todas as crianças, mas especialmente para as de famílias mais pobres, será elevado. É provável que a faixa etária dos 18 aos 24 anos acabe desempregada porque muitos deles trabalham em hotelaria, retalho e lazer".

Quanto ao futuro a curto prazo, "conseguir que os jovens cumpram um segundo confinamento será problemático. Eles querem trabalhar, encontrar-se com os seus companheiros, ir a manifestações e divertir-se. Eles sabem que são de baixo risco e farão a sua própria análise de custo-benefício. Muitos simplesmente não vão cumprir, decidindo que o Covid-19 é um risco que estão preparados para aceitar".

Aliás, o confinamento pode ter efeitos diferenciados na comunidade jovem.

Por um lado, estudantes obrigados a ficar noutros países dedicaram-se a registar "todas as mentiras, teorias da conspiração e ataques políticos falsos que aparentemente se espalharam tão rapidamente quanto o próprio vírus". Foi o caso de Luca Zanolini e um grupo de 20 colegas que em Milão procuraram pela informação falsa em países como Itália, Síria, Japão e outros países.

Fumika Mizuno, na Princeton University, fez o mesmo para a desinformação no Japão, assim como outros estudantes da Bocconi University, The University of Chicago e Columbia University. Juntos, elaboraram um documento com mais de 800 entradas⁵⁷.

Por contraste, o tempo livre pode ter deixado outros estudantes mais vulneráveis a serem contaminados pela desinformação sobre o Covid-19 e mais expostos às mensagens da extrema-direita. "Esses activistas armados são demograficamente muito semelhantes aos que espalham desinformação e confusão sobre a pandemia; os mesmos grupos do Facebook disseminaram boatos sobre os dois; é a mesma base republicana mais antiga

que mais partilha as notícias falsas"⁵⁸.

Estas pessoas "armadas com espingardas e desinformação" são as mesmas que "desafiam as ordens de permanência com comícios de 're-abertura' [contra o confinamento e] não é coincidência: essas audiências foram preparadas por anos de desinformação política e depois levadas ao frenesim por meses de teorias de conspiração pandémicas. A infodemia ajudou a reforçar as rotas para espalhar histórias falsas e rumores; tem sido o terreno fértil perfeito para a desinformação", ampliado por apoiantes anti-vacinas, defensores que a pandemia foi inventada pelos democratas, com o apoio de bilionários e da OMS.

A revolta dos camponeses do século XXI

A divisão económica terá consequências a outros níveis, que já se começam a sentir, à semelhança do que ocorreu com a peste bubónica no século XIV e contribuiu para a Revolta dos Camponeses de 1381 em Inglaterra.

Foi "uma reacção provocada por

séculos de opressão dos níveis mais baixos da sociedade" quando, "como hoje, a maioria da riqueza era detida por uma elite de cerca de 1% da população"⁵⁹. Quando se espalhou a doença mortal, pediu-se mais "aos mais vulneráveis e impotentes".

Os líderes do país não os ouviram e "os camponeses decidiram lutar". Uns conseguiram um aumento de pagamento e outros também mas indo trabalhar para outro senhor.

Perante esta situação, o rei Eduardo III congelou os vencimentos e mandou prender quem mudasse de patrão sem justa causa. As leis tentaram manter o estado pré-epidemia mas os trabalhadores continuaram a manifestar-se.

O terceiro aumento de impostos em 15 anos desencadeou a revolta, sem sucesso para os trabalhadores. "Semelhante aos protestos que eclodiram após a morte de Floyd", a revolta foi o resultado de "tensões de classe a fervilhar há mais de 30 anos". E que prosseguem.

Após um início promissor para os benefícios de alguns trabalhadores

essenciais na pandemia, eles "estão a ser retirados". A Amazon acabou com os dois dólares adicionais por hora de "pagamento de risco que dava aos trabalhadores e anunciou planos para despedir os que não voltassem ao trabalho por medo de contrair o Covid-19". Por contraste, "entre meados de Março e de Maio, o CEO da Amazon, Jeff Bezos, adicionou 34,6 mil milhões de dólares à sua riqueza".

Assim, "as disparidades económicas do capitalismo do século XXI - onde os 1% mais ricos possuem agora mais da metade da riqueza do mundo - estão a começar a assemelhar-se às da Europa do século XIV". E, desta forma, entende-se a ligação quase sempre efectuada nas campanhas de desinformação aos bilionários do planeta.

-
1. Da Insustentável Opacidade da Direcção-Geral da Saúde. Nos Cornos da Covid (2020, 29 de Maio)
 2. French government takes down coronavirus 'fake news' web page. The Guardian (2020, 6 de Maio)
 3. Le gouvernement défend son site contre les fake news. Stratégies (2020, 4 de Maio)
 4. Marlaska: "Los bulos y la desinformación son los grandes aliados" de la pandemia. Público.es (2020, 23 de Abril)
 5. Las fuentes oficiales, en ocasiones, mienten:

- cuatro casos que lo demuestran. El País (2020, 19 de Abril)
6. WHO and the pandemic flu "conspiracies". The BMJ (2010, 4 de Junho)
 7. Coronavirus (conferência de imprensa). WHO (2020, 13 de Fevereiro)
 8. What do the polls tell Johnson? His response to Covid-19 is losing public buy-in. Prospect (2020, 14 de Maio)
 9. Trust in UK government and news media Covid-19 information down, concerns over misinformation from government and politicians up. Reuters Institute (2020, 1 de Junho)
 10. The Role of Media and Mass Communication Theory in the Global Pandemic. Communication Today (Issue: 2/2020)
 11. The media's deranged fearmongering over Covid-19 has had terrible consequences. spiked (2020, 15 de Maio)
 12. Coronavirus: top-down lies. EUReferendum (2020, 16 de Maio)
 13. Speaking Positivity to Power. The Caravan (2020, 31 de Março)
 14. Las plataformas remueven más y más desinformación sobre #COVID19. Podrían estar dando argumentos para su regulación. Observacom (2020, 23 de Abril)
 15. Covid-19 misinformation is a crisis of content mediation. Brookings TechStream (2020, 7 de Maio)
 16. 'None Of This Is True': Protests Become Fertile Ground for Online Disinformation. NPR (2020, 1 de Junho)
 17. Social Media Usage Is At An All-Time High. That Could Mean A Nightmare For Democracy. NPR (2020, 27 de Maio)
 18. YouTube censors epidemiologist Knut Wittkowski for opposing lockdown. New York Post (2020, 16 de Maio)
 19. Big Tech thought the pandemic wouldn't be political. Think again. Recode (2020, 27 de Maio)
 20. What Americans Think of the News - and What That Means for Democracy. Rand (2020, 28 de Abril)
 21. Coronavirus, Public Perceptions and the Dan-
gers of "News Deserts". Just Security (2020, 25 de Março)
 22. How to fight an infodemic. The Lancet (2020, 29 de Fevereiro)
 23. Remembering Huxley's Warning: Propaganda and Totalitarianism. Bournbrook Magazine - May 15th, 2020
 24. Los científicos no paran de equivocarse. El País (2020, 25 de Maio)
 25. How scientists' rush to publish Covid-19 research fuels disinformation. Coda (2020, 12 de Maio)
 26. Professeur Luc Montagnier : "La théorie du marché aux poissons ne correspond pas exactement à la réalité des faits". Sud Radio (2020, 30 de Abril)
 27. Fact-Checking Trump on Twitter Won't Stop His Demagoguery. The New Yorker (2020, 27 de Maio)
 28. Covid-19 Misinformation and Disinformation Responses: Sorting the Good from the Bad. Witness (2020, 29 de Maio)
 29. The Infodemic: what do Bolsonaro, Vladimir Putin and masturbation have in common? Plus the conspiracy blame game gets nasty. Coda (2020, 1 de Maio)
 30. Shaun Lintern interview: The Independent's health writer on covering coronavirus. Press Gazette (2020, 26 de Março)
 31. WHO's deadly incompetence. Washington Examiner (2020, 11 de Junho)
 32. Covid conspiracies and confusions: the impact on compliance with the UK's lockdown rules and the link with social media use. The Policy Institute/Ipsos MORI (2020, 18 de Junho)
 33. "Interim Pre-pandemic Planning Guidance: Community Strategy for Pandemic Influenza Mitigation in the United States". CDC (2007, Fevereiro)
 34. Coronavirus: What is 'flattening the curve,' and will it work? Live Science (2020, 16 de Março)
 35. Social Distancing During the 1918 Influenza Pandemic and Lessons for Coronavirus Disease 2019 (Covid-19). The Microbial Menagerie (2020, 8 de Março)
 36. For the sake of our economy, we need to scrap the absurd two-metre rule. The Telegraph (2020, 29 de Maio)

37. Physical distancing, face masks, and eye protection to prevent person-to-person transmission of SARS-CoV-2 and Covid-19: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet* (2020, 1 de Junho)
38. Coronavirus: WHO warns against further lifting of lockdown in England. *The Guardian* (2020, 15 de Junho)
39. Cleaning and disinfection of environmental surfaces in the context of Covid-19. *OMS* (2020, 16 de Maio)
40. Exclusive: No evidence for two-metre rule, Oxford experts say. *The Telegraph* (2020, 15 de Junho)
41. During the 1918 Flu's Second Spike, Americans Resisted Social Distancing. Could That Happen Again? *Mother Jones* (2020, 11 de Junho)
42. A quick history of why Asians wear surgical masks in public. *Quartz* (2014, 19 de Novembro)
43. Myth busters. *WHO* (2020, 29 de Abril)
44. Association of country-wide coronavirus mortality with demographics, testing, lockdowns, and public wearing of masks. *ResearchGate* (2020, Junho)
45. Scientific Information on Masks Against Covid-19. *Lockdown Sceptics* (2020, 5 de Junho)
46. Model Predicts Tens of Thousands of Lives Could be Saved if Almost Everyone Uses Masks. *U.S. News* (2020, 24 de Junho)
47. Contested Images: The challenges of visualizing a pandemic. *Real Life* (2020, 26 de Maio)
48. SAGE 15 minutes: Coronavirus (Covid-19) response, 13 March 2020. *Scientific Advisory Group for Emergencies* (2020, 29 de Maio)
49. The 2006 Origins of the Lockdown Idea. *American Institute for Economic Research* (2020, 15 de Maio)
50. Targeted social distancing design for pandemic influenza. *Emerging Infectious Diseases* (2006, Novembro)
51. Covid-19: the ethics of clinical research in quarantine. *The BMJ* (2020, 29 de Maio)
52. UK scientists condemn 'Stalinist' attempt to censor Covid-19 advice. *The Guardian* (2020, 8 de Maio)
53. The 'lockdown sceptics' want a culture war, with experts as the enemy. *The Guardian* (2020, 18 de Maio)
54. Unreported truths about Covid-19 and lockdowns. *Alex Berenson* (2020, 4 de Junho)
55. The Covid-19 shutdown will cost Americans millions of years of life. *The Hill* (2020, 25 de Maio)
56. The past three months have proved it: the costs of lockdown are too high. *The Guardian* (2020, 14 de Junho)
57. Students on lockdown create a global guide to coronavirus conspiracy theories, fake cures, and other whopping lies. *The Bulletin* (2020, 26 de Maio)
58. Protest misinformation is riding on the success of pandemic hoaxes. *MIT Technology Review* (2020, 10 de Junho)
59. Uprisings after pandemics have happened before – just look at the English Peasant Revolt of 1381. *The Conversation* (2020, 5 de Junho)

Informação muito pouco fiável

A desinformação não vive apenas das mensagens de fácil retransmissão no Twitter. Ela serve para ganhar influência política, social e até económica.

Veja-se o caso de David Neeleman que, quando ainda era o maior accionista privado da TAP, financiou um estudo que sustentava como o confinamento era desnecessário.

Nenhum dos co-autores do estudo - liderados pelo investigador John Ioannidis, da Stanford University - revelou que Neeleman foi um dos financiadores do trabalho e isso só se soube quando uma queixa anónima foi entregue à universidade, num documento a que BuzzFeed News¹ teve acesso.

Neeleman defendeu a "ideia de que a pandemia não é mortal o suficiente para justificar contínuos confinamentos". Assim, "a preocupação de que os autores foram afectados por um grave conflito de interesses é inevitável", refere a queixa.

Ele terá "potencialmente usado incentivos financeiros para garantir a cooperação" para a sua visão. Questiona-

do sobre o financiamento de Neeleman, Ioannidis disse "não ter conhecimento pessoal". Mas o então accionista da TAP refuta esta posição, alegando que o dinheiro foi dado aos investigadores, com quem falou.

Marc Lipsitch, da Harvard University, criticou o estudo e a posição de Neeleman: "Isto não tem nada a ver com ciência. Isto é ele a querer que as suas companhias aéreas prosperem". Neeleman tinha interesses na JetBlue in 1999, Azul Brazilian Airlines, WestJet e Morris Air, além da TAP. Estava-se numa altura em que estas empresas atravessavam um grave momento económico e em que Anthony Fauci, conselheiro sobre o Covid-19 na Casa Branca, declarou que terminar os confinamentos podia "desencadear novas ondas de infecções e mortes e atrasar o progresso para a recuperação".

Desinformação criminosa

Os esquemas de estudos pagos por interessados nas suas conclusões, as vendas da Miracle Mineral Solution nos EUA, do chá Covid Organics em Madagáscar ou do Arbidol na Rússia, co-existiam com uma "miríade de

esquemas de fraude que procuram explorar a pandemia", declarou o FBI.

Até 28 de Maio, "o Internet Crime Complaint Center (IC3) recebeu quase a mesma quantidade de reclamações em 2020 (cerca de 320 mil) que durante todo o ano de 2019 (cerca de 400 mil). Aproximadamente 75% dessas reclamações eram fraudes e esquemas, sendo um desafio para o programa criminal do FBI, devido ao grande volume de queixas"².

Apesar das queixas sobre fraudes, o coronavírus criou um outro "ambiente perigosamente propício às teorias da conspiração", notaram os cientistas políticos Joseph Uscinski e Adam Enders. "Temos uma pandemia global, uma economia em colapso, isolamento social e políticas governamentais restritivas" e "tudo isso pode causar sentimentos de extrema ansiedade, impotência e stress, o que, por sua vez, incentiva as crenças de conspiração"³.

Segundo alguns investigadores, o vídeo "ilustra muitas das características do pensamento conspirativo"⁴, nomeadamente:

1. Crenças contraditórias: os teóricos da conspiração estão tão comprometidos com a descrença de um relato oficial que não importa se o sistema de crenças deles é internamente contraditório.

2. Suspeita anulada: eles são extremamente desconfiados em relação à posição oficial (pelo) que qualquer evidência científica que não se encaixe na teoria da conspiração deve ser falsificada.

3. Intenção nefasta: numa teoria da conspiração, os conspiradores devem ter motivos malignos.

4. Convicção de algo errado: os teóricos da conspiração podem ocasionalmente abandonar ideias específicas quando se tornam insustentáveis mas essas revisões não mudam a conclusão geral de que "algo deve estar errado" e que a posição oficial se baseia em enganos.

5. Vítima perseguida: estes teóricos consideram-se vítimas de perseguição organizada.

6. Imunidade à prova: é difícil mudar a mente de um teórico da conspiração

porque as suas teorias são auto-fechadas.

7. Reinterpretar a aleatoriedade: estes teóricos vêem padrões em todos os lugares, o que é preciso é saber ligar os diferentes pontos.

“Plandemic”

"Plandemic" vive dos rumores mas é uma obra bem orquestrada de desinformação, um vídeo com um formato profissional e conteúdos falsos arrumados de forma coerente para instalar a dúvida perante quem o vê. Liga "os diferentes pontos" sem margem para a eventual suspeição.

Sabe-se que promove ideias falsas e perigosas para a saúde mas Joseph Uscinski sintetiza que muitas pessoas o podem ter partilhado "porque são curiosas e estão incertas sobre as alegações feitas, mas outros fazem-no porque já estão profundamente convencidos".

O vídeo continua disponível e legendado em português. Sem querer, mais do que a aceitação das mentiras propagadas, ele dinamizou um debate sobre a desinformação em tempos

pandémicos. Foi lançado pouco antes da principal entrevistada, Judy Mikovits, lançar um livro sobre os mesmos temas, com acusações não consubstanciadas ao conselheiro para a epidemia da Casa Branca, Anthony Fauci, de que ele teria minado a sua carreira científica.

Esta "não foi a primeira tentativa de apresentar Mikovits como denunciante de Fauci", garante Renee DiResta, do Stanford Internet Observatory (SIO). "Essa narrativa apareceu em meados de Abril como a principal mensagem de relações públicas em torno do lançamento do livro"⁵.

O vídeo inclui informações médicas falseadas (o vírus foi libertado de um laboratório ou o uso de máscaras piora a doença, ao contrário da água do mar que tem "micróbios curadores"). Apesar de falsas, as alegadas bases científicas propostas pela ex-cientista e defensora da anti-vacinação servem para instalar a dúvida e servir de justificação para activistas de extrema direita ou do anti-confinamento. Durante algum tempo, a palavra "Plandemic" apareceu em cartazes de manifestações destes movimentos.

O seu sucesso online foi dinamizado por Zach Vorhies, um ex-funcionário do YouTube na Google que "entregou documentos ao grupo de extrema direita Project Veritas, depois tornou-se 'anti-vaxxer' e promotor dos QAnon. Num vídeo de Abril, apresentou o seu plano para promover 'Plandemic'" e Mikovits⁶. "Eu sei como gerir uma campanha... é isso que vamos fazer. Vamos torná-la famosa".

Vorhies queria ganhar algum dinheiro para ser pago pela promoção do vídeo, disse, e lançou a campanha no GoFundMe "Help me amplify Pharma Whistleblower Judy Mikovits". Em contrapartida, no primeiro "post" de Mikovits no Twitter, ela agradece a Vorhies "por me ajudar a entrar no Twitter!"

O SIO notou um crescente número de "posts" sobre Mikovits "a partir de 16 de Abril. Durante duas semanas e meia, observámos uma série de momentos entre plataformas em que Judy Mikovits - cientista cujo trabalho foi retractado por editores de revistas científicas - foi apresentada como especialista denunciante, expondo um vasto encobrimento do

governo. Embora tenha sido o vídeo 'Plandemic' que a levou à notoriedade global, semanas de planeada actividade conduziram à sua rápida viralidade".

Foram analisados 41.662 conteúdos no Facebook, Instagram, YouTube e Twitter desde 15 de Abril, quando os grupos anti-vacinas no Facebook começaram a promover Mikovits e o livro.

"A dinâmica dos media sociais sugeria que as narrativas de Mikovits estavam agora a ser vendidas a um público muito maior". Embora de início se mantivesse nessas "câmaras de eco", uma boa operação de relações públicas impulsionou o conteúdo "para comunidades maiores, como os [apoiantes de Trump] MAGA e os QAnon".

O "trailer" do vídeo foi lançado a 4 de Maio. Uma semana depois, já tinha sido visto mais de 8 milhões de vezes, altura em que YouTube, Vimeo e Facebook o eliminaram das suas plataformas. A recolha de dados pelo SIO decorreu até 17 de Maio, quando os media e os verificadores de factos começaram a desmentir o vídeo nos

EUA. Este começou a espalhar-se ao nível internacional, nas comunidades de língua portuguesa, italiana, romena, vietnamita, norueguesa, holandesa, francesa e alemã.

"O que me surpreendeu foi a facilidade com que 'Plandemic' agarrou alguns dos meus amigos", escreveu⁷ um jornalista do ProPublica.

O vídeo tem erros terríveis para quem disponibiliza conteúdos ao público: "a apresentação é unilateral" mas o realizador Mikki Willis contrapõe que "as pessoas estão sempre a ver apenas um lado da história. Este é o outro lado. Esta não é uma peça que pretende ser perfeitamente equilibrada".

Não existe uma "procura independente da verdade", apenas a posição de Mikovits, cuja falhas éticas nas sua carreira nem sequer são mencionadas de forma correcta. A revista Science publicou e depois retirou um dos seus artigos em 2011. Na altura, ela foi demitida do Whittemore Peterson Institute, de onde terá roubado computadores, foi presa a 18 de Novembro de 2011, mas as acusações foram retiradas. Segundo ela, foi presa "sem acusações".

O vídeo "retrata-a como uma denunciante em apuros", eliminando esta cronologia pessoal. Ao ProPublica, ela clarificou "que não existiam acusações de qualquer tipo de irregularidades que a levariam a ser acusada de ser uma fugitiva à justiça".

Quanto às acusações a Fauci "de encobrir e pagar a pessoas que cometem fraudes" e de responsável por desacreditar a investigação de Mikovits, os responsáveis pelo vídeo não apresentam qualquer contraditório.

Vários alegados médicos aparecem a falar sem serem identificados, "pelo que não se pode realmente dizer quem são, ou mesmo se são médicos. Isso torna impossível dizer se são credíveis".

Falsos tratamentos e remédios

Após "Plandemic", o segundo lugar da lista de desinformação mais dramática na pandemia - também pela novidade de defender tais produtos - foi arrecado pelos desinfetantes e pela hidroxiclороquina.

Ambas as opções foram dinamizadas inicialmente pelo presidente Trump.

Se o segundo era um medicamento sem efeito no coronavírus, defender injeções de desinfectante foi dramático.

Vários estudos demonstram que a toma da hidroxicloroquina pelos doentes com coronavírus não tem efeitos em comparação com quem não o toma. Um estudo do *Journal of the American Medical Association* analisou mesmo que combiná-lo com um antibiótico aumenta o ritmo das batidas cardíacas.

Bolsonaro prosseguiu o caminho de Trump a promover o seu uso. Mas o presidente do Brasil foi mais longe e defendeu um outro produto contra o Covid-19, "a ivermectina, usada tradicionalmente contra vermes, sarna e piolhos"⁸.

Não há qualquer validação científica da eficácia da ivermectina. O ministério da Saúde e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) não a reconhecem como medicamento contra o Sars-Cov-2. Mas Bolsonaro acha "que o resultado é até melhor que a cloroquina, porque mata os vermes todos".

Especialistas da indústria farmacêutica consideram que a ivermectina é normalmente procurada no "início das aulas escolares, quando as crianças voltam das férias e algumas retornam com piolhos, espalhando-os entre os colegas. Trata-se de um produto muito conhecido das mães e, por isso mesmo, tido como praticamente inofensivo à saúde". "Se ele não matar o vírus da Covid, pelo menos vai livrar a minha gente dos vermes, da sarna e dos piolhos", analisou Maria Alice Leal, secretária de Saúde do município de Marapanim.

Anti-vacinas

O movimento anti-vacinação não nasceu com esta crise pandémica, apesar de a querer capitalizar para conseguir mais adeptos. Falou-se da morte de participantes em ensaios clínicos para descobrir a nova vacina ou numa já existente contra a doença, embora ilustrada com fotografias de vacinas para animais.

O temor foi ampliado pela hipotética vacinação obrigatória, bem como com imagens manifestações contra veículos a transportarem essas vacinas na África do Sul.

Sem vacinas para curar a pandemia, a desinformação ocupou-se de as inventar. Por isso, é essencial ter algum cuidado ao ler sobre vacinas para o Covid-19. Desde Janeiro, os membros da CoronaVirusFacts Alliance publicaram mais de 200 artigos com conteúdo falso sobre estas vacinas. "Os verificadores de factos americanos lideram o caminho, tendo identificado pelo menos 36 falsidades sobre o assunto", seguindo-se a Índia com 22.

Para responsáveis políticos, é igualmente necessário algum cuidado ao falar delas. Em Junho, "o presidente Donald Trump sugeriu num discurso que, uma vez que os cientistas 'criaram a vacina contra a SIDA', em breve podiam ter uma para o Covid-19. O problema, no entanto, é que Trump estava errado. Não há vacina para a SIDA e a ciência parece estar nos estágios iniciais de teste de uma vacina Covid-19".

Este tipo de confirmação falsa pode servir para misturar factos com mentiras. "Em Março, quando uma mulher em Seattle se ofereceu para um teste para a vacina do Covid-19, imediatamente começaram a circular

rumores de que era uma atriz que tinha recebido uma vacina falsa". Mas, confirmou a Associated Press, ela existe e recebeu mesmo uma vacina. "Em Oxford, na Inglaterra, outra voluntária num teste separado para a vacina do Covid-19 tornou-se o assunto de uma notícia falsa que alegou que ela tinha morrido após ter sido vacinada". A situação foi esclarecida e a senhora "está muito viva"⁹.

"Inicialmente, estava optimista de que, quando as pessoas sentissem a necessidade de uma vacina para o Covid-19, o movimento anti-vacinação passaria por um período de discriminação", disse Peter Hotez, do Baylor College of Medicine. "Na verdade, teve o efeito de revigorar" o movimento.

O cepticismo anti-vacinas não é novo e está enraizado numa sociedade em que uma determinada terapêutica é uma escolha individual ou familiar, mediada pela (des)informação nas redes sociais e amplificada por erros naturais ou ignorância médica. Em países onde algumas doenças são erradicadas pelas vacinas, a grande maioria das pessoas não se dá ao luxo de as evitar.

Em 1976, quando se lançou a campanha nos EUA para vacinar "qualquer homem, mulher e criança" durante um surto de gripe suína, um jovem soldado em New Jersey morreu após ser infectado com a nova forma de gripe. Os cientistas na época acreditavam estar perante uma evolução da gripe de 1918. "Temendo outra pandemia, o governo elaborou planos para uma campanha de vacinação em massa".

Esse "desastre" de 1976 foi exacerbado pelo facto de a pandemia de gripe não ter acontecido. Agora, desconhece-se como será recebida uma vacina contra o Covid-19.

Nesse sentido, "o legado final desta pandemia pode ser uma ampla erosão da confiança nas autoridades, colocando em perigo os esforços de saúde pública no futuro". Bruce Gellin, do Sabin Vaccine Institute, salienta como "as expectativas são astronômicamente elevadas, já que as vacinas estão posicionadas como a única maneira de voltarmos ao normal". Se houver dúvidas sobre a sua eficácia, "isso também se pode estender às percepções sobre as vacinas em geral" - entregando a preponderância às vozes

anti-vacinação contra o coronavírus.

E o mesmo pode suceder se não surgir qualquer vacina para o Covid-19, algo raramente apresentado como possível: "este cenário optimista deixa-nos preocupados com o facto de o público, os media, a comunidade empresarial e os decisores políticos não estarem em grande parte preparados para um cenário pessimista no qual é difícil realizar testes fiáveis e quase ubíquos; os anticorpos dos indivíduos infectados não levam à imunidade; os tratamentos antivirais demoram tempo para se desenvolverem; e as vacinas nunca chegam", como referia Avik Roy, presidente da The Foundation for Research on Equal Opportunity.

Bill Gates

Nas teorias da conspiração, o co-fundador da Microsoft é uma das principais faces do mal nas curas contra o Covid-19. As mentiras sobre ele (ou sobre a Bill & Melinda Gates Foundation) são diversas e rebuscadas.

Gates tem uma patente sobre o Covid-19 - o que é uma meia-verdade. A referida patente foi estabelecida pelo

Pirbright Institute, que é financiado pela fundação, mas refere-se a um coronavírus que afecta apenas galináceos. O "Pirbright não trabalha actualmente com coronavírus humanos", explicou a instituição em Janeiro passado, após essa falsidade ser transmitida pelo conspiracionista Jordan Sather e depois repetida no site de desinformação InfoWars.

Gates terá uma vacina contra o Covid-19 mas espera pelas futuras vacinas para introduzir microprocessadores dentro dos seres humanos e assim melhor os vigiar e/ou eliminar 15% da população. Um vídeo com estas alegações teve mais de dois milhões de visualizações no YouTube.

A base conspiratória para este alegado interesse em liquidar parte da população mundial deve-se a Gates citar o trabalho do biólogo Paul Ehrlich cujo livro "The Population Bomb" (1968) abordava a questão de um planeta sobrepovoado.

Em Dezembro passado, a fundação financiou o MIT e a Rice University para desenvolver um processador que regista o histórico da vacinação no corpo humano, após ali ser inserido

por uma injeção. Mas não se registam os movimentos do utilizador, assegurou Kevin McHugh, da Rice University, ao FactCheck.org, site a que a Gates Foundation garantiu que esta investigação não se relaciona com o Covid-19.

Na realidade, a introdução destes dispositivos no corpo humano tem alguns anos (a Suécia tem mais de 4.000 habitantes a usá-los) e é feito por empresas como a Druptive, Dangerous Things ou Biohax. Os "microchips" comunicam por "near field communication" (NFC) e são vistos pelos transumanistas como uma forma de "ampliar" o corpo. Em Espanha¹⁰, 20% da população mostrava-se disponível para usar este tipo de "microchips" se tivessem as mesmas funções de um smartphone.

"De certa forma, é tão bizarro que quase se quer ver isto como algo engraçado, mas acho que não é realmente uma coisa engraçada. Nunca estive envolvido em nenhum tipo de 'microchip'" relacionado com vacinas, afirmou Gates.

Ele é ainda acusado de ter sido preso pelo FBI por bio-terrorismo ou por

conspiração para envenenar os africanos. Noutra caso, ele foi fotografado numa alegada "conferência sobre coronavírus", tratando de antecipar a pandemia - era uma reunião, em 2015, sobre uma patente de coronavírus que afecta animais.

A acreditar nestas narrativas, a pandemia também pode ter sido prevista por uma simulação que envolveu essa fundação, o Johns Hopkins Center for Health Security e o World Economic Forum, num evento em Outubro passado.

O Event 201 criou um exercício com um vírus fictício - surgido no Brasil, não na China - para antecipar os efeitos de uma epidemia mundial, detectar as necessidades da população, as consequências económicas e sociais e ainda efectivar a gestão da crise entre autoridades sanitárias nacionais e internacionais, governos e empresas.

A ligação entre o Event 201 e a pandemia foi estabelecida a 22 de Janeiro num canal da rede social Reddit. No dia seguinte, o InfoWars encarregou-se de a ampliar online.

A repetição da mensagem de que o

Event 201 se tratou apenas de um exercício foi completamente obliterada. Curiosamente, uma das medidas abordadas no evento foi precisamente como lidar com a desinformação numa crise pandémica.

Gates, com o bilionário George Soros, é dos personagens que mais frequenta as teorias da conspiração. No âmbito da reformatação das mensagens de desinformação, o húngaro Soros tanto aparece como uma ameaça para Trump (o InfoWars advoga isso desde 2017) como é um dos responsáveis pela criação do Covid-19.

Já Gates foi criticado pela "falta de transparência" sobre os seus investimentos financeiros, como o acusou a revista médica The Lancet, mas após ter criticado a posição de Trump relativamente à crise sanitária, à saída do país da OMS ou gozado sobre o conhecimento científico do presidente, ganhou mais ódios na extrema direita norte-americana.

"Ele não se tornou o alvo favorito dos conspiradores, ele é [o seu alvo favorito] há muito tempo", assegura Sylvain Delouvee, da universidade de

Rennes. Envolvê-lo em campanhas de desinformação garante uma mediatização interessante nas redes sociais e até na comunicação social tradicional.

Uma petição a pedir a prisão de Gates, em Abril, obteve mais de 572 mil assinaturas, principalmente após ser divulgada no Facebook por grupos como "Refuse Corona V@X and Screw Bill Gates" ou "Hidden Knowledge 2".

Outros detractores são mais conhecidos. Em Maio, Sara Cunial requereu a prisão de Gates por "crimes contra a humanidade" ao querer desenvolver uma vacina para controlar a população. O discurso foi visto mais de 500 mil vezes na página do Facebook da política italiana e 30 mil partilharam-no.

Em França, a actriz Juliette Binoche acusou-o da inserção do "microchip" em humanos (uma variação desta história implicava as zaragatoas usadas nos testes como meio de introduzir o "microchip" no cérebro).

"Num momento como este, quando o mundo está a enfrentar uma crise eco-

nómica e de saúde sem precedentes, é lamentável que haja pessoas a divulgar informações erradas quando todos nós deveríamos estar procurando maneiras de colaborar e salvar vidas. Para já, uma das melhores coisas que podemos fazer para impedir a disseminação do Covid-19 é divulgar os factos", declarou Mark Suzman, CEO da Bill & Melinda Gates Foundation, à BuzzFeed News.

5G

A oposição à nova geração de comunicações móveis 5G gerou alguma violência contra os técnicos de instalação das antenas e danos nestas.

Os grupos da indústria das telecomunicações ETNO e GSMA revelaram no início de Junho que registaram mais de 140 ataques criminosos a infra-estruturas¹¹, como mastros de antenas, em 10 países europeus, assim como ataques contra dezenas de trabalhadores. O maior número de ataques ocorreram na Grã-Bretanha (87) e Holanda (30) mas houve registos na Alemanha, Bélgica, Chipre, França, Irlanda ou Itália.

Nos EUA, o Department of Home-

land Security juntou -se ao FBI e ao National Counterterrorism Center para emitir alertas a nível nacional aos operadores e autoridades para uma potencial réplica desses ataques, após algumas ocorrências localizadas.

Existe uma aparente dificuldade em perceber que, se o coronavírus se transmite entre pessoas, dificilmente poderá ser "emitido" por antenas de telecomunicações. "Os vírus não podem viajar pelas ondas de rádio/redes móveis", diz a OMS na sua página sobre mitos desta pandemia. "O Covid-19 está a espalhar-se em muitos países que não possuem redes móveis 5G".

Uma das primeiras referências a esta hipotética ligação ocorreu a 20 de Janeiro num texto no blogue francês anónimo Les Moutons Enragés, depois replicado em grupos do Facebook e do YouTube. O rumor foi ampliado nas redes sociais pelo actor Woody Harrelson, o pugilista Amir Khan ou o antigo futebolista David Icke, anti-semita (alega que os judeus são os responsáveis pelo Covid-19) que defende como o mundo é dominado em segredo por répteis galácti-

cos como George W. Bush, a rainha Elizabeth II ou Kris Kristofferson¹².

Sem quaisquer provas de que esta nova tecnologia tenha impacto na saúde humana - a única relação é o calendário do seu lançamento e a pandemia -, a desinformação que grassava no YouTube levou esta plataforma a remover os vídeos que ligavam o 5G ao Covid-19, com o Whatsapp a anunciar medidas semelhantes. O mesmo fez o Twitter, que também bloqueou os utilizadores que defendiam ataques aos postes das antenas 5G.

Em termos históricos, o termo "radiofobia" foi usado por médicos em 1903¹³. Após os receios com as linhas eléctricas e micro-ondas nos anos 1970, as teorias da conspiração relacionadas com os telemóveis datam da sua disseminação, nos anos 1990, com a 2G. Então, era-lhes atribuída a morte de aves e árvores, bem como serem causa de cancro.

Agora, as ligações conspirativas passam pelo aparecimento da pandemia em Wuhan quando ali decorrem testes ao 5G (é falso porque os testes são anteriores), para garantir o confi-

namento enquanto os técnicos instalam as antenas ou porque a radiação 5G afecta o sistema imunológico dos humanos (favorecendo a infecção pelo Covid-19). Uma mais rebuscada refere que a vacinação obrigatória serve para colocar os "microchips" de controlo, activados posteriormente pelas comunicações 5G.

Uma outra teoria da conspiração "comparou um mapa de 'hot spots' do Covid-19 nos EUA a lugares que testaram redes 5G. O mapa revelava uma clara sobreposição mas, na realidade, apenas mostrava as principais áreas metropolitanas".

Na realidade, há "uma reformulação de medos conspiratórios de longa data sobre experiências de controlo mental, mensagens subliminares e supostos projectos secretos de armas militares dos EUA".

Neste caso, "o principal problema é que o 5G não foi testado quanto à segurança", diz Reza Ganjavi. "Também é completamente desnecessário. Esta indústria está a tentar convencer as pessoas de que precisam de um download mais rápido ou da Internet das coisas. Não precisam"¹⁴.

Ganjavi gere um dos grupos no Facebook mais "influyente" sobre esta questão, o Stop5G International, com mais de 35 mil membros de 167 países.

O Stop 5G Portugal, criado em Maio de 2019, tem mais de 5.700 membros. Uma petição à Assembleia da República para impedir a instalação das redes 5G em Portugal, dinamizada pela Algarve Surf and Marine Activities Association (ASMAA), foi assinada por mais de 3.900 pessoas.

"Não há provas de que exista uma relação entre o 5G e a disseminação do coronavírus. É inapropriado levantar esses rumores", clarifica Fiorella Belpoggi, do Ramazzini Institute (Itália), enquanto Dariusz Leszczynski, editor da "Frontiers in Radiation and Health", é categórico¹⁵: "simplesmente não sabemos. Temos apenas alguns estudos, não é nada. A única resposta da indústria é que o 5G é de baixa potência e, portanto, não há problema".

Ao contrário das gerações de tecnologia móvel anteriores, "a radiação 5G não penetra no corpo humano" e "as chamadas ondas milimétricas que

serão parcialmente usadas com 5G, não vão mais fundo que a pele".

"Isso está a ser usado como garantia: é apenas a pele, não entra no cérebro, está tudo bem", diz Leszczynski, mas desconhece-se o efeito das radiações 5G na pele. "Simplesmente não sabemos", refere, e "esse é o problema: faltam-nos investigações sobre coisas muito básicas. Parece tão simples, mas é caro. E aqueles que são influentes, como a indústria, não o querem".

Lennart Hardell, um oncologista reformado e ex-professor do Orebro University Hospital, na Suécia, também acredita nos efeitos prejudiciais das radiações sem fios. "Existem mais de mil estudos que mostram alguns efeitos nocivos (...) na saúde humana", diz o também autor de mais de 350 artigos científicos.

Hardell considera que, "como as redes 5G vão precisar de mais estações-base localizadas perto de edifícios residenciais para operar adequadamente, a exposição das pessoas a campos electromagnéticos será maior do que antes". E, se "já sabemos que esse tipo de exposição é um possível carcinógeno humano, porque quere-

mos aumentar essa exposição", questiona.

Em 2017, ele pediu à Comissão Europeia para interromper o lançamento da tecnologia, motivado pelos riscos para a saúde pública.

Em Março passado, o European Parliamentary Research Service confirmou que a Comissão Europeia ainda não efectuou qualquer estudo "sobre os potenciais riscos de saúde da tecnologia 5G", notando que "permanecem sem resposta perguntas sobre o que realmente é o 5G, para que serve, se tem impacto na saúde e no ambiente humano, se é seguro, se oferece uma boa relação custo-benefício ou se alguém estará preparado para pagar por ele".

Sem testes credíveis sobre o potencial efeito do 5G na saúde, é fácil de entender como os rumores se espalham neste caso.

Em paralelo, o 5G está no centro de uma guerra económica. A China é o maior fabricante de equipamentos, enquanto a Europa parece ter desistido de liderar e os EUA pretendem contrariar fortemente a hegemonia

chinesa. Baniram alguns produtos para essa tecnologia, alegando falhas de segurança, enquanto Trump anunciava um plano para ganhar a corrida do 5G. Esta situação pode ser revogada se Trump perder as eleições em Novembro mas, até lá, ajuda as falanges da "alt-right" pró-Trump a disseminar a teoria da conspiração.

Outros mitos, efeitos e impactos

As campanhas de desinformação relacionadas com a pandemia passaram por vídeos profissionais e campanhas online bem orquestradas, reformulação de rumores antigos (anti-vacinação ou efeitos das comunicações móveis) para os acomodar nas actuais falsas narrativas, ou o uso de "actores" - de Bill Gates aos políticos anti-cientistas e adeptos da desinformação - para catapultar as mensagens falsas para um ambiente mediático mais generalizado.

A agregação de um facto real mas estranho ajuda nesses objectivos. Por exemplo, um mito surpreendente revelou que muitas das limitações actuais - como o confinamento - se devem aos participantes do festival de música Woodstock, em 1969, por

estar a acontecer nessa altura uma epidemia de gripe.

"O actual confinamento devido à actual pandemia de coronavírus é um produto dos media que espalham medo e pânico desnecessários", explicou-se desde 1 de Maio passado, quando o AIER publicou o artigo "Woodstock Occurred in the Middle of a Pandemic", para demonstrar como a epidemia não levou ao encerramento da economia¹⁶. "Nada foi encerrado à força. A maioria das escolas permaneceram abertas. As empresas também. Podia-se ir ao cinema (...), a bares e restaurantes".

Algumas destas alegações foram entretanto actualizadas ou corrigidas - como o facto de terem encerrado escolas. Mas o artigo foi distribuído em sites de extrema direita e de desinformação sobre o Covid-19 sem qualquer actualização. E assim surgia validado pela respeitabilidade conservadora do site onde tinha sido publicado.

Noutros casos, foi necessário explicar que a exposição ao sol ou a temperaturas acima dos 25 graus centígrados não previne ou cura o Covid-19, tal

como as temperaturas geladas, o uso de secadores de cabelo ou de soluções salinas para as narinas.

Também o uso de mais pimenta na alimentação, o tratamento com alho (eficaz apenas para os agricultores destas plantas) ou a ingestão de suplementos vitamínicos ou de líquidos de limpeza à base de álcool (ou mesmo as bebidas alcoólicas) foi desaconselhado. Este uso do álcool está naturalmente sujeito à confusão com os desinfetantes líquidos para lavar as mãos, falando-se da eficácia das soluções com 60% de álcool mas tratando-se de um álcool muito diferente do usado em bebidas alcoólicas.

No entanto, 44 pessoas terão falecido no Irão após a ingestão de álcool falsificado e promovido a curar o coronavírus. Outras versões do rumor alegavam que a pulverização com álcool ou com cloro eram eficazes na luta contra o vírus. Nesse sentido, o rumor de que helicópteros, normalmente militares ou da polícia, iriam vaporizar aldeias contaminadas afectou países como a França, Itália, Alemanha, Reino Unido ou Espanha.

Conseguir suspender a respiração por

mais de 10 segundos não prova que não se está infectado e a infecção não é transmitida pelo mosquito.

Muitas destas mensagens menos elaboradas são, devido à sua ligeireza intrínseca, de fácil transmissão popular e sustentadas por algum argumento científico emitido por "especialistas".

Reconhecendo a dificuldade de diferenciar a informação fiável das mentiras quando surgem assinadas por personagens com currículo universitário, como Mikovits em "Plandemic", a BuzzFeed News elaborou uma lista¹⁷ com o perfil de "spin doctors" cuja certificação universitária induz erradamente na aceitação das suas falsidades.

Após a actriz principal de "Plandemic", surge Shiva Ayyadurai, candidato ao Senado pelo estado do Massachusetts e cujo principal feito é o de assumir que alegadamente criou o email.

Eric Nepute é um quiroprático, formado pela Logan University, que recomenda a ingestão de diferentes soluções para eliminar o Covid-19,

enquanto o osteopata Rashid Buttar, formado na Des Moines University, defende o uso de terapias que são desaconselhadas pela comunidade médica.

Artin Massihi, da clínica privada Accelerated Urgent Care, fez alegações em público que foram condenadas pelo American College of Emergency Physicians e pela American Academy of Emergency Medicine como "reflexões imprudentes e não testadas" e "inconsistentes com a ciência e a epidemiologia actuais em relação ao Covid-19".

Em paralelo, a mistura explosiva deste tipo de falsidades certificadas com patriotismo ou xenofobia e acelerada pela rápida disseminação tem impactos reais.

Nalguns casos, aproveitou-se a desinformação pandémica para se instalar um estado mais repressivo.

Nas Filipinas, foi aprovada uma lei em Março para prender jornalistas que espalhem informações falsas sobre o vírus, após o presidente Rodrigo Duterte ter dado ordens aos soldados para dispararem "a matar"

contra quem violasse o confinamento obrigatório.

Noutros, imperaram objectivos económicos ou políticos. Na Índia, os nacionalistas hindus acusaram os muçulmanos de disseminarem o Covid-19, no que deu origem a uma campanha da extrema direita na Europa contra esta população e o uso da "hashtag" #CoronaJihad a partir de Março. "A maioria dos utilizadores de media social a criar e partilhar estes conteúdos eram homens novos entre os 18 e os 34 anos, baseados na Índia ou nos EUA", revelou um estudo citado pelo site Coda.

"Em resultado dessas 'hashtags', vimos que muçulmanos na Índia não receberam assistência médica, mulheres grávidas e em trabalho de parto foram afastadas de hospitais, houve uma discriminação generalizada contra empresas muçulmanas, que foram boicotadas", disse Thenmozhi Soundararajan, director-executivo da organização que conduziu o estudo, os Equality Labs.

No Japão, a xenofobia manifestou-se pela falsa ideia de que os casos de coronavírus atingiam muitos dos

estrangeiros, embora ocorressem igualmente acusações ao governo por esconder a verdade relativamente ao número real de infecções e mortes. Em Fevereiro passado, o ex-primeiro-ministro Hatoyama Yukio acusava o actual governo de escolher os Jogos Olímpicos (entretanto cancelados) perante as vidas humanas.

No Irão, a desinformação interna levou à divulgação pela agência noticiosa oficial ISNA de imagens de uma tecnologia que conseguia detectar uma infecção por coronavírus a uma centena de metros.

Em França, os responsáveis oficiais da Saúde tiveram de emitir um alerta a contrariar que, além da cocaína não curar o Covid-19, tal sucedia com o queijo Roquefort ou com o champanhe - afectando o potencial negócio dos produtores destes bens.

Numa pandemia que é global, por definição, a desinformação também o foi e obrigou entidades locais a estarem atentas ao fenómeno e a verificar muita da informação transmitida nas redes sociais ou nos media tradicionais.

Para a América Latina, o LatamChequea - Coronavirus (que integra a International Fact-Checking Network) criou uma base de dados com dois sites portugueses de verificação de factos, o Polígrafo e o Observador que, em conjunto, têm mais de 130 artigos listados até ao final de Junho. O primeiro data de 31 de Janeiro e mostra um vídeo supostamente do mercado chinês de Wuhan, quando as imagens foram registadas no mercado de Langowan (Indonésia).

O mesmo vídeo marca o início de funcionamento da AFP Factual, um site com informação validada pela Agence France-Presse (AFP) que tinha no final de Junho mais de 200 mentiras verificadas.

Um trabalho conjunto envolve a mesma agência de notícias AFP, a alemã CORRECTIV, a Pagella Politica/Facta de Itália, a espanhola Maldita.es e o Full Fact do Reino Unido, verificou 654 artigos sobre o Covid-19 publicados entre Março e Abril nestes cinco países. Os principais tópicos foram agrupados no site do projecto, em CovidinfodemicEurope.

O site EUvsDisinfo.eu, mais focado na desinformação proveniente dos países do Leste e, nomeadamente, da Rússia, contava com cerca de 180 mitos, iniciados também em Janeiro. Neste caso, os denominados "vírus conspirativos" funcionavam porque "o assunto é alarmante, altamente complexo e, até agora, envolve mais perguntas do que respostas. Para os media pró-Kremlin, o coronavírus está a começar a parecer uma mina de ouro de desinformação".

Peter Stano, porta-voz da União Europeia, declarou em Maio que os media russos estavam a difundir teorias da conspiração na UE, com "efeitos potencialmente consideráveis na saúde pública"¹⁸. A Rússia respondeu serem acusações sem exemplos concretos.

Em Junho, a Comissão Europeia também acusou a China de espalhar desinformação sobre o coronavírus na Europa. A Rússia foi nomeada mas secundarizada por ser "a primeira vez que o executivo da UE acusa publicamente a China pelo seu papel na divulgação de notícias falsas".

E o que aconteceu em Portugal?

-
1. JetBlue's Founder Helped Fund A Stanford Study That Said The Coronavirus Wasn't That Deadly. BuzzFeed News (2020, 15 de Maio)
 2. COVID-19 Fraud: Law Enforcement's Response to Those Exploiting the Pandemic. FBI (2020, 9 de Junho)
 3. If Someone Shares the 'Plandemic' Video, How Should You Respond? The Atlantic (2020, 9 de Maio)
 4. Coronavirus, 'Plandemic' and the seven traits of conspiratorial thinking. The Conversation (2020, 15 de Maio)
 5. Virality Project (US): Marketing meets Misinformation. Stanford Internet Observatory (2020, 26 de Maio)
 6. An Ex-Google Employee Turned 'Whistleblower' and QAnon Fan Made 'Plandemic' Go Viral. Motherboard - May 14 2020,
 7. I'm an Investigative Journalist. These Are the Questions I Asked About the Viral "Plandemic" Video. ProPublica (2020, 9 de Maio)
 8. Infodemia, credence e coronavírus. piauí (2020, 12 de Junho)
 9. We Don't Even Have a COVID-19 Vaccine, and Yet the Conspiracies Are Here. The Atlantic (2020, 24 de Maio)
 10. "Y después de los Smartphone, ¿qué? Ciudadano Cyborg". Seguros News (2019, 11 de Dezembro)
 11. Combat 5G COVID-19 fake news, urges Europe. EURACTIV (2020, 3 de Junho)
 12. Cell-tower attacks by idiots who claim 5G spreads COVID-19 reportedly hit US. Ars Technica (2020, 18 de Maio)
 13. Four experts investigate how the 5G coronavirus conspiracy theory began. The Conversation (2020, 11 de Junho)
 14. Waging a global campaign to halt 5G. Coda (2020, 5 de Fevereiro)
 15. Real 5G issues overshadowed by Covid-19

conspiracy theories. Investigate Europe (2020, 12 de Junho)

16. Here's Why Everyone On Facebook Is Talking About Woodstock And The Coronavirus. BuzzFeed News (2020, 14 de Maio)

17. These Are The Fake Experts Pushing Pseudoscience And Conspiracy Theories About The Coronavirus Pandemic. BuzzFeed News (2020, 21 de Maio)

18. The Infodemic: Russia and EU accuse each other of spreading misinfo; Bolivian president turns to pseudoscience; Islamophobic Covid-19 disinfo spreads. Coda (2020, 18 de Maio)

19. Time to tell the truth' on Chinese disinformation, Jourova says. Euractiv (2020, 10 de Junho)

E em Portugal?

Estávamos a 12 de Março - 10 dias após a confirmação do primeiro doente português com Covid-19 - quando a Direcção-Geral da Saúde (DGS) alertou para uma "corrente no WhatsApp [que] garante que já morreram duas pessoas. É falso". A autoridade sanitária "lamenta e condena este tipo de atitudes que em nada contribuem para o combate a este novo surto".

A 16 de Março, é a própria ministra da Saúde, Marta Temido, a confirmar a primeira morte, um idoso com 80 anos, que estava "há vários dias" internado no Hospital de Santa Maria.

Nessa segunda-feira, já Portugal estava em estado de alerta, instituído pelos ministérios da Administração Interna e da Saúde. Os números conhecidos antecipavam o problema futuro: entre 11 e 13 de Março, o total de casos confirmados quase duplicou (evoluiu de 59 para 78 a 12 de Março e chegou aos 112 no dia seguinte) e os casos suspeitos quase triplicaram, passando de 471 para 637 e crescendo para os 1308 a 13 de Março.

Apesar de ser uma pequena sequência, são valores indicativos que pros-

seguem em crescendo: no dia do anúncio da primeira morte, confirmaram-se 331 casos e 2.908 suspeitos.

A situação de alerta vigorou até 9 de Abril perante a "situação epidemiológica a nível mundial", a constatação do "aumento dos casos de infecção em Portugal, com o alargamento progressivo da sua expressão geográfica" e pela "necessidade de conter as possíveis linhas de contágio para controlar a situação epidemiológica" no país.

O que não se conseguiu conter foram as mentiras relacionadas com o coronavírus, e que não passavam apenas pelo WhatsApp. Cristiano Ronaldo foi envolvido primeiro por uma cientista espanhola que lhe recomendou e a Lionel Messi gastarem da fortuna pessoal para se encontrar uma cura. A mensagem em espanhol, partilhada mais de 200 mil vezes, incluía uma fotografia de uma ex-ministra mas não se encontrou qualquer declaração de cientistas em tal apelo filantrópico.

Noutra desinformação, o investidor Ronaldo apareceu a reconverter os seus hotéis em hospitais para os pacientes portugueses com Covid-19.

Perante o silêncio do futebolista, o grupo sócio Pestana explicou à AFP que era uma "informação errada" e não existia "qualquer indicação nesse sentido".

A AFP Factual registou ainda a fotografia de "uma praia de Portugal preparada para o distanciamento social", com dezenas de cabanas afastadas, supostamente localizada no Algarve. A imagem, real, é de uma praia privada na Antalya (Turquia) e as cabanas já existiam antes da pandemia.

Pedir isto e o contrário

Foi relativamente fácil a confusão triunfar quando falharam os principais intervenientes (instituições de saúde internacionais, governos, entidades sanitárias nacionais e comunicação social) nas três linhas de intervenção necessárias para acalmar a população portuguesa: clareza, transparência e coerência.

"O que sucede é que, de repente, a mensagem transmitida pelas autoridades, como a DGS e o Governo, mudou radicalmente, e em poucos dias, e agora é suposto as pessoas fazerem o contrário do que estavam a

fazer e terem coragem para retomar a sua vida. É-lhes pedido que enfren-tem situações que podem constituir uma ameaça para si, e obviamente que se reage com medo e ansiedade. Dizem-nos agora que os números são consoladores, e são de facto, mas ainda assim não há certezas de que isto não possa voltar atrás, de que não se possa voltar a fechar tudo se as pessoas não acatarem as ordens e o número de novos casos disparar. A mensagem transmitida é dupla e é também ambígua, e esta incerteza abre portas ao medo"¹.

A síntese do psicólogo Daniel Rijo, da Universidade de Coimbra, refere ainda que "não haveria outra forma de fazer isto, porque 'não podemos estar à espera que seja superconfortável para toda a gente voltar à normalidade'".

Perante a rapidez da evolução da pandemia e a quantidade de mensageiros envolvidos nos alertas públicos, criou-se uma situação pouco reconfortante.

"Este tipo de alturas são sempre muito complicadas e ao mesmo tempo decisivas. A comunicação deve

ser estratégica para ser eficaz" e "deve ser uma prioridade, extremamente pensada, para não causar medo nas pessoas, não as paralisar e interferir com a sua vida"², sintetizou Rita Araújo, da Universidade do Minho.

A comunicação das autoridades responsáveis foi "confusa, o que prejudica a adesão das populações", apesar dos portugueses aderirem ao confinamento "por um impulso, sobretudo, de medo". Neste momento, "tem de haver algo que nos guie, uma lógica que nos faça aderir a esse plano"³, defendeu Miguel Castanho, da Universidade de Lisboa.

A confusa comunicação das autoridades foi notória a vários níveis. A falta de informação oficial fiável, válida e atempada potenciou a disseminação de notícias falsas.

O registo de óbitos é um dos dados mais sensíveis e cuja fiabilidade foi menos explicada. Essa contagem é efectuada de uma forma estranha. A DGS esclareceu em Abril que "a mortalidade por Covid-19 é considerada como evento terminal. Ou seja, qualquer pessoa que morra com a infecção é considerada morta por Covid-

-19, independentemente da causa básica da morte"⁴.

Dito de outra forma, alguém infectado e que morra com um ataque de coração ou pela queda de um piano de um 7º andar, fica registado como falecido pelo Covid-19.

Em paralelo, quando se associam os dados do confinamento aos óbitos, também pouco é esclarecido. Os dados da mortalidade para os primeiros meses de 2020 em muitos países revelaram "aumentos acentuados associados ao início da pandemia do Covid-19 em cada um", segundo um artigo⁵ publicado em Maio.

"Surpreendentemente", diz o autor, "esses aumentos não começaram antes de os bloqueios serem impostos, mas depois" e, "em quase todos os casos, começaram imediatamente depois. Frequentemente, os números de mortalidade estavam numa tendência de queda antes de repentinamente se reverter o curso após decretar os confinamentos".

Esta "descoberta surpreendente" ocorreu quando "testes póstumos mostraram que o vírus estava a circular - e a

matar - semanas, ou mesmo meses antes de ser detectado inicialmente em muitos países".

Sabendo-se que "a prevalência do vírus foi amplamente subestimada" quando se iniciou a pandemia e "se as autoridades de saúde subestimaram amplamente a prevalência do vírus no início da pandemia, porque esperou o vírus até os confinamentos serem impostos para começar subitamente a matar em níveis que excederam as mortes normais"?

Em Portugal, o confinamento foi decidido a meio de Março e iniciou-se a 22 desse mês, com prolongamentos sucessivos até 4 de Maio. O pico diário de mortes relacionados com a epidemia (37) ocorreu a 3 de Abril, segundo o [Worldometers.info](https://www.worldometers.info).

O investigador Pedro Vieira explicou-nos que, "embora sem ter todos os elementos, penso que quando se verificou o confinamento em muitos países já estava tudo muito descontrolado, sobretudo nos lares e população mais idosa. Como há um deferimento entre contaminação e desfechos fatais, acresceu esse aumento de mortes durante o período de confina-

mento". No período após ter sido "declarado" o fim do confinamento "não tem havido aumento da mortalidade; pelo contrário".

O investigador do ISCTE advoga que, apesar do incremento "atípico" dos óbitos entre Março e Maio, "a mortalidade diária nunca atingiu, mesmo com a Covid-19, valores anormalmente excessivos. A confirmar esta situação, no dia mais letal de 2020 (15 de Janeiro) contabilizaram-se 426 óbitos, quatro a mais do que se registariam no pico da pandemia (4 de Abril). Estes valores contrastam com os máximos muito mais elevados em outros anos de forte intensidade gripal: 478 em 2014-2015; 578 óbitos em 2016-2017; 450 óbitos em 2018-2019 e 483 óbitos em 2019-2020".

Em resumo, a mortalidade com a pandemia, "apesar de relevante, não atingiu proporções catastróficas". E, prossegue, "embora 2020 tenha mais óbitos nos cinco primeiros meses, o incremento não é muito significativo. A taxa de mortalidade neste período foi mesmo semelhante à de 2018".

Desconhecendo-se os efeitos de um "não-confinamento, certo é que, ana-

lisando os boletins diários da DGS relativos aos casos positivos, verificava-se que as medidas políticas do confinamento não tiveram, ao nível dos contágios, efeitos muito positivos. Com efeito, mesmo tendo em consideração um período de incubação de 5-6 dias, o número de contaminações por dia cresceu muito significativamente até 2 de Abril, atingindo então 803, quase oito vezes mais do que no dia 18 de Março"⁶.

Outros estudos revelam como o confinamento poderá ter impactado na mortalidade: um mês após o registo da primeira infecção de Covid-19 em Portugal, entre 16 de Março e 14 de Abril, o país teve 18.051 casos e 599 óbitos registados. Nesse período, houve "um excesso de 1.255 mortes por todas as causas, 14% acima do expectável"⁷, com o maior número de óbitos em excesso a ocorrer na população com mais de 75 anos.

Em 20.293 casos confirmados até 28 de Abril, "a idade acima dos 60 anos era a principal determinante" das mortes ou dos internamentos, bem como ser do sexo masculino⁸. Assim, a posterior crise pandémica nos lares e casas de retiro para idosos demons-

tra algum desleixo quando, pelo menos desde Maio, se sabia do tipo de população mais vulnerável.

"O grupo dos idosos, os mais vulneráveis, estão em termos absolutos e relativos a ser menos contaminados" mas "os casos positivos desta primeira semana de Junho previsivelmente originarão, em breve cerca de 3 óbitos por dia. Pode-se conseguir melhor? Claro, com muitos custos económicos. Mas com menores custos económicos podemos salvar muitas mais de outras afecções, se o SNS não continuar obsessivamente a olhar para a covid julgando que alguma vez vamos conseguir zero mortes por esta causa", escrevia Pedro Vieira no seu blogue Nos Cornos da Covid, a 8 de Junho.

Quando se impôs o confinamento, existiam apenas 62 casos registados de Covid-19 em Portugal. Essa decisão, política, deu tempo ao necessário Serviço Nacional de Saúde (SNS). "Se o bloqueio não tivesse sido implementado em meados de Março, a capacidade das [unidades de cuidados intensivos ou UCI] em Portugal (528 leitos de UCI) provavelmente teria sido ultrapassada na primeira quinze-

na de Abril. O confinamento parece ter sido eficaz na redução da transmissão do SARS-Cov-2, da doença grave do Covid-19 e mortalidade associada, diminuindo a procura por serviços de saúde" e dando assim "tempo para o SNS adquirir equipamentos de protecção, aumentar a capacidade de testar e lidar com o aumento da procura hospitalar e de UCI causada pela pandemia"⁹.

Desta forma, pode-se entender que o gráfico tantas vezes mostrado da curva a necessitar de achatamento não visava o Covid-19, como se supôs, mas era um instrumento político para garantir este aumento atempado da capacidade de resposta das UCIs.

Pedro Vieira tem a mesma opinião: "o confinamento serviu para, não apenas encontrar uma estratégia adequada para proteger os mais vulneráveis, 'achatar' a curva epidemiológica, de modo a não sobrecarregar os serviços de saúde.

Ora, ninguém garantia que a Covid-19 desaparecia por completo, mesmo se a sua actividade claramente tem diminuído em toda a Europa com o

aproximar do Verão". A juntar à confusão, na fase de desconfinamento entre 3 de Maio e 13 de Junho, morreram 11.124 pessoas, mais 807 mortes do que se antecipava perante os registos dos últimos seis anos. 59% destas não foi registada como sendo devido à Covid-19 mas como mortes colaterais, cujas causas são difíceis de obter porque "os dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde não permitem fazer análises por grupos diagnósticos mais detalhados"¹⁰. No entanto, "é pouco provável" que tenham morrido de Covid-19 mas não classificados dessa forma.

Nesse espaço de tempo, "observaram-se 474 mortes (4%) por Covid-19 e 10.650 (96%) por outras causas naturais". Esse valor total só corresponde a excesso de mortalidade quando se contabilizam os referidos 474 óbitos por Covid-19.

No blogue Nos Cornos da Covid, questionou-se em diversas ocasiões os números da mortalidade. Um exemplo, de 10 de Junho: "o excesso de mortalidade desde 16 de Março (com referência à média de 2010-2019) é de 3.776 óbitos. Houve 1.492 vítimas por covid. Restam, para

explicar o excesso, 2.284 óbitos, de maleitas diversas. Um importante foi a onda de calor de Maio". Assim, "começa a ser exasperante ver os dias a passar, o número de vítimas da covid-19 a reduzir, mas não há volta a dar: a mortalidade continua elevada. E não há uma palavra do Ministério da Saúde sobre isto. Não há perguntas dos jornalistas em conferências de imprensa que tratam de falar ad nauseum de 3% ou 4% das mortes em Portugal".

Mediacríticos

Este investigador não questiona os media sem provas. "Não costumo embandeirar na onda daqueles que criticam a comunicação social (até por ter sido jornalista)", escreveu. Estávamos a 6 de Junho quando constata como na imprensa "não há uma crítica. É um amen absoluto. Opinadores elogiam a acção governamental porque sim. Há jornais que, pela sua ausência de análise crítica ao Governo vão pagar caro. Não aprendem com os erros do passado, que os levou à perda paulatina de leitores (não é só a Internet). Quando estou a falar em análise crítica, não estou a dizer que se critique o Governo; estou sim a

dizer que a imprensa deve fazer análises com sentido crítico para, em seguida, concluir algo... favorável ou desfavorável".

No final de Maio, apontou como "a comunicação social tem, em termos globais, contribuído muito para alimentar o medo. A quantidade de notícias com títulos alarmistas (com o recurso ao verbo PODER) atinge níveis de insanidade.

Por norma, quase todos os órgãos de comunicação social têm seguido a 'linha informativa' do Governo, não questionando, por exemplo, o grave problema do excesso de mortes por outras causas".

Aliás, apontou algo semelhante quando foi revelada (mas ignorada pelos media) uma análise do Instituto Nacional de Estatística a mostrar como "o efeito da pandemia foi nulo nos menores de 65 anos", em termos de mortalidade acumulada entre 1 de Março e 10 de Maio para 2020, 2019 e 2018.

"A tentação é continuar a dar notícias que alimentem o pânico e justifiquem a 'nova normalidade' imposta pelo

Governo, que dá sempre um 'bom' fluxo noticioso. Porém, há limites!", escreveu.

Na realidade mediática, não houve limites, demonstraram 92% dos 200 jornalistas num estudo efectuado pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Esses profissionais da comunicação social vangloriaram-se de influenciar a realidade e não de a terem retratado. O estudo era preocupante por a maioria dos inquiridos ter "responsabilidades editoriais".

Como sintetizou o Público, "nove em cada dez jornalistas admitem que nos primeiros dois meses de pandemia houve uma preocupação a nível editorial, nos meios de comunicação social, de orientar os cidadãos para comportamentos de prevenção e tratamento da covid-19, nomeadamente para o confinamento"¹¹.

Foi "a primeira vez em regime democrático que os media assumem que encaminham o seu público", notou Felisbela Lopes, coordenadora deste primeiro "Inquérito Sobre o Impacto da Covid-19 no Jornalismo em Portugal", realizado no final de Maio.

A ironia é que, em contraste com a admissão de terem "orientado" as suas audiências numa suposta "identificação com um espírito e missão de serviço público", consideram como positivo o "esforço acrescido pela verdade, maior rigor e qualidade dos conteúdos, mais respeito pela privacidade".

Por contraste, os principais problemas derivaram da "dificuldade na triagem da informação credível sobre a covid-19 (52%), a falta de colaboração das fontes de informação (14%), a dificuldade no acesso à informação do dia (12%), a escassez de informação relevante e credível sobre a doença (6%)".

As conferências de (alguma) imprensa

Sobre a dificuldade no acesso à informação oficial, o investigador dos media Pedro Jerónimo recordou que, "quando vemos o Ministério da Saúde e a DGS a demorar quase dois meses para permitir o acesso dos jornalistas dos media regionais às conferências de imprensa diárias ou demais ministérios ou organismos públicos a tratar de forma diferenciada os profis-

sionais, dependendo do meio para o qual trabalham, não estamos a zelar por comunidades informadas"¹².

Esta falta de colaboração entre fontes oficiais com alguma comunicação social obrigou o Sindicato de Jornalistas (SJ) a "informar"¹³ o ministério da Saúde a 7 de Abril "sobre o que poderia configurar uma desigualdade de tratamento no acesso à informação, depois de ter sido alertado por dois órgãos de informação regional, excluídos das referidas conferências de imprensa". Seis dias depois, o ministério passou "a incluir perguntas da imprensa regional" em eventos para alguma imprensa que ocorriam desde 9 de Março.

Para Felisbela Lopes, "este é o tempo de pensar de forma muito aprofundada a comunicação em saúde pública" para evitar "estas falhas sucessivas por parte das autoridades sanitárias"¹⁴.

Isto é igualmente válido para os media que se prestam a estas situações. Entre uma missão de serviço público, uma escassez de informação fiável e uma fraca prestação das entidades sanitárias, eles "foram decisi-

vos na mensagem que passaram para o rápido confinamento das pessoas" e no seu sucesso, assegura a investigadora, lembrando que "isso foi feito sem qualquer orientação generalizada, combinação prévia ou auto-regulação". Mas o resultado final é que "procuraram ser coadjuvantes das autoridades sanitárias. E, por extensão, do poder político"¹⁵.

Também por isso, defende outro co-autor do estudo, Alberto Sá, "a especialização dos jornalistas, que já se mostrou fundamental no período da crise financeira, ganha novos argumentos com a pandemia. É importante investir na especialização dos profissionais para promover uma cobertura noticiosa mais crítica e vigilante"¹⁶.

Felisbela Lopes considera o modelo adoptado pela comunicação do Governo como fraco, falhando em dar uma "resposta comunicacional adaptada ao tempo em que estamos". Afinal, "se a informação também é uma arma de combate à pandemia, alguém tem que cuidar dela".

Ora isso parece não ter ocorrido e 87% dos inquiridos no estudo consta-

tou ter enfrentado um "aumento da informação falsa".

Portugal com muita ou pouca desinformação?

Em sentido contrário, um outro trabalho do MediaLab/ISCTE-IUL notou, no início de Março, que "as narrativas desinformativas internacionais não tiveram grande repercussão em Portugal até ao momento e as redes sociais são em geral críticas da dramatização sugerida pelos media"¹⁷.

A desinformação sobre o coronavírus "não parece ter tido um papel muito relevante" em Portugal, com exemplos sobretudo em páginas de Facebook (e menos em grupos) usando narrativas importadas dos EUA. Os vídeos no YouTube eram também "pouco relevantes" para Portugal.

O aproveitamento interno feito visou "atribuir às autoridades políticas portuguesas a responsabilidade pelas falhas de prevenção ou tratamento da epidemia", sendo um assunto em crescimento desde que foram confirmados os primeiros casos em Portugal.

As pesquisas no Google ou nas redes sociais visaram a informação útil e fidedigna e "desdramatizar a cobertura dos media", então "considerada excessiva".

Num trabalho posterior de análise à postura dos portugueses nas redes sociais, os investigadores notaram como "os meios de comunicação social tornaram-se numa fonte central para alimentar com informação os grupos de Facebook de apoio e partilha de vivências de isolamento social"¹⁸.

Os media "destacaram-se, igualmente, através de um importante papel de dissuasão e combate à desinformação, através de processos de 'fact-checking', como no caso do 'Polígrafo'/SIC ou do 'Observador'", bem como criando análises de contexto e de boas práticas, como no caso do 'Diário de Notícias'".

Apesar disso, a desinformação sobre os hotéis de Cristiano Ronaldo colheu junto de alguns media tradicionais e estes "sucumbiram à falsidade alimentada pelas redes sociais".

As conclusões do pequeno estudo - decorreu apenas entre 12 e 15 de Março, usou as redes sociais e as pesquisas online no Google e contextualizou os resultados com outros desde Fevereiro - mostram que os portugueses procuraram informação credível e útil mas também aceitaram acriticamente alguma da que encontravam.

Os dados indicam que "a partilha de conteúdos falsos, manipulados ou enganadores nos grupos de WhatsApp em Portugal é em grande quantidade, com a replicação dessas mensagens sem qualquer preocupação de reflexão, verificação" ou sequer com as consequências da partilha.

A recolha e análise desses conteúdos no WhatsApp é "complexa" mas permitiu saber que as mensagens mais partilhadas eram em formato áudio (cerca de 70%), texto e, por fim, imagens e vídeos (pouco mais de 5%, cada).

Existe nas páginas e grupos associados à produção e propagação de desinformação, como sucedeu com os incêndios, "uma tentativa de generalizada de usar o tema para fazer combate político. O tema mostrou ainda

algum interesse para utilizadores sabendo-se que os novos grupos de Facebook para partilhar informação sobre o Covid-19 "nasceram e cresceram muito rapidamente.

A dúzia de grupos monitorizados contava com mais de 650 mil membros e mais de 789 mil interações por semana. Um dos grupos atingiu os 624 mil membros entre a data de criação a 12 de Março e o dia 15.

Na análise destaca-se ainda "o facto de, num primeiro momento, existir uma quase ausência de desinformação (prévia ao anúncio de casos de infeção). Posteriormente, seguiu-se um momento de forte propagação de desinformação via WhatsApp, maioritariamente assente em áudios, e, num terceiro momento, a apropriação positiva das redes sociais, via grupos de Facebook, para troca de informação e organização de redes de apoio, etc.

No âmbito já referido de ser mais fácil transmitir desinformação se ela tiver a assinatura de alguém com um título profissional credível, os investigadores notaram, como característica dominante desses conteúdos, "o

suposto testemunho de um especialista de saúde" para sustentar a teoria da conspiração. "A desinformação de saúde parece assentar na passagem de falsidades associadas à credibilidade que as profissões de saúde têm na sociedade portuguesa, nomeadamente a profissão médica", salientam.

As falsidades "atingem dimensões de partilha virais porque, para o cidadão comum, uma mensagem [em áudio] partilhada no WhatsApp por um profissional de saúde assume o mesmo peso de autoridade do que aquele que ocorre numa consulta ou interacção face a face".

Os investigadores notaram ainda como a desinformação no WhatsApp é mais perigosa do que noutras redes sociais por não se poder moderar ou remover. Nesta pandemia, afirmam, "a distância social nas redes sociais tem também de ser uma prioridade".

A desinformação em língua portuguesa já emergia na altura destes estudos, constatou a Avaaz. O trabalho da rede activista revelou que os utilizadores em língua italiana, espanhola e portuguesa "parecem receber significativamente menos alertas do Facebook e,

portanto, correm maior risco de serem expostos a informações erradas"¹⁹.

Desde Fevereiro a Abril, a Avaaz analisou milhares de conteúdos desinformativos sobre o coronavírus, focando-se numa centena em seis diferentes línguas já antes classificados pelos verificadores de factos. A conclusão foi que, apesar do seu perigo para a saúde pública, foram partilhados 1,7 milhões de vezes e obtiveram 117 milhões de acessos no Facebook.

A Avaaz realçou o tempo de demora nas políticas anti-desinformação do Facebook, que permite a milhões de utilizadores acederem a conteúdos que, em média, só 22 dias depois serão rotulados como falsos ou enganadores. É demasiado tempo de espera quando esta rede social é o "epicentro da desinformação sobre o coronavírus". E quando isto ocorre mesmo após a emissão de alertas de entidades como a OMS ou dos verificadores de factos da sua rede.

Os outros

O uso dos verificadores de factos para contrariar a desinformação não é consensual, existindo correntes contradi-

tórias fora desse "movimento" - que é pago, eliminando à partida qualquer putativa independência com que se pretendam proteger.

"A verificação de factos ganhou destaque como um movimento para revitalizar os ideais de busca da verdade no jornalismo" mas "poucos estudos avaliaram formalmente o desempenho geral" deles, refere um artigo²⁰ que tentou validar os resultados dos verificadores de factos.

A análise incidiu sobre dois conhecidos "fact-checkers" nos EUA, o Fact Checker e o Politifact, e "surpreendentemente, apenas uma em cada dez declarações foi verificada pelos dois". Nas avaliações de ambos, ocorreu "um desempenho bastante bom em falsidades ou verdades óbvias; no entanto, a taxa de concordância foi muito mais baixa para declarações na faixa de pontuação mais ambígua (ou seja, 'Meia Verdadeira' ou 'Principalmente Falsa')".

Estes "resultados sugerem que a verificação de factos é difícil e a sua validação desafiante", até porque eles "raramente avaliam afirmações exactamente iguais e discordam com mais

frequência do que se poderia supor, principalmente quando os políticos elaboram uma linguagem para ser ambígua". Essa "ambiguidade estratégica dos políticos pode impedir os objetivos do movimento de verificação de factos".

Na Europa, um outro estudo mostrou como o seu impacto, em termos políticos, é reduzido. O trabalho concluiu que "os factos alternativos são altamente persuasivos; a verificação de factos melhora o conhecimento factual dos eleitores mas não afecta as conclusões políticas nem o apoio ao candidato; a exposição a factos por si só não diminui o apoio ao candidato, mesmo que os eleitores actualizem os seus conhecimentos"²¹.

Em Portugal, a aposta institucional nos verificadores de factos quis alargar a sua tarefa para fora do discurso político e dar-lhes alguma relevância no combate às "fake news" científicas.

O Polígrafo foi o caso mais relevante quando, a partir de 2 de Março, permitiu que os seus conteúdos sobre o coronavírus fossem "validados cientificamente" pela DGS. Essa intromis-

são editorial constava da parceria²² com a DGS para "identificar, avaliar e classificar a informação que vai sendo publicamente partilhada sobre um tema que é já um 'case study' mundial em matéria de desinformação".

O site editorial já antes publicava artigos sobre o coronavírus. Começou a 27 de Janeiro, pelo menos, com um artigo sobre a "epidemia do coronavírus: é verdade que já existe uma vacina"? Cerca de duas centenas de artigos depois, nenhum criticava qualquer declaração da DGS.

O Observador, que integra a International Fact-Checking Network, manteve algum foco na desinformação sobre o Covid-19 colocada nas redes sociais.

Nas lacunas mais importantes, registe-se o Combate às "fake news" da Lusa (combatefakenews.lusa.pt), uma agência noticiosa que nem sequer criou uma secção dedicada e manteve um reduzido número de actualizações sobre o coronavírus, abandonando este espaço de intervenção procurado por projectos semelhantes em redes ou países da América Latina.

Nesse âmbito, Observador e Polígrafo associaram-se em Maio ao projecto Latamcoronavirus, "um esforço colaborativo de 35 organizações", coordenado pelo jornal Chequeado.com e entidades de países como o Brasil, Espanha ou Venezuela.

Nas novidades, o MediaLab/ISCTE-IUL lançou o Covidcheck.pt, um site focado no Covid-19 em geral - com secções como Recomendações e Não se deixe enganar ou a Análise do dia - mas com alguns textos sobre a desinformação na pandemia. O primeiro texto apareceu a 10 de Maio para responder se ocorria alguma transmissão do Covid-19 por mosquitos.

Em termos gerais, tem como objectivo ajudar "a otimizar a comunicação oficial e a esclarecer questões sobre a pandemia, através do entendimento público de informação codificada, classificada, validada e transformada em recomendações para os cidadãos, idosos e outros grupos de risco".

O projecto "nasceu da constatação de que um dos grandes problemas da pandemia provocada pelo coronavírus é a informação e comunicação", existindo "falta de informação, infor-

mação dúbia ou incompleta" e, por outro lado, "muita desinformação, com consequências perigosas ou mesmo graves para a saúde".

Atrás de cortinas

O aproveitamento político em Portugal numa crise de saúde foi curioso. O primeiro-ministro afirmou no início da pandemia que a preocupação era com a saúde e não com a economia. Pouco depois, essa posição inverteu-se para se preparar o desconfinamento e a abertura económica. A questão não era política nem ideológica e, se necessário, o governo saberia "dar um passo atrás" em decisões tomadas com justificação científica. Mas quem foi ou é a face científica da pandemia, a autoridade na narrativa da ciência?

A directora-geral da DGS e a ministra da Saúde (ou os seus subalternos) apareciam nas diárias conferências de imprensa mas não deixavam de ser personalidades políticas, desde a procura do espaço televisivo nas conferências da TV ao controlo dos media a quem distribuíam a sua informação oficial.

Nos designados encontros do Infarmed viam-se ministros, deputados e ouvia-se uma declaração do Presidente da República. O espaço de aconselhamento científico na crise ficava atrás de cortinas.

As vozes da ciência que se ouviram variavam na mensagem, não tinham autoridade política e dependiam, naturalmente, do contexto científico em que se integravam (análise estatística e virologia podem estar ligadas mas não falam do mesmo). O desalinhamento estratégico triunfou, desvendou-se a enorme fragilidade institucional. A desinformação, apesar dos alertas atempados para o seu perigo nas redes sociais, prosseguiu o seu caminho.

Um grupo global com mais de 2.000 médicos - incluindo portugueses - assinou uma campanha da Avaaz a alertar²³ como a intoxicação pelas plataformas sociais contribuía para o crescente número de mortos.

“A desinformação sem controlo nos media sociais custa vidas e precisamos de uma acção severa para impedir essas mortes evitáveis”, disse Ricardo Mexia, um dos signatários da

campanha, que pediu às empresas de mídia social para “corrigir” as informações erradas sobre a saúde e alertar as pessoas que pudessem ter interagido com essas mensagens.

O também presidente da Associação Portuguesa de Médicos em Saúde Pública considerou que “o termo ‘infodemia’ criado pela OMS falhava em descrever a magnitude do problema que enfrentamos com a desinformação”.

Ele recorda como foi “solicitado a explicar, repetidas vezes, que não devemos correr para a farmácia comprar X (substitua X por qualquer um dos medicamentos que foram apresentados como cura), que não há uma conspiração para remover as nossas liberdades civis ou que o uso de uma máscara não causa hipóxia letal (temos há décadas operações por cirurgias com hipóxia?). Estes são apenas alguns exemplos dos desafios que enfrentamos diariamente”.

Ainda sobre o documento, “alguns governos demoraram a agir de forma eficaz em boa parte porque acreditaram em linhas de pensamento sustentadas pela desinformação”, realçou

Duncan Maru, epidemiologista no Arnhold Institute for Global Health da Icahn School of Medicine at Mount Sinai (Nova Iorque).

A eficácia das falsidades “ajudou a permitir que o vírus se espalhasse mais rapidamente” e ajudou na elaboração de outras políticas mais interessantes para certos estados.

Com o medo e o pânico instalados a pedirem um estado semi-policial sem oposição e com mídia amorfos, a distopia impôs-se naturalmente. Se existe “bastante medo social, em alguns casos pânico”, a responsabilidade deve ser apontada às entidades oficiais portuguesas que “foram promovendo essa preocupação permanente das pessoas”, recordava em Março, em declarações à agência Lusa, a investigadora Felisbela Lopes.

Um inquérito²⁴ demonstrou que eram as camadas mais jovens (16-34 anos) quem tinha “menos confiança na resposta das autoridades e em quase todas as fontes de informação”, ignorância que potenciava o seu apoio a “medidas mais restritivas para lidar com a pandemia”.

Naturalmente, "à medida que aumentam a idade, a escolaridade e os rendimentos dos inquiridos, diminui a propensão para a defesa de maiores limitações". O apoio a estas surgia mais de "quem se posiciona ideologicamente ao centro ou à direita" e menos nos homens.

Apesar de não ser estatisticamente representativo da população, o trabalho apontava como "uma maioria expressiva dos inquiridos" confiava na televisão e na imprensa, com excepção dos mais jovens e dos com menores níveis de escolarização, que preferem as redes sociais.

Dois meses depois, uma actualização do inquérito notou novamente a "preocupação" com as "formas de controlo da vida dos cidadãos, da imposição de restrições de direitos, liberdades e garantias individuais 'que até hoje temos como certas', favorecidas pelo clima de medo generalizado que tende a instalar-se na população. É como se o Estado, cada vez mais 'vigilante' e 'policial', estivesse 'a apertar o cerco sobre as pessoas'"²⁵.

E depois?

O que acontecerá, se e quando se descobrir uma vacina contra o Covid-19? Voltará a sociedade aos tempos de 2019? O "novo normal" não será anormal, não se continuará a querer ter o normal anterior, essa zona de conforto de que muitos não querem abdicar? E a desinformação, como irá evoluir, quando não se antecipa como possa terminar?

"Para haver desinformação, tem de haver interesse e preocupação por parte das pessoas", advoga Gustavo Cardoso, e "quanto maior a preocupação, maior a probabilidade de haver transmissores dessa desinformação"²⁶.

Para este sociólogo e coordenador do MediaLab/CIES-ISCTE, há um cenário a ter em atenção nas redes sociais, porque "quando tudo isto passar, quando a pandemia terminar, estes grupos vão continuar a existir e uma das coisas que o Facebook tem, historicamente já vimos isso a acontecer noutros contextos, é que grupos com muita gente depois às vezes são de alguma forma apropriados por terceiros com outros fins. Podem ser na

melhor das hipóteses comercial, mas podem ser na pior das hipóteses, efectivamente, desinformativos e com o objetivo de criar dinâmicas, aí sim, organizadas para criar algum tipo de perturbação social no quadro político, etc. É algo a que devemos estar atentos, para em geral olhar para tudo aquilo que foi criado e que fim vai ter, porque quando a pandemia terminar é natural que os grupos de apoio à situação de pandemia também esgotem aquilo que era o seu objectivo. Mas o grupo vai lá continuar com o mesmo número de participantes".

Uma forma de contornar esses efeitos e um confronto directo com as empresas tecnológicas detentoras das redes sociais pode passar por enfrentar os chamados "influencers, instagramers, youtubers e bloggers".

Eles "têm de ser, de alguma forma, responsabilizados pelo impacto que aquilo que defendem e que apresentam tem nos seus ouvintes ou nos seus seguidores e, neste momento, a legislação actual não prevê isso", explicou à agência Lusa o médico Francisco Goiana da Silva, co-autor do trabalho "Desinformação e saúde: uma perspectiva bioética", vencedor do

Prémio em Bioética João Lobo Antunes 2020.

Essa responsabilização acaba por equilibrar uma "indústria dos media que é extremamente regulada e, por outro, uma indústria informal" com elevada influência e que não tem "qualquer tipo de regulação".

Os autores detectaram como os "artigos noticiosos relacionados com saúde e estilos de vida são 'extraordinariamente populares' e chegam a milhões de pessoas em todo o mundo, o que afecta os seus comportamentos"²⁷. Mas eles também têm "frequentemente informação errada e potencialmente perigosa para a saúde dos indivíduos e para a saúde colectiva".

Esta realidade, acentuada pela pandemia, "já se verificava em relação a fenómenos como a vacinação, a obesidade, a nutrição, o consumo de álcool e outras substâncias, o consumo do sal ou do açúcar".

Quanto a soluções, o "problema deve ser solucionado através de três actores. Primeiro, os governos devem desenvolver uma regulação que ajude

a indústria dos media a auto-regular-se, devem garantir o direito à liberdade de expressão e imprensa, bem como actualizar a legislação em vigor no sentido de responsabilizar os novos veículos de informação digitais informais, como ‘influencers’. Depois, a indústria dos media deve desenvolver uma plataforma que envolva representantes dos media e autoridades de saúde para que se supervisione a situação ao nível da desinformação (sempre tendo em conta a auto-regulação). Por fim, os cidadãos devem ser capacitados para que consigam identificar e escolher fontes fiáveis de informação de saúde".

É uma transição radical perante o passado e, falando apenas do século XXI, uma tal interferência positiva na sociedade não sucedeu com qualquer das grandes epidemias anteriores (SARS, H1N1 e MERS). Poderá vir a acontecer, agora, com a Covid-19?

"Vivemos num oceano invisível de diversidade e ameaça microbiológica, insensível à transitoriedade da vida multicelular. Talvez seja um momento para nós, como cultura, de aprender (...) que a melhor maneira de der-

rotar a energia escura do vírus é transformar a sua engenhosidade entrópica contra si mesmo e superar o vírus, evoluindo pela nossa engenhosidade científica e provavelmente também pelas nossas práticas sociais. Teremos de nos adaptar - mas que escolha temos"²⁸?

-
1. Mensagem do Governo sobre a pandemia “mudou radicalmente”, é “ambígua” e “abre portas ao medo”. Expresso (2020, 25 de Maio)
 2. OMS e segunda vaga de Covid-19: contradição ou erro de comunicação? Jornal de Notícias (2020, 27 de Maio)
 3. Miguel Castanho comenta possibilidade de segunda vaga de Covid-19. news@fmul (2020, 28 de Abril)
 4. Média de idades dos óbitos por COVID-19 é 81.4 anos. DGS (2020, 18 de Abril)
 5. Questions for lockdown apologists. Medium (2020, 23 de Maio)
 6. A pandemia da covid-19 em Portugal: uma radiografia estatística e analítica. Pedro Almeida Vieira (2020, Junho)
 7. Rapid estimation of excess mortality in times of Covid-19 in Portugal - Beyond reported deaths MedRxiv (2020, 19 de Maio)
 8. Covid-19 :Determinants of Hospitalization, ICU and Death among 20,293 reported cases in Portugal. MedRxiv (2020, 30 de Maio)
 9. Rapid assessment of the impact of lockdown on the Covid-19 epidemic in Portugal. MedRxiv (2020, 27 de Maio)
 10. Mortalidade colateral durante o desconfinamento covid-19. Escola Nacional de Saúde Pública (2020, 19 de Junho)
 11. Jornalistas admitem que orientaram cidadãos

- para o confinamento. Público (2020, 17 de Junho)
12. Afirmar o jornalismo, Público (2020, 20 de Maio)
 13. Covid-19: SJ saúda inclusão da imprensa regional nas conferências de imprensa. Sindicato de Jornalistas (2020, 14 de Maio)
 14. Jornalismo teve "papel fundamental" na contenção da pandemia em Portugal. TSF (2020, 17 de Junho)
 15. Jornalistas ajudaram ao sucesso do confinamento no estado de emergência. Jornal de Notícias (2020, 17 de Junho)
 16. Covid-19: Inquérito revela que 9 em 10 jornalistas orientaram comportamento dos cidadãos. Lusa/Jornal de Abrantes (2020, 17 de Junho)
 17. "Coronavírus" nos media e nas redes sociais. MediaLab/ISCTE-IUL (2020, 10 de Março)
 18. Informação e desinformação sobre o Coronavírus em Portugal. MediaLab/ISCTE-IUL (2020, 17 de Março)
 19. How Facebook can Flatten the Curve of the Coronavirus Infodemic. Avaaz (2020, 15 de Abril)
 20. Checking how fact-checkers check. Research and Politics (2018, Julho-Setembro)
 21. Facts, alternative facts, and fact checking in times of post-truth politics. Journal of Public Economics (2020, Fevereiro)
 22. Coronavírus: Polígrafo e Direção-Geral da Saúde estabelecem parceria contra as "fake news". DGS (2020, 2 de Março)
 23. 'Coronavirus misinformation on social media is costing lives': Doctors plead for help over Covid-19 falsehoods. Press Gazette (2020, 9 de Junho)
 24. O Impacto Social da Pandemia. ICS/ISCTE (2020, Abril)
 25. O Impacto Social da Pandemia [Dados da 2ª Vaga]. ICS/ISCTE (2020, Junho)
 26. "A mentira mais estapafúrdia é a de que existe a tentativa de propagar de propósito a pandemia". esquerda.net (2020, 1 de Abril)
 27. Impacto da desinformação na saúde premiado pelo Ministério da Saúde. Público (2020, 4 de Maio)
 28. The Hidden Life of Viruses. Nautilus (2020, 13 de Maio)

